UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

A cobertura noticiosa dos incidentes com tubarões em Pernambuco:

Efeitos de sentido nas vozes dos especialistas

Linha de pesquisa: Mídias, Linguagens e Processos Sociopolíticos.

Palavras-chave: fontes especializadas, incidentes tubarões, enquadramentos.

Orientador: Heitor Costa Lima da Rocha

Renata Magalhães da Silveira

Recife, 2024

.Catalogação de Publicação na Fonte. UFPE - Biblioteca Central

Silveira, Renata Trajano Magalhães da.
A cobertura noticiosa dos incidentes com tubarões em Pernambuco: efeitos de sentido nas vozes dos especialistas / Renata Trajano Magalhães da Silveira. - Recife, 2024.
116f.: il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Programa de Pós-graduação em Comunicação, 2024.
Orientação: Heitor Costa Lima da Rocha.

1. Fontes especializadas; 2. Incidentes tubarões; 3. Enquadramentos. I. Rocha, Heitor Costa Lima da. II. Título.

UFPE-Biblioteca Central

Ao professor Fábio Hazin (In memoriam), referência em Oceanografia Pesqueira e Engenharia de Pesca, pela sua incansável busca por respostas para os incidentes com tubarões em Pernambuco e imensa contribuição às pesquisas.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço às minhas filhas Luiza e Joanna pela compreensão ao serem privadas de minha companhia em muitos momentos; ao meu companheiro Paulinho pelo incentivo e apoio sempre. Aos meus pais Sergio e Enilde. Ao meu orientador, Heitor Costa Lima da Rocha. Aos membros da banca, professora Isaltina e Jonas Rodrigues. À secretaria do programa, professores e aos colegas, em especial a Gilvania Ferreira, pelo apoio. A todos, meu muito obrigada.

Resumo

Os ataques de tubarão fazem parte da vida dos banhistas e turistas que frequentam as praias da Região Metropolitana do Recife (Pernambuco, Brasil) há mais de 30 anos (1992-2024). O Estado contabiliza 77 vítimas de ataques de tubarões, 22 fatais. O acontecimento ataques de tubarão exerce um enorme fascínio midiático, com uma cobertura extensa nos veículos de comunicação e nas redes sociais. Esta dissertação tem como objetivo investigar a cobertura jornalística sobre os incidentes com tubarões nas últimas três décadas, analisando como as notícias factuais são atravessadas por informações cientificas através das vozes especializadas. Metodologicamente, o trabalho consiste na análise de notícias. Nosso *corpus* são as notícias factuais sobre os incidentes veiculadas pelos jornais *Folha de S. Paulo* e o *Jornal do Commercio*, de 1992 até os dias atuais. Com base na análise de conteúdo, organizamos e categorizamos as citações das vozes especializadas, reunindo informações fragmentadas e dispersas ao longo dos textos, identificando temas e fontes. Em um segundo momento, buscamos analisar os enquadramentos que atravessam as falas dos especialistas, discutindo como as informações sobre o fenômeno podem ter influenciado a construção de um novo imaginário da praia, ao tempo que negligenciou o debate sobre o meio ambiente e a comunicação de riscos. A pesquisa constatou que a cobertura dos jornais trata cada incidente com tubarões como um fato novo, com uma narrativa fragmentada e sem aprofundamento. Identificamos que há a predominância de uma única fonte especializada em mais de 60% das notícias e a presença de três temas centrais nas vozes especializadas.

Palavras-chave: incidentes com tubarões, fontes especializadas, enquadramentos.

Abstract

Shark attacks have been part of the lives of bathers and tourists who have frequented the beaches of the Metropolitan Region of Recife (Pernambuco, Brazil) for more than 30 years (1992-2024). The State has 77 victims of shark attacks, 22 fatal. The event of shark attacks exerts enormous media fascination. This dissertation aims to investigate journalistic coverage of shark incidents over the last three decades, through the analysis of the frames imposed on specialized voices in factual news about shark incidents. Methodologically, work on news analysis and interviews with specialized sources. Our corpus is the factual news about the incidents published by the newspapers *Folha de S. Paulo* and *Jornal do Commercio*, between 1992 and the present day. Using content analysis, we organize and categorize citations from specialized voices, bringing together fragmented and scattered information throughout the texts, identifying themes and sources. In a second step, we seek to analyze the discourses that permeate the experts' speeches, discussing how information about the phenomenon may have influenced the construction of a new imaginary of the beach, while neglecting the debate on the environment and risk communication. The research found that newspaper coverage treats each shark incident as a new event, with a fragmented narrative and lacking in-depth analysis. We identified that a single expert source predominates in over 60% of the news reports and that there are three central themes in the expert voices.

Keywords: shark incidents, specialized sources, frameworks

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 e 2 – Título de reportagem do Diário de Pernambuco nos 25 anos dos incidentes e página de abertura de extensa reportagem da *National Geographic*.

Figura 3 e 4 – Chamadas dos sites do jornal *Independent* e *Quartz* durante os jogos da Copa do Mundo no Recife

Figura 5 – Capa do Caderno de Cidades sobre a repressão à prática do surfe

Figura 6 – Linha do tempo dos incidentes e das ações de Estado.

Figura 7 – Postagem com orientações sobre o banho de mar no Instagram oficial da SEMAS

Figuras 8 e 9 – Placas de alertas nas praias em 1995

Figura 10 – Charge de Ronaldo no Caderno de Cidades do *JC* sobre a polêmica da sinalização em Recife

Figura 11 – Primeira página do *JC* com as novas placas de proibição do surfe em 1999

Figura 12 – Primeiras placas padronizadas

Figuras 13 e 14 – Evolução das placas de alerta

Figura 15 – Novo modelo das placas de alerta

Figuras 16 e 17 – Placas de alerta, com proibição do banho de mar próximas a Igrejinha de Piedade

Figura 18 – Turista fotografando sinalização sobre ataques de tubarões na Praia de Boa Viagem (Recife, PE).

Figura 19 – Charge do JC, após mais um incidente em 1994

Figura 20 – Primeira página do JC com notícia e foto de apreensão de pranchas

Figuras 21 e 22 – Capa do Caderno Cidades. Manchete: Tubarão Assassino em Boa Viagem. Subtítulo; primeira página da edição de 17 de setembro de 1997, do *Jornal do Commercio*. Provável tubarão esfacela homem em Boa Viagem (à direita).

Figura 23 – Estatísticas sobre a distribuição das fontes científicas nos jornais *FSP* e *JC*

Figura 24 – Temas centrais e subtemas presentes nas vozes especializadas

Figura 25 – Prevalência dos temas centrais na *FSP*

Figura 25 – Prevalência dos temas centrais no *JC*

Figura 26 e 27 – Títulos com informações científicas em edições distintas do *JC*

Figuras 28 e 29 – Distribuição das matérias assinadas

Figura 30 – Quadro de estatística do CEMIT sobre os incidentes em AFN.

Figura 31 – Caderno de meio ambiente sobre alimentação dos tubarões, com notícia em segundo plano que relata um incidente em Fernando de Noronha.

Figura 32 e 33 – Notícias sobre o primeiro incidente com tubarão em Fernando de Noronha.

Figura 34 – Título do nono incidente ocorrido em AFN

Figura 35 e 36 – Notícias do primeiro e segundo incidentes em AFN

Figura 37 – Notícia sobre o nono incidente com tubarões em AFN

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 1

1. **Os incidentes com tubarões enquanto acontecimento jornalístico 9**

1.1. Jornalismo factual e a busca da objetividade frágil e efémera 15

1.2. Valores-notícias e a relevância dos fatos 18

2. **Interditos, comunicação de riscos e o surgimento de uma nova praia 23**

2.1. Interditos 24

2.2. Comunicação de Risco 30

2.3. As placas de alerta e o novo cartão postal da cidade 35

3. **Fontes noticiosas e construção de sentidos 43**

3*.1. Fontes e enquadramentos 46*

4. O meio ambiente fora da pauta 54

5. **O Discurso da ciência no jornalismo diário 57**

5.1. Os desafios das informações científicas frente a um noticiário sensacionalista 61

6. Metodologia 67

7. Resultados 70

7.1. As Fontes 70

7.2.1. Análise da cobertura da Folha de S. Paulo 71

7.2.2. Análise da cobertura do Jornal do Commercio 77

7.3. Conformidades, enquadramentos, sombras e relevâncias 80

7.3.1. Conformidades 80

7.3.2. Enquadramentos 83

7.3.3. Silenciamentos 83

7.3.4. Relevância 84

7.4. Títulos 85

7.5. Jornalistas 87

8. **Arquipélago de Fernando de Noronha: um capítulo à parte na crise dos tubarões em Pernambuco 88**

8.1. Análise do JC 90

8.2. Análise da FSP 94

8.3. Observações 97

9. Considerações finais 97
10. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 102

INTRODUÇÃO

> Um banho em Boa Viagem é um dos maiores regalos que o Recife oferece a adventícios, tanto quanto a nativos. Uma das experiências mais recifenses que o adventício pode ter no Recife: um mar de água morna, um sol que em pouco tempo amorena o corpo do europeu ou do brasileiro do Sul; vento fresco; recifes; sargaço. Um cheiro bom de sargaço recebe às vezes o turista.
>
> Há no banho nessas piscinas, nos dias de sol forte e vento macio, quando o mar começa a subir, mais de uma temperatura: à água quente da beira da praia se misturam deliciosamente outras águas: mornas e até frias. A sensação é de um banho mágico, encantado; não um simples banho preparado por mucama misteriosa para seu ioiô ou para sua iaiá mas por moura de história fantástica para o seu predileto; e esse predileto é todo indivíduo que entre no mar naquelas piscinas (Freyre, 2007, p. 80).

Cidade litorânea, o Recife passou a agregar o cenário praiano a seu imaginário a partir dos anos de 1920, quando foi construída a então Avenida Beira-Mar (efetivamente inaugurada em 20 de outubro de 1924), posteriormente denominada Avenida Boa Viagem, ao longo da qual foram construídas mansões e casas de veraneio, correspondendo à crença do efeito salutar dos banhos de mar então em voga. A via facilitou o acesso à orla da região sul da cidade, incorporando a paisagem de coqueirais e casas rústicas de pescadores da citada Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem ao circuito de urbanização recente. Principalmente ocupada pelas classes mais altas, em oposição ao antigo povoado de pescadores próximo à Igrejinha, alterou o costume recifense de banhar-se nos rios. A crença dos poderes medicinais dos banhos marinhos deve-se, segundo Araújo (2007), sobretudo à então corrente influência inglesa na cidade, em virtude das concessões de companhias de trens, eletricidade e bondes. Antes disso, a relação da população local com as águas se dava estritamente através do Rio Capibaribe e, em menor grau, do Rio Beberibe, e o mar era observado apenas em sua função portuária, servindo para embarque e desembarque de mercadorias.

> O prazer do banho de mar, contudo, era um deleite a que o povo do Recife não se entregava, ao menos como prática coletiva usual. Simplesmente porque, diferente da Europa, não se havia implantado o gosto pela beira-mar, o prazer de contemplar a paisagem marinha ou o costume de banhar-se nas águas movents do salgado, entre os habitantes do Recife (Araújo, 2007, p. 85-86).

A partir da década de 50, casarões modernistas foram erguidos na orla de Boa Viagem, um esforço de distinção da nova burguesia urbana que queria se diferenciar das tradicionais elites canavieiras. Os primeiros arranha-céus vieram na década de 70, mas

foi a partir de 1990 que a praia ganhou os contornos atuais, marcados por um paredão de prédios com altura média de 30 andares. Em 1996, após a aprovação da Lei de Uso do Solo n° 16.176, registra-se um extraordinário processo de verticalização e a construção de várias torres que ultrapassam trinta andares. O bairro se transforma no mais verticalizado e o mais populoso e adensado do Recife, com cerca de 123 mil habitantes, conforme o censo de 2022. A expansão imobiliária também avança para as praias do litoral sul e norte. Para a antropóloga Rita de Cassia Araújo, as mudanças das áreas de praia, nas formas de perceber e desfrutar o mar, tornam-se inteligíveis quando associadas "às transformações sociais, econômicas e culturais verificadas no Recife e em Olinda, bem como em relação ao crescimento e ao movimento de expansão territorial urbana dessas cidades" (Araújo, 2007, p. 17).

Ao longo dos últimos anos, as praias do Grande Recife se tornaram referências centrais, alimentando um ideário de metrópole tropical generosamente banhada por águas quentes e idílicas. Essa aproximação tão íntima com a história recente dos recifenses lhes confere o sentimento de pertencimento e identidade.

A pesquisa parte de uma inquietação pessoal que busca analisar o percurso que transformou a praia da minha infância e adolescência em um local de medo. Pensar nos processos de significação que a praia e os tubarões adquiriram para os pernambucanos depois do início dos incidentes nos faz pensar como os meios de comunicação pautaram e construíram uma nova realidade da praia. Até o começo de 1990, por exemplo, as praias do Grande Recife eram representadas por discursos midiáticos bem diferentes dos que são operados hoje. A pesquisa se propõe ainda a cobrir a quase inexistência de pesquisas em comunicação sobre a cobertura jornalística na crise dos tubarões e o papel imprensa na construção do novo imaginário da praia.

O projeto analisa os enquadramentos dos discursos científicos permeados pelas notícias factuais dos jornais *Folha de S. Paulo* (*FSP*) e *Jornal do Commercio* (*JC*). A investigação pretende ainda cobrir uma lacuna sobre o papel da imprensa na cobertura da crise com os tubarões e na construção do novo imaginário da praia.

O domingo 28 de junho de 1992 se torna um marco em Pernambuco em função do início dos registros dos incidentes com tubarões ocorridos na Região Metropolitana do Recife (RMR). Desde então, as praias da Região Metropolitana passaram a figurar nas listas das praias mais perigosas do planeta. "O percentual de óbitos do Recife é quatro

vezes maior do que a média mundial, sem contar os sobreviventes com mutilações graves" (*National Geographic*, 2014, p. 38).

O Estado registra, desde então, 77 vítimas de ataques de tubarões, 67 nas praias da Região Metropolitana do Recife e 10 no Arquipélago de Fernando de Noronha. Vinte e duas pessoas morreram em virtude dos ataques, conforme os dados do Comitê Estadual de Monitoramento de Incidentes com Tubarões (CEMIT).

Apesar do registro de incidentes no litoral de Pernambuco terem sido documentados pelo CEMIT a partir de 1992, há notícias sobre eventos com tubarões desde o século XIX. No *Diário Íntimo (1840-1846)*, do engenheiro francês Louis Léger Vauthier, responsável, entre outras obras, pela construção do Teatro Santa Isabel, ele descreve os prazeres dos banhos de mar no Recife e o medo da presença dos tubarões. "Água deliciosamente tépida. Prazer um pouco perturbado pela ideia de que às vezes entram tubarões no Porto" (Vauthier *apud* Araújo, 2007, p. 158).

Em 2023, viralizou uma postagem do *Diario de Pernambuco*, em uma plataforma de imagens, que trazia a reprodução de uma notícia de maio de 1843 sobre um ataque de tubarão. No texto, o jornal se refere a um "pobre preto" que foi dar um mergulho "junto às enseadinhas da alfândega, e num fechar de olhos levou-lhe o tubarão uma perna.".[1] A nota ainda informava que a vítima havia morrido. Outro caso do passado, bastante conhecido, é o acidente com um padre em frente à igrejinha de Piedade, em 1947. No local, funcionava uma espécie de casa de férias dos padres carmelitas. Era uma sexta-feira, o banho de mar foi autorizado pelo padre responsável e o frei Serafim teria sido o primeiro a entrar no mar, sendo arrastado e morto por um tubarão (*JC*, 2018).

Mas é a partir do surto de incidentes nos anos 1990 que a praia sofre mudanças profundas nos aspectos sociais, urbanos, geográficos, assim como no imaginário. A paisagem praiana se transfigura com a instalação de centenas de placas de alerta. Piscinas plásticas ocupam as areias, na esperança de um banho tranquilo. Uma série de decretos estaduais e municipais institui novas regras e limites para o banho de mar. Há um reforço no policiamento com instalação de novos postos de bombeiros, um maior efetivo de guarda-vidas e instalação de câmeras de vigilância que monitoram os banhistas também contra eventuais transgressões nas águas.

[1] Disponível em: https://www.instagram.com/p/CpgqVWyDKFi/?igsh=cHlrODR5bTI1bjYz

A proibição do surfe, em 1995, serviu como um marco da reconfiguração territorial. Toda uma cultura de praia ligada a esportes náuticos e a uma certa herança libertária *hippie* é varrida de uma praia em avançado processo de gentrificação. O perigo chega ao território praiano através da figura do tubarão, grande predador do mar que alimenta nosso medo ancestral. O peixe será incorporado ao novo ideário das praias do Grande Recife. As placas de alerta viraram atração turística e suas reproduções estampam camisas, cartazes, ímãs de geladeira, entre outros suvenires.

O imaginário, afirma Michel Maffesoli (2001), estabelece vínculo, funciona como uma espécie de cimento social, não se tratando de algo racional, sociológico ou psicológico. Para o autor, é algo que ultrapassa o indivíduo e que impregna o coletivo ou parte deste. "O imaginário é uma força social de ordem espiritual, uma construção mental, que se mantém ambígua, perceptível, mas não quantificável" (p. 75).

Os tubarões habitam nosso imaginário como seres perigosos, os maiores predadores do oceano. O medo do tubarão é atávico: é o medo que todo ser humano tem de ser devorado por um animal selvagem. O incidente com tubarão é um evento raro, a enorme maioria das pessoas nunca chegará a ver um tubarão vivo, muito menos atacando alguém. A estreia de *Tubarão*, em 1975, popularizou o pavor a esses peixes, criando a imagem de um assassino implacável sedento de sangue humano.

Os tubarões são animais pré-históricos. Existem há 200 milhões de anos e se dividem em mais de 480 espécies. Predadores extremamente habilidosos, estão no topo da cadeia alimentar. No Brasil, são cerca de 88 espécies catalogadas em toda costa, mas, apesar do número grande de espécies, poucas são consideradas agressivas. Segundo as estatísticas oficiais do *International Shark Attack File* – ISAF, as três espécies mais mortais e potencialmente perigosas para os seres humanos são: o tubarão-branco, o tubarão cabeça-chata e o tubarão-tigre, os dois últimos são apontados como os responsáveis pelos ataques em Pernambuco, apesar de só 11% dos incidentes registrados terem a espécie envolvida identificada e confirmada (Rodrigues, 2017).

A violência dos ataques dos tubarões-tigre e cabeças-chatas, conhecidos pela força de suas mandíbulas e ferocidade com que atingem as presas, podem explicar o alto índice de mutilações e mortalidade registrado em Pernambuco: dos 77 ataques, vinte e cinco foram fatais, quase quarenta por cento dos casos (38,4%), a média mundial é de 12 mortes a cada 100 ataques (12%).

O alto índice de mortalidade por ataques colocou a Praia de Boa Viagem entre as 10 praias mais perigosas do mundo, de acordo com uma lista do site *The Huffington Post*)[2]. A lista do site norte-americano foi republicada por uma série de publicações no Brasil e no mundo. Em uma enquete compartilhada por uma página em uma rede social, com 152 mil seguidores, uma das perguntas é: "Qual a praia mais perigosa do Brasil?". Entre as respostas: Praia do Norte, Praia de Iracema, Praia de Boa Viagem e Praia de Copacabana. A resposta correta era Praia de Boa Viagem (*Quizz Albert*). Em 2023, o *Recife Ordinário*, página com 1,8 milhões de seguidores no Instagram, também fez uma enquete com quinze influenciadores digitais, em que perguntava: "o que vem na sua cabeça quando escuta a palavra Recife?". Entre praia, frevo e carnaval, os tubarões foram citados por duas pessoas.

Uma investigação sobre a cobertura jornalística dos incidentes com tubarões tem vários recortes possíveis, com diversas camadas que permeiam os fenômenos da comunicação. A nossa pesquisa examinou as notícias factuais sobre os incidentes com tubarões na cobertura do *Jornal do Commercio* e *Folha de S. Paulo*, que são atravessadas por informações científicas através das fontes especializadas, ao longo dos últimos trinta anos. Identificando fontes, enquadramentos, silenciamentos, semelhanças e diferenças presentes nas vozes da ciência. Alsina (2009) pontua que as fontes são fundamentais no processo de produção da informação. "A relação entre acontecimento-fonte-notícia é essencial para a compreensão da construção social da realidade da informação" (Alsina, 2009, p. 52).

O presente trabalho tem como objetivo geral: identificar e analisar os enquadramentos e silenciamentos presentes nas vozes especializadas nas notícias factuais sobre os incidentes com tubarões.

1. Identificar e quantificar os especialistas presentes nos textos;
2. Identificar os temas presentes e ausentes nas vozes especializadas;
3. Investigar se há alterações nas representações noticiosas dos incidentes ao longo dos anos;
4. Comparar a cobertura de um jornal local e um nacional;
5. Fazer um regaste histórico de elementos importantes para nova configuração das praias, através dos decretos e das placas de sinalização;

[22] Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/turismo/1156138-praias-brasileiras-estao-entre-as-mais-perigosas-segundo-site.shtml

6. Analisar e comparar as notícias dos incidentes com tubarões no Arquipélago de Fernando de Noronha.

Com o propósito de orientar este trabalho, propomos que esta investigação verifique ou refute as seguintes hipóteses: não há pluralidade de fontes especializadas; as notícias em análise apresentam diferentes enquadramentos noticiosos; as causas dos incidentes não são o tema central das respostas dos especialistas; há diferença de enquadramento na cobertura dos incidentes no continente e em Fernando de Noronha. No processo de jogar luz sobre discurso da prevenção e do alerta dos riscos e impor relevância aos fatores naturais e ao comportamento de surfistas e banhistas como as causas dos ataques, a cobertura desloca todo o noticiário das questões ambientais e deixa de ampliar o debate sobre os porquês dos ataques, para se limitar a uns "quem?", "o quê?", "quando?" e "onde?" (Serra, 2003).

São analisadas as citações de fontes especializadas veiculadas em conteúdos noticiosos desde setembro de 1992, quando se inicia a série histórica de acidentes, até os dias atuais, por dois veículos de mídia — FSP e JC. A seleção se justifica pela importância editorial e expressiva circulação e comercialização deles a nível nacional e regional.

Para dar conta de um arco temporal de trinta anos, vamos trabalhar com a análise de conteúdo, organizar e caracterizar o material, buscando identificar os temas e as vozes com relevância nos textos. Mensurar o tamanho, o formato e o local da notícia consoante os critérios de noticiabilidade e de importância editorial atribuída ao tema (Bauer 2008), combinada com análise dos enquadramentos.

No primeiro capítulo, exploramos os incidentes com tubarões enquanto acontecimento jornalístico, observando os conceitos de noticiabilidade centrados na imprevisibilidade e no potencial que determinados eventos têm de modificar a realidade. Discutimos as características das *hard news* e os critérios de seleção dos fatos baseados nos valores-notícias, que vão muito além da simples atualidade dos fatos. A morte, por exemplo, é destacada como um valor central no jornalismo, especialmente em coberturas de eventos trágicos e violentos, como ataques de tubarões, que são amplamente noticiados devido à sua raridade, violência e imprevisibilidade. O texto debate, ainda, a ideia de uma objetividade neutra e imparcial, apontando que a realidade é sempre construída com

base em uma perspectiva específica, misturando elementos da realidade com o imaginário coletivo e cultural.

O segundo capítulo aborda as restrições impostas às praias da Região Metropolitana do Recife (RMR) devido à crise dos tubarões, que impactam profundamente o uso e a paisagem das praias. Por meio de um levantamento dos interditos, discutimos as medidas adotadas pelo Estado para lidar com os incidentes nas praias da RMR. O texto traz conceitos de Habermas para discutir a esfera pública e a influência exercida por diferentes atores e instituições diante de problemas emergentes, como os riscos ecológicos e tecnológicos, através de espaços de debate orientado pelo entendimento, onde a influência é conquistada por pessoas e grupos com reputação e prestígio, incluindo especialistas e cientistas. O capítulo discute a evolução da comunicação de risco adotada pelo Governo, trazendo um histórico da modificação das placas de alerta e problematizando a importância da mídia na validação das ações do Estado. Detalha ainda, as ações de prevenção e conscientização sobre incidentes com tubarões em Pernambuco, através do CEMIT e iniciativas de educação ambiental.

O papel das fontes e dos enquadramentos jornalísticos é discutido no terceiro capítulo, explorando a importância desses elementos na construção de sentidos e na formação da opinião pública. A repetição dos acidentes pressiona a mídia e os pesquisadores a fornecer respostas sobre o fenômeno, e a qualidade das notícias depende das fontes utilizadas. Detalhamos aspectos que fazem das fontes científicas elementos cruciais em eventos complexos como os acidentes com tubarões. O capítulo debate ainda enquadramentos e silenciamentos, e como estes fatores moldam a percepção da realidade, desempenhando um papel crucial na formação da opinião pública e na construção social da realidade. Discutindo a evolução dos conceitos de enquadramento pelos autores Bateson, Goffman, Tuchman e Garraza.

No quarto capítulo, observamos como a cobertura jornalística sobre os acidentes se relaciona com questões ambientais. A crise dos tubarões começou em 1992, mesmo período da ECO 92, em que pautas ambientais ainda não tinham visibilidade na mídia brasileira. O texto discute, ainda, detalhes das pesquisas científicas que apontam fatores naturais e humanos, incluindo a degradação ambiental e o impacto da construção do Porto de Suape, como possíveis causas para o aumento dos casos com tubarões. O Porto de

Suape, concebido para integrar porto e indústria, transformou o ecossistema local, levando à perda de biodiversidade.

O quinto capítulo aborda características do discurso científico no jornalismo diário. A importância de uma interpretação especializada para explicação dos fatos e as dificuldades de informar sobre eventos complexos de maneira acessível, sem simplificação excessiva e sensacionalismo que comprometam a qualidade da informação. O discurso científico é, em muitas situações, complicado e precisa ser decodificado para o público leigo, o que pode levar a simplificações ou espetacularização da informação. O equilíbrio entre fornecer informações precisas e atrair a atenção do público é um desafio constante. O texto ressalta ainda que, embora o discurso científico tenha grande valor simbólico, ele pode ser manipulado para atender a agendas políticas ou editoriais. Portanto, a comunicação científica eficaz deve buscar informar sem distorcer, e a mídia deve atuar como um meio para democratizar o conhecimento sem perder a ética e a precisão. Por fim, discutimos também o sensacionalismo na cobertura jornalística, destacando como a linguagem usada para descrever os incidentes também pode influenciar a percepção pública, distorcendo a realidade e alimentando temores no público geral.

A pesquisa analisou a cobertura jornalística dos incidentes com tubarões em Pernambuco, utilizando dados do acervo digital da *Folha de S. Paulo* (*FSP*) e do *Jornal do Commercio* (*JC*) e do acervo público de Pernambuco. Com foco em notícias factuais que mencionavam fontes científicas, a metodologia utilizou análise de conteúdo para categorizar e identificar temas e subtemas presentes nas notícias. As informações foram organizadas em planilhas eletrônicas, permitindo uma análise comparativa e dos enquadramentos.

1. OS INCIDENTES COM TUBARÕES ENQUANTO ACONTECIMENTO JORNALÍSTICO

"Corpo de identidade desconhecida encontrado na Praia de Piedade com mutilações" (*JC*, 2012). A frase é um trecho do ofício da 4ª Delegacia de Polícia Metropolitana enviado, em 28 de junho de 1992, ao Instituto de Medicina Legal (IML), e descreve o cadáver de um homem localizado nas imediações da Igreja de Piedade. O laudo médico apontava ferimentos grandes na coxa, antebraço e nádegas, compatíveis com lesões provocadas por "animais aquáticos." O cadáver de Ubiratan Martins Gomes é considerado pelo CEMIT o primeiro registro nas estatísticas oficiais sobre incidentes com tubarões em Pernambuco.

A morte de Ubiratan Martins não foi, a princípio, reconhecida pelas autoridades como um ataque de tubarão. O óbito foi investigado pela polícia como mais um afogamento ocorrido em um domingo de praia. A morte só vai se tornar estatística muito tempo depois, através de uma pesquisa do biólogo paulista Otto Bismarck Gadig, que, entre os meses de janeiro a abril de 1998, revisou casos tratados como afogamentos e sinalizou como incidente com tubarões. Para a imprensa, a morte de Ubiratan não foi um acontecimento digno de ser noticiado. Não há registros de jornais noticiando o fato de um corpo ter aparecido na praia.

Dois meses depois da morte de Ubiratan, o surfista Eduardo Rodrigues da Cruz, de 21 anos, foi mordido por um tubarão enquanto treinava para a 1ª Etapa do Circuito Pernambucano de Body Board, que estava sendo realizada em frente ao edifício Acaiaca, um dos pontos mais frequentados da praia à época. Terceiro incidente no rol das estatísticas do CEMIT, foi o primeiro a ganhar as páginas dos jornais. A notícia ocupou apenas dois parágrafos da primeira página do *Jornal do Commercio* de domingo, três dias depois do incidente. Com o título "Esportista é atacado por tubarão enquanto treinava em Boa Viagem". A chamada traz a foto da vítima com a perna enfaixada, mas não há mais informações em outros cadernos do jornal, talvez em virtude de ser um exemplar de domingo, dia com maior circulação e que começava a ser fechado dias antes, em virtude do volume de anúncios. Na suíte, publicada no dia seguinte, o *JC* traz detalhes do acontecimento, na chamada de primeira página o título: "Esportista pode ter a perna amputada", com foto do jovem na câmera hiperbárica.

Enquanto o *JC* ainda repercutia o caso do esportista, o jornal estampa na capa do Caderno de Cidades a manchete: “Tubarão assassino em Boa Viagem” e narra o episódio de um corpo encontrado a 1,1 km do incidente com o surfista e que apresentava marcas de mordidas de animais marinhos. Apesar de não haver uma confirmação oficial que se tratava de um novo incidente com tubarão, a proximidade temporal e territorial fez com que a descoberta do corpo do fotógrafo Enoque Pereira dos Santos fosse noticiada como mais um caso de ataque de tubarão e ganhasse relevância. A notícia ocupa meia página do Caderno de Cidades, com direito a foto de um cadáver na areia na praia.

Um incidente entre tubarões e humanos é um acontecimento do ponto de vista jornalístico que “irrompe sem nexo aparente nem causa conhecida e é, por isso, notável, digno de ser registrado na memória” (Rodrigues, 2016, p. 44). O autor pontua que, quanto menos previsível, mais chances tem um fato para ser selecionado como jornalístico e de integrar o discurso midiático. Os dois incidentes, que acontecem num curto espaço de tempo, vão marcar o início da cobertura jornalística sobre os incidentes com tubarões no estado

Um acontecimento, para ter apelo jornalístico, virar pauta e ser transformado em notícia precisa carregar algumas caraterísticas que o distinga dos acontecimentos comuns do cotidiano. Para Alsina (2009), o acontecimento, para ser publicizado, precisa ser o elemento novo, que perturba, ao mesmo tempo em que modifica o sistema social. “O acontecimento é, por princípio, desorganizador” (p. 44). Já para Charaudeau (2003; 2012), o acontecimento terá potencial de ser midiatizado em função da imprevisibilidade, atualidade e sociabilidade.

Os incidentes com tubarões sempre ganharam notoriedade por meio de uma ampla cobertura da imprensa. São ocorrências que escapam à explicação e à classificação e trazem a indeterminação para o mundo da vida. Quanto maior a ambiguidade, esclarece Motta (2013), maior a necessidade de informações e busca por sentidos. “O relato do extraordinário gera surpresa e ansiedade e desencadeia um processo de negociação de sentidos, de redução da ambiguidade. O incidente discrepante precisa ser nomeado, classificado e assimilado” (p. 55). Para o autor, o jornalismo oferece um lugar onde se pode observar os fenômenos.

Hall *et al*. (*apud* Traquina, 2016) observam que a ideologia profissional do jornalista entende como boas notícias os fatos incomuns, inesperados, graves e que o jornalismo “tenderá a realçar os elementos extraordinários, dramáticos, trágicos, etc.

numa estória para reforçar sua noticiabilidade" (p. 298). Para o autor, um acontecimento que reúna boa parte das características de uma "boa notícia" terá maior potencial noticioso.

O 77º incidente ocorrido no estado foi o terceiro caso em 2023, num intervalo de quinze dias. Além de virar notícia em plataformas jornalísticas locais e nacionais, também foi pauta de páginas de celebridades e fofocas. A página *Choquei*, nome de numa plataforma de imagens com quase 20 milhões de seguidores (19,8), que define na sua biografia cobrir "tudo de artistas e famosos", publicando um misto de notícias em primeira mão e fofocas de celebridades, repostou, em 06 de março de 2023, uma publicação do *Jornal do Nordeste* que trazia a tela dividida: de um lado, a imagem de uma placa de advertência sobre os incidentes, na outra, um vídeo do resgate da jovem de catorze anos mordida por um tubarão. A publicação teve mais de 306 mil curtidas e mais de 5.300 comentários.[3]

O jornalista Leo Dias, também especialista em fofocas e celebridades, com 13,5 milhões de seguidores em uma rede social, repercutiu o último incidente e publicou, no Instagram, imagens do Corpo de Bombeiros retirando um banhista do mar. Na legenda, ele comenta "Após uma adolescente de 14 anos ser vítima de um novo ataque de tubarão, nesta segunda-feira (6/3), na praia de Piedade, em Jaboatão dos Guararapes, em Pernambuco, um banhista precisou se retirado do mar pelo Corpo de Bombeiros por decidir tomar banho minutos após o registro do incidente. Assista!"[4]

O caso também ganhou destaque nas redes do influenciador digital Felipe Neto, que, com 44,6 milhões de inscritos em um site de vídeos, ocupa a quinta posição de maior youtuber do mundo (meio-mensagem). O influenciador postou num site de mídias sociais, onde detém 16,3 milhões de seguidores, uma publicação da página *Choquei* que trazia um vídeo em que um helicóptero da SDS dava rasantes no mar próximo a banhistas dentro d'água. No *post*, Felipe escreveu: "Eu vou morrer sem entender isso. Não adianta, irmão. Nada faz a galera ter medo de tubarão nessas praias em Pernambuco". A postagem teve mais de 25 mil curtidas.[5]

---

[3] Instagram: @choquei. Disponível em: https://www.instagram.com/reel/CpdL01JMPfi/?igshid=MDJmNzVkMjY=)

[4] Instagram. @leodias. Disponível em: https://www.instagram.com/reel/CpeGHrvqGYQ/?igshid=MDJmNzVkMjY=

[5] Disponível em: https://twitter.com/felipeneto/status/1643002438977241092?s=48&t=gu3kO8aDFGI9qjZWBK8vWw.

Em Pernambuco, a página *Recife Ordinário*, com 1,6 milhões de seguidores em uma rede social, que repercute acontecimentos da cidade misturando humor e informação, sempre deu ampla cobertura aos incidentes com tubarões. No mês de março foram mais de trinta posts apenas no *feed* sobre o tema, entre entrevistas com biólogos e até com o prefeito do Recife, João Campos, falando dos impactos dos incidentes para o turismo. A página ainda traz memes, clipes com um tubarão inflado, vídeos amadores e *reportagens* de páginas jornalísticas. Ao repostar uma publicação do *JC* sobre a prisão de um banhista que desobedeceu à orientação dos bombeiros de não entrar no mar, a página teve mais de 25 mil curtidas, enquanto a postagem original teve cerca de 1300, uma diferença impressionante que demonstra o abismo de alcance que as mídias tradicionais enfrentam e relação aos novos formatos e influenciadores.

O medo de entrar no mar no Recife é compartilhado por pernambucanos e turistas. A praia paradisíaca descrita por Gilberto Freyre no *Guia Prático, Histórico e Sentimental da Cidade do Recife* dá lugar à "Praia do Medo", título da extensa reportagem da *National Geographic Brasil* sobre o fenômeno no estado (*National Geographic*, 2014). Em uma reportagem especial sobre os 25 anos do início dos incidentes, o *Diario de Pernambuco* (*DP*), também traz o sentimento no título da matéria. No subtítulo: "Um quarto de século após início dos ataques de tubarão em Pernambuco, estado tem geração que não toma banho de mar, enquanto cientistas seguem tentando entender o fenômeno" (*DP*, 2017), além de depoimentos de pessoas que pararam de entrar no mar.

Figura 1 e 2 – Título de reportagem do *Diario de Pernambuco* nos 25 anos dos incidentes e página de abertura de extensa reportagem da *National Geographic*.

Fonte: *Diario de Pernambuco* (2017); *National Geographic* (2014)

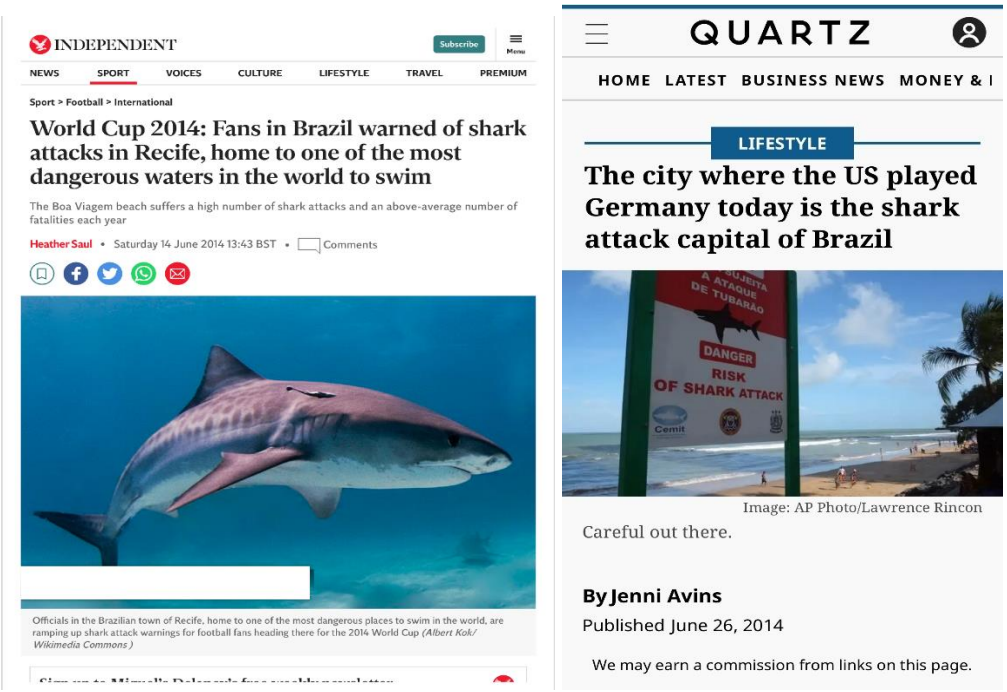
> O histórico de ataques e a presença de placas de alerta criou uma geração de jovens que, por precaução, não entram no mar da RMR. O advogado Pedro Passos, 28, está entre os que vão a Boa Viagem com frequência, mas ficam na areia. "Não molho nem o pé", disse.
>
> Mesmo morando perto da praia, as estudantes Isadora Melo, 18, e Mariana Albuquerque, 14, evitam o mar em Boa Viagem. Mariana nunca entrou. Isadora já, mas "há muito tempo". Nos grupos de amigos com quem costumam sair, ninguém toma banho. "A gente conversa, caminha. Não vem de biquíni completo", contou Isadora (*Diario de Pernambuco*, 2017).[6]

Ao longo dos anos, centenas de reportagens, nos mais diversos veículos, inclusive internacionais, noticiaram os casos e reportaram os perigos de entrar no mar em Recife. O portal britânico Quartz*r*, durante a copa de 2014, ocorrida no Brasil e com jogos em Pernambuco, noticiou o jogo da seleção dos Estados Unidos e chamou o Recife de "capital mundial da mordida de tubarão". O jornal inglês Independent fez matéria sobre os alertas de incidentes com tubarões que os turistas que estavam chegando para assistir aos jogos

[6] Disponível em: https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/vidaurbana/2017/11/ataques-de-tubarao-25-anos-de-medo-nas-praias.html

recebiam das autoridades locais. No texto, o veículo diz que o lugar tem uma concentração atípica de tubarões com alto índice de mortalidade, no título, Recife é nomeada a casa das águas mais perigosas do mundo para nadar.

Figura 3 e 4 – Chamadas dos sites do jornal *Independent* e *Quartz* durante os jogos da Copa do Mundo no Recife



Fonte: *The Independent* (2014).[7]

A pesquisa nos propiciou observar o profundo processo de metamorfose do jornalismo e o crescimento das mídias digitas e dos *influencers*. No começo das visitas ao Arquivo Público, catalogávamos notícias em jornais com dezenas de páginas, com cadernos de informática, meio ambiente, automóveis. Perdi horas imersa nas páginas de cultura e política dos anos 1990, do *Jornal do Commercio*. Mas à medida que a cronologia dos fatos vai avançando para os dias atuais, o jornal vai minguando, diminuindo, cadernos semanais somem, os classificados encolhem, até que em 2021, o JC deixa de ser impresso, passando a ser um veículo apenas digital. Testemunhamos através do trabalho, a morte de um formato de jornalismo e a revolução provocada com a chegada da internet e das tecnologias das mídias digitais que alteraram não apenas, a maneira como as notícias são

[7] Disponível em: https://www.independent.co.uk/sport/football/international/world-cup-2014-fans-in-brazil-warned-of-shark-attacks-in-recife-home-to-one-of-the-most-dangerous-waters-in-the-world-to-swim-9537238.html.
Disponível em: https://qz.com/226751/the-city-where-the-us-plays-germany-today-is-the-shark-attack-capital-of-brazil

produzidas, distribuídas e consumidas, mas principalmente a possibilidade de cada indivíduo, ao presenciar um acontecimento, gerar conteúdo, noticiar e opinar sobre o fato.

1.1. Jornalismo factual e a busca da objetividade frágil e efémera

> O surfista Clério Falcão Filho, 24 anos, foi atacado ontem por um tubarão na praia de Candeias, Jaboatão dos Guararapes, morrendo antes de ser socorrido pelo Corpo de Bombeiros. Ele teve a mão esquerda e o antebraço direito devorados pelo animal. O ataque, o segundo este ano no litoral pernambucano, aconteceu por volta das 15h30 a cerca de 500 metros da costa. No local não há salva-vidas nem placa indicando perigo (*JC*, 1995).

O texto acima é o *lead* de uma matéria sobre o 18º incidente com tubarão, ocorrido em 07 de julho de 1995, e publicada no dia seguinte, na editoria JC Urgente do *Jornal do Commercio*. É uma notícia factual, *hard news*, escrita a quente, como se diz no jargão jornalístico. Para esta pesquisa são apropriados os conceitos de *hard news* e *soft news*. Conforme definição de Tuchman (1977), as *hard news* são as notícias desprovidas de subjetividade, fornecendo informações básicas e inegáveis de um acontecimento, normalmente relacionadas a um tema de relevância para o debate público, como política, economia, segurança, conflitos internacionais, etc. Já as *soft news* têm como temas mais comuns variedades, esportes, celebridades.

Entendidas como as mais modestas entre os gêneros jornalísticos, as notícias factuais "nos transpassam com maior continuidade, fomentando imaginários, dizeres e saberes" (Moraes, 2020, p. 9). São textos que dão conta do cotidiano nas cidades, e que, muitas vezes, são sacudidas por acontecimentos inesperados, como acidentes, incêndios, crises políticas e, no caso de Pernambuco, os incidentes com tubarões. São acontecimentos imprevisíveis, que não estão na pauta do dia, que surgem inesperadamente, sem estarem programados e modificam os espaços previamente pautados nas páginas dos jornais. "Acabara de estourar uma grande 'estória': os recursos têm de ser mobilizados e os planos abandonados" (Hall, 2016, p. 251).

O factual são notícias do dia a dia, mercadoria altamente deteriorável, centradas no aqui e agora. No jornalismo impresso são notícias publicadas no dia seguinte ao acontecimento jornalístico, na era digital vão sendo construídas e atualizadas à medida que os fatos vão se desenrolando. Para Motta (2008), as notícias factuais constituem a essência do jornalismo diário galgado no "jornalismo objetivo do lead e da "pirâmide invertida. "Na afirmação radical do presente (atualidade) o jornalismo constrói a sua

versão de neutralidade e objetividade reduzindo e encerrando tudo no momento atual" (p. 11).

Diariamente, jornalistas caçam o primeiro registro dos acontecimentos, empenhados em fazer conhecer o que se passa no mundo (Manso, 2023). As *hard news*, notícias escritas na forma direta, descritiva, factual, se ancoram no recurso da objetividade jornalística em busca de se aproximar do fato narrado e otimizar o tempo, na transformação do acontecimento em notícia. Mesmo hoje, a prática da objetividade segue sendo celebrada entre jornalistas e editores como uma maneira de atender ao imediatismo das notícias.

O conceito de objetividade jornalística surge no final do século XIX, à medida que o acontecimento efémero, destinado a alimentar a curiosidade dos leitores passa a pautar o jornalismo, em detrimento das análises políticas e literárias de então ((Serra, 2006). Embalado pelo discurso positivista como um "antidoto para a subjetividade", a objetividade jornalística da época então, pressupõe a distinção "entre fato e juízo de valor, entre o real e a valoração humana e entre o acontecimento a ser estudado e a opinião" (Barros, 2003, p. 22).

A morte do jornalismo opinativo, político e partidário, de acordo com Serra (2006), dá lugar a um jornalismo centrado nos "factos de interesse geral" em virtude também da lógica de mercado, com o surgimento do jornalismo como indústria cultural. Para o autor, a objetividade jornalística nasce ancorada à crença de que "o factual e noticioso é o que faz vender jornais, então tudo o que faz vender jornais é 'factual' e 'noticioso'" (p. 341). Essa máxima, que guiou *os penny pappers* na virada do século XIX para o XX, ainda dita, em muitas redações, a maneira como veículos e plataformas digitais selecionam os acontecimentos.

Mas, a partir dos anos 1960, com a manipulação midiática durante a Guerra do Vietnã e o crescimento de uma cultura crítica, a objetividade jornalística, até então considerada um antídoto para a parcialidade, passou a ser encarada como distorcida, parcial e incompleta. Schudson aponta que "a reportagem 'objetiva' reproduzia uma visão da realidade social que se recusava a examinar as estruturas básicas do poder e do privilégio (Schudson, 2010). Para o autor, a objetividade não é um ideal, mas uma mistificação. A inclinação do jornalismo não está no viés manifesto, mas na estrutura da coleta de notícias, que reforçam as perspectivas oficiais da realidade social.

> Um analista após o outro demonstraram que a tradição da objetividade no jornalismo tem favorecido a visão oficial, fazendo dos jornalistas meros taquígrafos na transcrição autorizada da realidade social. Aqui, novamente, a ênfase não está na influência intencional, mas nas consequências, intencionais ou não, da forma e dos processos sociais (Schudson, 2010, p. 218).

A crítica da objetividade assumiu muitas formas institucionais e intelectuais. Schudson elenca três críticas que enfrentam a noção de objetividade. A primeira: a falta de questionamento sobre a validade dos pressupostos políticos que baseiam os conteúdos das notícias. "Os homens e mulheres que controlam os meios de comunicação têm inclinações, têm estilos de vida e valores políticos definidos, ocultos sob a retórica da objetividade" (Schudson, 2010, p. 215). Em segundo lugar, a narrativa impessoal e o formato de pirâmide invertida impõem aos fatos uma descontextualização do "mundo real", favorecendo instituições voltadas para eventos e pseudoeventos. E, por fim, a notícia condicionada às rotinas de captação das notícias. "O argumento é que o processo da coleta de notícias, em si, constrói uma imagem da realidade que reforça o ponto de vista oficial" (p. 216).

Em muitos casos, a objetividade é invocada pelos jornalistas como ritual estratégico que os protege das críticas (Tuchmam, 1999). Tal entendimento também é defendido por Schudson, que aponta a objetividade como um "conjunto de convenções concretas que persistem, porque reduzem o grau em que os próprios repórteres podem ser responsabilizados pelas palavras que escrevem" (Schudson, 2010, p. 216).

Alsina entende a realidade como construção, na qual os fatos precisam ser interpretados, e rejeita a ideia de uma objetividade jornalística imparcial e neutra. Para o autor, a objetividade é construída a partir de uma certa versão da realidade. A confiança no testemunho jornalístico estabelece uma relação fiduciária entre veículos, jornalistas e seus destinatários, baseados em um ideal segundo o qual as informações sobre os acontecimentos são transcritas de maneira objetiva e imparcial, conduzindo à verdade. Seria uma espécie de contrato de fé que institucionaliza e legitima o papel do jornalista "para construir a realidade social como realidade pública e socialmente relevante" (p. 46).

O fundamento dos discursos factuais está baseado na confiança no testemunho do narrador, muito mais como estratégia de credibilidade do que na objetividade dos fatos. Ao nos depararmos com uma informação jornalística, partiríamos do pressuposto de que o acontecimento que o jornalista relata efetivamente aconteceu, confiamos nos registros das imagens do acontecimento. Raramente, observa Traquina (2016, p. 51), "nos

encontramos na situação de podermos verificar *in loco* a veracidade dos fatos relatados". Cada relato objetivo, segundo o autor, comporta um ou mais juízos de valor, ditados pelas relações dos interlocutores com os fatos relatados, pela ordem de como os fatos são relatados e expostos.

> Os fatos não são uma realidade exclusivamente objetiva, eles próprios são construções humanas e, como tal, têm um componente subjetivo inseparável. Os fatos referem-se à realidade e, uma vez objetivados, pertencem à realidade, mas não são a realidade mesma. Antes, são um fenômeno circunscrito à prática do conhecimento (Meditsch, 2001, p. 8).

Na perspectiva construtivista, Rocha (2021, p. 25) observa que os fatos são resultados de uma objetivação humana, produzida historicamente, portanto, "a notícia jamais apreende o fato em si mesmo, mas a aparência de como foi objetivado por determinadas forças sociais". O autor assinala que os fatos só existem com base na observação orientada "por um conjunto de representações e de esquemas, por intermédio dos quais os seres humanos percebem, interpretam, classificam, dividem, compreendem os fenômenos que têm diante de si" (p. 25).

1.2. Valores-notícias e a relevância dos fatos

Na mídia, existe uma série de fatores que condicionam a importância de um acontecimento e determinam a escolha das notícias no nosso cotidiano, e que vão muito além do fato atual e de interesse geral. Walter Benjamin (1936), já definia que, para além da atualidade, os critérios que tornam um acontecimento relevante, ao invés de outro, devem levar em conta a proximidade do fato em relação ao leitor, verificabilidade, ser compreensível, plausível e objetivo (Serra, 2003).

Os conceitos dos valores-notícias ou relevância podem variar de acordo com a análise dos teóricos da comunicação, mas integram, dentro do campo jornalístico, "um conjunto de valores e normas" (Traquina, 2005, p.19) que definem critérios para transformar acontecimento em notícias. Bourdieu (1997), ao explicar os critérios de noticiabilidade, aciona a metáfora dos óculos, estruturas invisíveis organizam o que é percebido e selecionam o que é notado e o que é excluído, por via de categorias que são produtos da história e da vida de cada um. 'Os jornalistas têm 'óculos' especiais a partir

dos quais veem certas coisas e não outras; e veem de certa maneira as coisas que veem. Eles operam uma seleção e uma construção do que é selecionado" (p. 25).

Alsina (2009) traz um compilado dos valores-notícia elencados por Galtung e Ruge (2016), que norteiam a escolha dos fatos pelos jornalistas: frequência (relacionado ao tempo de produção da notícia), limiar de intensidade, ausência de ambiguidade, sentidos compartilhados, consonância, imprevisibilidade, continuidade, composição (os acontecimentos também são selecionados em relação à composição geral do meio) e valores socioculturais (referência a pessoas da elite, a nações de elite ou a qualquer coisa negativa (Alsina, 2009, p. 158-159).

São valores que não estão escritos em nenhum manual de redação, mas fornecem critérios para escolha de quais estórias serão noticiáveis ou não, dentro de uma rotina de trabalho compartilhada pelos jornalistas e por diferentes veículos de comunicação. Wolf (1987) enxerga os valores-notícias como espécie de sistema que permite uma rápida e flexível escolha dos acontecimentos. "Os critérios são orientados para a eficiência, de forma a garantirem o necessário reabastecimento de notícias adequadas, com o mínimo dispêndio de tempo, esforço e dinheiro" (p. 173). Ele pontua que os valores-notícias mudam ao longo do tempo e que não estão apenas centrados no conteúdo das notícias e nas rotinas produtivas, mas também dependem do público e da concorrência.

A hegemonia dos valores-notícia no exercício do jornalismo, observa Paulo Serra (2006), produz efeitos fundamentais na forma como é definida e praticada a objetividade no jornalismo. Para o autor, é necessário questionar os critérios de relevância aos quais está subordinada a objetividade jornalística, que funcionariam como uma espécie de prisão imposta pelos donos de jornais, anunciantes e leitores, reduzindo o espaço de manobra dos profissionais de imprensa. Moraes (2020), concorda que os valores-notícia não podem ser entendidos se separados dos contextos sociais e comportamentais. "O valor-notícia está profundamente interligado às exigências empresariais e organizativas das instituições, além da própria conformação do trabalho jornalístico e da intervenção dos profissionais" (p. 115).

Os conceitos dos valores-notícia podem variar, mas um dos valores consensuais na comunidade jornalista é a morte. "Onde há morte, há jornalista. A morte é um valor-notícia fundamental para esta comunidade interpretativa e uma razão que explica o negativismo do mundo jornalístico que é apresentado diariamente nas páginas dos jornais ou nos écrans da televisão" (Traquina, 2005, p. 79).

Hall *et al.* (*apud* Traquina, 2005) observam que a multiplicidade de valores notícia em acontecimentos trágicos funcionam, em conjunto, como estruturas que terão maior potencial noticioso que outros. Fatos excepcionalmente violentos, como os incidentes com tubarões, gabaritam boa parte dos valores-notícia: são raros, excepcionais, violentos, frequentes, imprevisíveis e, em muitos casos, fazem vítimas fatais. A reunião de tantos valores notícias neste tipo de acontecimento explica o destaque que os ataques de tubarões obtêm na cobertura da mídia local e nacional. Mas, muito além dos valores-notícia, a seleção dos fatos acontece mediante um processo de identificação e contextualização "através dos quais os acontecimentos são tornados significativos pelos média" (Traquina, 2005, p. 299).

As notícias são produto de um processo complexo, por meio do qual os fatos só ganham significados quando situados em contextos, cenários que possibilitem interpretá-los, encaixá-los no escopo da realidade social partilhada. Para Hall, ao trazer acontecimentos inesperados e inteligíveis para mapas de significados, os médias dão significados sociais aos acontecimentos em um mundo de conhecidas identificações sociais e culturais.

> Um acontecimento só "faz sentido" se puder colocar-se num âmbito de conhecidas identificações sociais e culturais. Se os jornalistas não dispusessem — mesmo de forma rotineira — de tais "mapas" culturais do mundo social, não poderiam "dar sentido" aos acontecimentos invulgares, inesperados e imprevisíveis que constituem o conteúdo básico do que é "noticiável". As coisas são noticiáveis porque elas representam a volubilidade, a imprevisibilidade e a natureza conflituosa do mundo (Hall *et al.*, 2005, p. 299).

De acordo com Motta (2013), a narrativa da realidade objetiva dos fatos cotidianos mediada pelo jornalismo é impregnada e mistura-se com elementos do imaginário e da memória cultural coletiva. Para além das intenções ideologicamente direcionadas, há "elementos antropológicos como crenças, valores, desejos, éticas, morais e diversas outras nuanças onde estão inseridos todos os membros deste processo de mediação (p. 35).

Histórias de monstros marinhos ocuparam o imaginário popular desde que os antigos navegadores partiram em busca de um novo mundo. Vários mapas antigos e cartas náuticas ostentam monstros e serpentes marinhas, presentes nos relatos que os

marinheiros faziam das travessias dos oceanos.[8] As representações do mar também são carregadas de mistérios e medos que aguçam a imaginação e geram lendas e mitos.

Narrativas, inclusive jornalísticas, envolvendo tubarões são carregadas de crenças e mitos. A construção da fama de assassino do peixe é antiga. Em 1758, o naturalista sueco Carl Linnaeus, criador do sistema científico de classificação e descrição das espécies, o mesmo sistema que identifica os humanos como *Homo sapiens*, rotulou os tubarões brancos como *Carcharodon carcharias*. Na descrição, Linnaeus incluiu a observação de que o animal ataca e tem dentes de afiados. "Os históricos volumes de Linnaeus redefiniram a ciência e o mundo social, e os tubarões brancos foram escolhidos para sua motivação como um devorador de homens" (Neff; Heuter, 2013, p. 66, tradução nossa).

Em 1945, pouco antes do fim da 2ª Guerra Mundial, o navio de Guerra USS Indianápolis foi atingido por um torpedo de um submarino japonês e naufragou no Oceano Pacífico, próximo às Filipinas. O naufrágio é conhecido como um dos maiores ataques de tubarões da história. Dos 1.196 homens a bordo, entre 800 e 900 pessoas teriam escapado do naufrágio, mas apenas 316 sobreviveram em águas infestadas de tubarões. É a maior perda de vidas humanas na história da Marinha norte-americana.[9]

Mas é a partir do filme *Tubarão* (*Jaws*, 1975), clássico do diretor Steven Spielberg, que o medo de tubarão se intensifica e se populariza. Lançado no verão de 1975, o filme se tornou um *blockbuster* e um marco em Hollywood, sendo o primeiro a ultrapassar 100 milhões de dólares arrecadados, apenas nos cinemas americanos. Desde então, "filmes sobre tubarões" se tornaram quase um novo gênero, tamanha a quantidade de lançamentos. O filme é acusado de deturpar o papel e o comportamento dos grandes tubarões brancos. O estigma de assassino implacável passou a fazer parte do senso comum. Em entrevista ao programa *Desert Island Disc* da BBC, Spielberg disse se arrepender de ter contribuído para o aumento da pesca predatória ocorrida após o lançamento do filme e do livro.[10]

---

[8] Disponível em: https://profalexandregangorra.blogspot.com/2013/10/monstros-marinhos-cartografia-tematica.html.

[9] Disponível em: https://g1.globo.com/mundo/noticia/desaparecido-por-72-anos-navio-de-guerra-que-transportou-partes-da-bomba-de-hiroshima-e-encontrado-no-mar.ghtml

[10] Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/internacional-64018154.

A construção de significados é uma operação complexa, não é um processo racional. Segundo Hall, um acontecimento só faz sentido se estiver num âmbito de conhecidas identificações sociais e culturais. O sentido de realidade será construído unindo as emoções, a bagagem enciclopédica e o processo de socialização de cada pessoa, explica Alsina (2009). O autor considera que, com leitores que compartilham a mesma língua e os referenciais culturais, é possível se fazer entender melhor que com leitores de outras culturas. "O universo referencial que permite a construção de sentido é uma matriz de significado individual que possui uma fundamentação social (Alsina, 2009, p. 274).

Charaudeau sustenta que o significado de um acontecimento, "no que tange à sua significação, é sempre o resultado de um a leitura, e é essa leitura que o constrói" (Charaudeau, 2019 p. 243). No caso de um acontecimento midiático, ele traz como e3xemplo o atentado às torres gêmeas em Nova York. O autor entende que os efeitos na construção de sentidos são múltiplos e estão ligados e são influenciados pelas encenações visuais, os relatos e os comentários jornalísticos. Em sua análise, Charaudeau compara a narrativa construída pela mídia com os roteiros dos filmes catástrofes e as reportagens que relatam guerras e catástrofes naturais. Ao investigar as peculiaridades dos roteiros jornalísticos e de ficção, ele aponta para um ponto em comum:

> [...] sempre põe em cena três tipos de atores: as vítimas, os responsáveis e os salvadores. Insistem, dependendo do caso, ou nas vítimas para produzir um efeito de compaixão, ou no agressor, origem do mal, para produzir um efeito de antipatia, ou ainda no salvador, reparador do mal, para produzir um efeito de simpatia (Charaudeau, 2019, p. 244).

O antropólogo australiano Adrian Peace, em artigo publicado no site *The Conversation* — página colaborativa de jornalistas e acadêmicos de Melbourne – Austrália (2015, p. 2) —, faz uma análise interessante sobre notícias que tratam de avistamentos de tubarões e incidentes na costa australiana, um dos países que lideram o número de mortes por ataques de tubarões no mundo. Com o título: "Os tubarões não são criminosos, mas nosso medo nos faz falar como se fossem", Peace analisa o uso de uma linguagem própria de notícias sobre crimes em textos jornalísticos sobre o avistamento destes peixes. Ele descreve o uso de metáforas como "espreitam", "demoram-se", "rondam", "saqueiam" ou "vagueiam" para exemplificar como as notícias traduzem o comportamento dos tubarões perto das praias australianas. "Quando um ataque ocorre para além destes presumíveis limites, populações inteiras de pessoas são "aterrorizadas"

e obrigadas a abandonar a água, suportando um verão de medo à mercê de tubarões "desordeiros" (Peace, 2015).[11]

Na cobertura da *FSP* e do *JC*, não é diferente. A violência dos incidentes e o tom policialesco ancora a maioria dos títulos e *leads* sobre os incidentes: "Tubarão arranca pé de surfista em Recife" (*FSP*, 1994); "Tubarão arranca mãos de estudante" (*FSP*, 1999); "Corpo foi encontrado ontem na praia de Boa Viagem" (*FSP*, 1997). O título é uma das partes do texto jornalístico de maior relevância. É por ele que o leitor vai decidir se continua ou abandona a leitura, e isso vale tanto para os jornais do século passado como para os acontecimentos relatados atualmente nas redes sociais.

O título é o primeiro elemento que irá conferir sentido ao fato, é por onde o leitor começa a decodificar a mensagem. Se for desinteressante pode empurrar o leitor/ internauta para outro assunto (Cervi, 2009). A escolha do título serve ainda como indicador dos critérios de seleção jornalísticos e enquadramentos impostos aos acontecimentos. "É através dos espaços cedidos na mídia que assuntos são pautados e podem gerar discussões na sociedade, o que significa ser um campo privilegiado de identificação dos temas que vão compor a esfera pública" (p. 46).

2. Interditos, comunicação de riscos e o surgimento de uma nova praia

As praias são os principais espaços destinados ao lazer de baixo custo, acessível a todas as camadas sociais. As praias da região metropolitana do Recife recebem diariamente, além de banhistas, trabalhadores que tiram da praia sua sobrevivência. Uma pesquisa de Barbosa *et al*. (2012) identificou 420 barraqueiros e 300 ambulantes trabalhando apenas nos 8 km da praia de Boa Viagem. Apesar dos incidentes, uma pesquisa encomendada pela Prefeitura do Recife aponta que, para 67% dos recifenses, a praia de Boa Viagem ainda é a principal área de lazer da cidade (*Diario de Pernambuco*, 2023)

[11] Disponível em: https://theconversation.com/sharks-arent-criminals-but-our-fear-makes-us-talk-as-if-they-are-36493.

A crise dos tubarões afetou e afeta profundamente os usos, convívios e a paisagem da maior área de lazer público e um dos principais cartões-postais do estado. A recorrência dos incidentes, a repercussão na imprensa, os impactos na atividade turística e o clamor da opinião pública obrigaram os governantes à adoção de ações com objetivo de diminuir a interação entre humanos e os peixes. A primeira medida é a instalação de placas de advertência pela Prefeitura do Recife, ainda em 1994. Bem diferentes das que existem hoje, a sinalização não fazia alusão aos tubarões nem aos riscos de ataques.

2.1 Interditos

Em 1995, após o estado registrar dez ataques no ano anterior, vem o primeiro interdito imposto às praias, a proibição da prática do surfe, em determinadas áreas. Um decreto assinado pelo governador Miguel Arraes, apenas seis dias após tomar posse, determinou novas regras às práticas esportivas nas praias da RMR. As vítimas, até aquele momento, eram majoritariamente surfistas: dos 17 casos, treze vítimas eram praticantes do esporte.

A comunicação oficial justifica a adoção das medidas através da construção de um "consenso existente entre as mais diversas entidades da Sociedade Pernambucana, a exemplo da Associação Pernambucana dos Surfistas, da Universidade Federal Rural de Pernambuco, através do seu Departamento de Pesca, do Trade Turístico, do Corpo de Bombeiro e da sociedade em geral.

Em 1999, quatro anos depois do primeiro decreto e seis dias depois de outro surfista ser atacado, o então governador Jarbas Vasconcelos publica um novo decreto endurecendo as medidas e estende a interdição à prática de surfe a atividades náuticas, em uma faixa do litoral de 68 km, entre as praias dos municípios de Paulista e Cabo de Santo Agostinho, abrangendo praticamente todas as praias urbanas do estado. Entre os decretos de Arraes e o de Jarbas, treze pessoas foram vítimas de ataques de tubarões, dez eram surfistas.

O novo decreto, entre outros pontos, amplia a área de proibição e das competências do Corpo de Bombeiros, instituindo a apreensão de pranchas e equipamentos dos indivíduos que violarem a interdição, mesmo que estes estejam fora da água, além da assinatura de Termo de Responsabilidade e de Ajustamento de Conduta, ao infringir as determinações. Chama atenção que o decreto relacione as vítimas apenas

aos surfistas, apesar de, na data da sua publicação, haver o registro de sete banhistas entre as vítimas, todas fatais.

Entre as considerações que embasam a nova regra:

> [...] a constatação de índice elevado anormal de ataques de tubarão, que vêm vitimando os praticantes de *surf,* em determinadas áreas da orla marítima do Estado; a necessidade premente de instituir e disciplinar medidas coercitivas adequadas para efetivar o policiamento da prática de *surf*, e atividades análogas, nas áreas de risco iminente; o objetivo principal e inadiável de reduzir ao máximo a estatística alarmante de ataques de Tubarão, observada especificamente em relação aos praticantes e desportistas do *surf* em nosso Estado (Decreto nº 21.402, 6 de maio de 1999).

Figura 5 – Capa do Caderno de Cidades sobre a repressão à prática do surfe

JC Cidades

RECIFE, 8 de Maio de 1999 - SÁBADO

INCLUI CIÊNCIA /MEIO AMBIENTE , REGIONAL E ESPORTES

Chuvas provocam deslizamentos

Durante o dia de ontem foram registradas quedas de barreiras no Curado 4 (foto) e de duas pedras no Ibura de Baixo. Página 2

ALUÍZIO ARRUDA/JC

Decreto de Jarbas Vasconcelos proíbe prática do esporte de Paulista ao Cabo. Ontem foram instaladas placas de advertência na faixa interditada

Bombeiros reprimem a prática de surfe

FOTOS: MARIANA GUERRA/JC

ZA Bombeiros vão fiscalizar as praias e apreender prancha de quem tentar desobedecer a proibição

Trinta e nove ataques e doze mortes depois, o governo estadual tenta, mais uma vez — a primeira foi durante o Governo Arraes, em 1995 —, impedir que aconteçam novas investidas de tubarões a praticantes de esportes náuticos, em sua maioria surfistas, no litoral pernambucano. Ontem, o governador Jarbas Vasconcelos publicou um decreto que proíbe a prática desse tipo de atividade numa faixa de 68 quilômetros da costa de Pernambuco, compreendendo a área que vai do município de Paulista ao Cabo de Santo Agostinho. Com isso, o Corpo de Bombeiros (CB) vai ter uma nova função, passando a ser responsável também pela orientação de surfistas e apreensão das pranchas de quem insistir em entrar no mar.

A principal diferença em relação à proibição do governo anterior diz respeito à extensão da área interditada. Em janeiro de 95, um decreto de Miguel Arraes proibia o surfe do Recife ao Cabo, faixa identificada como de maior risco pelos especialistas. Segundo o decreto, a apreensão de pranchas vigorou apenas durante um ano.

O comandante-geral do Corpo de Bombeiros, coronel Luiz Gonzaga Dutra, afirma que o maior problema são os praticantes de surfe que teimam em 'pegar onda' além da arrebentação. "Eles serão aconselhados a não entrar com pranchas no mar. Em caso de resistência, o surfista vai ter seu equipamento apreendido, só podendo reavê-lo mediante o pagamento de uma taxa de guarda do bem, já que a prancha ficará em nosso depósito", explica.

Segundo o comandante, além pagar pelo depósito, o surfista terá que assinar um termo de responsabilidade, confirmando seu conhecimento da proibição. E nem mesmo as pranchas que estiverem à beira-mar na área interditada estarão livres de retenção. "Isso presume que o surfista tem a intenção de entrar no mar".

Para fazer valer o decreto, que entrou em vigor ontem, os Bombeiros terão reforçado seu efetivo de 40 homens trabalhando entre o Recife e Jaboatão. "Serão 60 pessoas, fazendo uma varredura na praia. Além de uma patrulha com três veículos, que vai rodar a costa pernambucana com guarnições de reforço", informa.

Novos equipamentos devem ser adquiridos pela corporação. "Pretendemos adquirir seis novas embarcações, dentre botes infláveis e motos aquáticas, além de máscaras, bóias e nadadeiras, que devem ser comprados com recursos da Taxa de Bombeiros", antecipa Dutra.

Ontem, primeiro dia de validade do decreto, já era possível observar diferenças em praias como Boa Viagem e Piedade — onde ocorreu o maior número de ques. As praias estavam cheias de ba tas, mas sem nenhum sinal de sur Quem esteve na orla para surfar foi tado pelos Bombeiros. Apesar da fação com a medida, ninguém o resistência aos guarda-vidas ou entrar no mar.

Pela primeira vez, também fora cadas na Praia de Boa Viagem plac cando a proibição da prática de s local. Essas, no entanto, ainda nã alerta para a presença de tubarões ou a possibilidade de ataques de mais caso se ultrapasse determi tância mar adentro. Da mesma fo as anteriormente colocadas na apenas lazem menção à existên rentes marinhas e da área ser m

Charles Pires, a última vítima, perdeu as duas mãos durante ataque e Boa Viagem

AS VÍTIMAS FATAIS DE ATAQUES DE TUBARÃO EM PERNAMBUCO

Dos 39 ataques registrados nos últimos sete anos nas praias do Grande Recife, 12 resultaram em morte.

Data	Nome	Praia	Local
Abril/92	Luiz Fernando de Melo	Paiva	-
Junho/92	Ubiratan Martins Gomes	Piedade	Igrejinha
Setembro/92	Enoque Pereira dos Santos	Boa Viagem	Castelinho
Julho/93	Antônio dos Santos	Boa Viagem	Castelinho
Julho/94	Alessandro Gomes de Souza	Boa Viagem	Castelinho
Dezembro/94	Laudenilson Gomes de Lima	Paiva	-
Julho/95	Clélio Falcão Filho	Candeias	Danger
Julho/97	Jurandir Amorim Silva	-	-
Setembro/97	Ignorado	Boa Viagem	Acaiaca
Abril/98	Ignorado	Boa Viagem	7º Jardim
Maio/98	Edvaldo Batistada Silva	Boa Viagem	Castelinho
Novembro/98	Cláudio Florenco Roberto de Freitas	Boa Viagem	-

Editoria de Arte/JC

de Bombeiros de Pernambuco

Fonte: *JC* (1999).

As estatísticas demonstram que, após a implantação do decreto de Jarbas, houve uma diminuição no número de surfistas atacados. Entre 28 de junho de 1992 e 6 maio de 1999, foram computados 30 casos, 23 eram surfistas, cerca de ¾ das vítimas. A partir de maio de 1999, o quadro se inverte, são registrados 36 novos incidentes até julho de 2024, apenas 9 são surfistas, cerca de ¼. Não estamos levando em consideração os incidentes no Arquipélago de Fernando de Noronha, em virtude de o local não estar sob o alcance dos decretos.

O surfe, como outros esportes aquáticos, foi banido das praias da RMR, e é raríssima a presença de pessoas nadando ou praticando algum esporte dentro do mar. O mais comum é banhistas no raso, até porque há um limite até onde se pode entrar na água, sob pena de receber um alerta dos bombeiros.

Para Habermas, a concordância a temas só se constrói como resultado de uma controvérsia mais ou menos ampla, na qual propostas, informações e argumentos podem ser elaborados de forma mais ou menos racional (Habermas, 1997, p. 94). O filósofo alemão entende a esfera pública como uma estrutura comunicacional do agir orientado pelo entendimento. Conforme o autor, a sociedade civil tem uma maior sensibilidade para captar e identificar problemas surgidos no seio da esfera pública. São atores da sociedade civil que "agudizam seus protestos" (Habermas, 1997, p. 19), fazendo pressão para legitimação e tomadas de decisão por centros de poder.

> Pode-se comprovar isso através dos grandes temas surgidos nas últimas décadas — pensemos na espiral do rearmamento atômico, nos riscos do emprego pacífico da energia nuclear, nos riscos de outras instalações técnicas de grande porte ou de experimentos genéticos, pensemos nas ameaças ecológicas que colocam em risco o equilíbrio da natureza (morte das florestas, poluição da água, desaparecimento de espécies, etc.) (Habermas, 1997, p. 115).

Em 17 de maio de 2004, é criado o Comitê Estadual de Monitoramento de Incidentes com Tubarões, formado por professores e cientistas da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), com integrantes das forças de segurança do estado. O CEMIT passa a coordenar todas as políticas e ações envolvendo os incidentes com tubarões, e é também o responsável por informar aos meios de comunicação sobre os incidentes e medidas de mitigação. Ao centrar todas as informações sobre o tema, o órgão passa a exercer grande influência.

Para Habermas, pessoas ou instituições "podem gozar de uma reputação que lhes permite exercer influência sobre as convicções de outras pessoas" (Habermas, 1997, p.

95), e que esta influência é alimentada pelo entendimento. É na esfera pública, segundo o autor, que se trava e se forma a luta por influência. Não se tratando simplesmente de uma influência política, mas também de grupos de pessoas de prestígio, "especialistas que conquistaram sua influência através de esferas públicas especiais (por exemplo, a autoridade de membros de igrejas, a notoriedade de literatos e artistas, a reputação de cientistas, o renome de astros do esporte, do *showbusiness*, etc.)" (p. 95).

Em 2014, em resposta a mais um incidente gravíssimo, um novo decreto foi editado, incluindo a prática de natação entre as atividades proibidas. O ato também modifica a participação no CEMIT, os professores da UFRPE, que integravam o Comitê desde a criação, deixam de fazer parte do colegiado, ficando restrito aos membros da Secretaria de Defesa Social, como Corpo de Bombeiros, Instituto de Medicina Legal, entre outros.

Em 2021, após dois incidentes graves, a Prefeitura de Jaboatão dos Guararapes decretou a proibição do banho de mar por tempo indeterminado em um trecho da praia de 2,2 km na altura da Igrejinha de Piedade. "A fiscalização na área é realizada por um efetivo de 80 pessoas da Guarda Municipal, Corpo de Bombeiros, Polícia Militar, Secretaria Municipal de Gestão Urbana e Meio Ambiente, Secretaria Executiva de Turismo e Cultura e fiscais da orla.

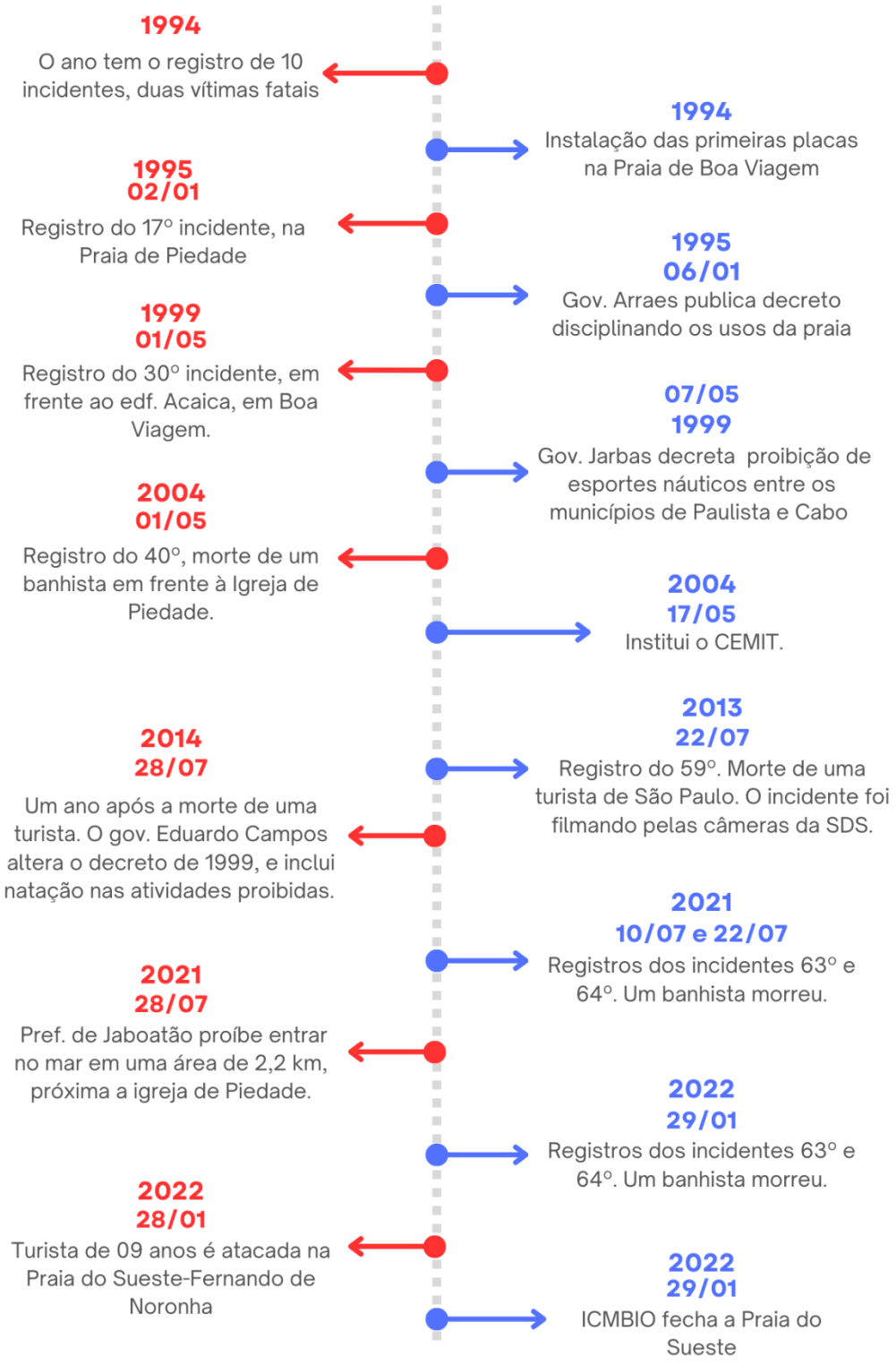
Em janeiro de 2022, após uma criança perder a perna em um incidente na Baía do Sueste, em Fernando de Noronha, a praia também foi interditada para banho de mar. Cinco meses depois, a praia foi reaberta, mas o banho de mar segue proibido. No arquipélago foram instaladas placas de sinalização com alertas de tubarões.

Em março de 2023, a governadora Raquel Lyra transfere o comando do CEMIT para a Secretaria do Meio Ambiente, Sustentabilidade e Fernando de Noronha. Até então, o órgão era ligado à Secretaria de Defesa Social. Mais uma vez, a intervenção do Estado é tomada dias depois do ataque a dois banhistas, em um intervalo de dois dias. Na alteração do decreto, a Universidade Federal de Pernambuco, Universidade Rural de Pernambuco e Universidade de Pernambuco voltam a integrar o colegiado do CEMIT.

Os meios de comunicação social operam como um mediador estratégico entre os acontecimentos, as autoridades e a sociedade. No caso dos incidentes com tubarões, a mídia conferiu notoriedade e significação ao fenômeno, sendo fundamental para validar as ações de Estado. Como assinala George Mead, "as notícias são também uma forma na

qual se cria ordem e desordem, transformando o saber em contar, oferecendo mais do que o fato, mas a tranquilidade e familiaridade em experiências comunitárias partilhadas" (Mead, 1962 *apud* Traquina, 2005, p. 349).

Figura 6 – Linha do tempo dos incidentes e das ações de Estado



Fonte: autora

A linha do tempo das ações de Estado nos dá a dimensão de como as respostas governamentais estão atreladas aos incidentes. Os decretos de 1995 e 1999, são responsivos a acontecimentos sem vítimas fatais, ou casos de grande comoção, mas estão

atrelados a um acúmulo de acidentes envolvendo surfistas que foram se somando até a tomada de posição. Ao observar proibições nas Praias do Sueste (Fernando de Noronha), e Piedade (Jaboatão), a resposta governamental é vinculada a casos graves que se repetiram no local. Em Fenando de Noronha a proibição foi imediata, no dia seguinte ao incidente com uma turista de nove anos, e em uma praia onde também havia registrado o outro incidente grave da ilha. A Praia da Igrejinha de Piedade é o local com mais registros de incidentes no estado, foram notificadas treze vítimas, sete fatais (G1, 2021), mas o banho de mar só foi proibido em 2021, depois do 12º incidente, e com registro de dois casos em intervalos de 15 dias. Apesar da proibição, em 2023 houve um nova vítima fatal da investida de um tubarão. A eminência de outros incidentes suscita a possibilidade do fechamento de novas áreas para o banho e lazer.

A socióloga Maria Stela Grossi Porto, estudiosa da violência e suas representações sociais, afirma que, após casos de violência, é comum o Estado responder na forma de algum plano emergencial que vai desde aumentos no repasse de recursos financeiros até a produção de novas leis e/ou do aumento ou endurecimento das penas existentes. "São medidas que visam a intervir atestando a eficácia da atuação policial e anestesiando o clima de medo e insegurança que, nesses contextos, toma conta da população. Medidas necessárias, algumas delas, mas insuficientes, se tomadas isoladamente" (Porto, 2019, p. 211).

> Oh senhor cidadão,
> Eu quero saber, eu quero saber
> Com quantos quilos de medo,
> Com quantos quilos de medo
> Se faz uma tradição?
>
> Oh senhor cidadão,
> Eu quero saber, eu quero saber
> Com quantas mortes no peito,
> Com quantas mortes no peito
> Se faz a seriedade? (Tom Zé, 1972).

2.2 Comunicação de risco

Os incidentes com tubarões são riscos imprevisíveis que se repetem, em Pernambuco, ano após ano. A gestão da comunicação dos riscos dos tubarões no estado

passou por várias fases e foi interrompida, inúmeras vezes, por falta de verbas e questões burocráticas.

Segundo Serra (2007), a informação é fator crucial em situações de risco. Para o autor, "a percepção dos riscos pelos cidadãos é não só socialmente construída, mas também construída, na sua maior parte, pelos média" (p. 7). O processo que permite dar visibilidade aos riscos por meio de destaques na mídia é fundamental, segundo ele, para que a sociedade e cada um dos indivíduos possam estar em condições de reduzir os perigos.

O noticiário factual dos acidentes com tubarões é construído através de uma série de filtros jornalísticos, presentes nas notícias do dia a dia, como a pirâmide invertida, a orientação para a resposta às perguntas sobre o quê, o quem, o quando, o onde é o porquê, além de questões de espaço e tempo, inerentes à profissão. O resultado é que as informações importantes que envolvem segurança e causas dos incidentes podem não ter a ênfase desejada na construção das reportagens.

Muito além do noticiário, a comunicação de risco envolve planejamento e uma série de ações, através de comunicação pública, que permitam a disseminação rápida de informações qualificadas, não apenas pela mídia tradicional, mas também através de um esforço público. No estado, as ações de comunicações de riscos foram centradas na sinalização das praias e na realização de diversas ações de educação ambiental, desde a confecção e distribuição de panfletos e cartilhas educativas, a realização de palestras e exposições em escolas e espaços públicos, através Instituto Oceanário. O Instituto Oceanário de Pernambuco, no âmbito do programa de Pesquisa e Monitoramento de Tubarões na Costa do estado de Pernambuco - PROTUBA I, II, III, IV, V, VI, VII, VII, realizou, entre setembro de 2004 e março de 2014, 2.279 ações de educação ambiental.[12]

Nas atas das reuniões do Comitê, é constante o pedido do presidente do Cemit, Fábio Hazim, para implantação de campanhas de comunicação, criação de site, colocação de mais placas de fiscalização, realização de campanhas educativas, distribuição de folhetos e até pesquisas de opinião. Em uma dessas reuniões, em que são discutidos

[12] Disponível em: https://www.sds.pe.gov.br/images/CEMIT/ATAS/ATAS_NOVAS_/RELAT%C3%93RIO_5%C2%BA_WORKSHOP_INTERNACIONAL_DE_INCIDENTES_COM_TUBAR%C3%95ES_EM_RECIFEpdf.pdf

planos de mídia, Hazin explica como desejaria que fosse a peça desenvolvida pelo CEMIT: o mais objetiva quanto possível, nos moldes da campanha "Vamos manter a praia limpa", que era veiculada à época pela Prefeitura do Recife. E conclui que o foco deveria ser "no esforço de prevenção e nos cuidados a serem observados no intuito de se evitar ataques de tubarão, de forma a possibilitar um banho de mar com segurança para todos" (CEMIT, 2018).[13]

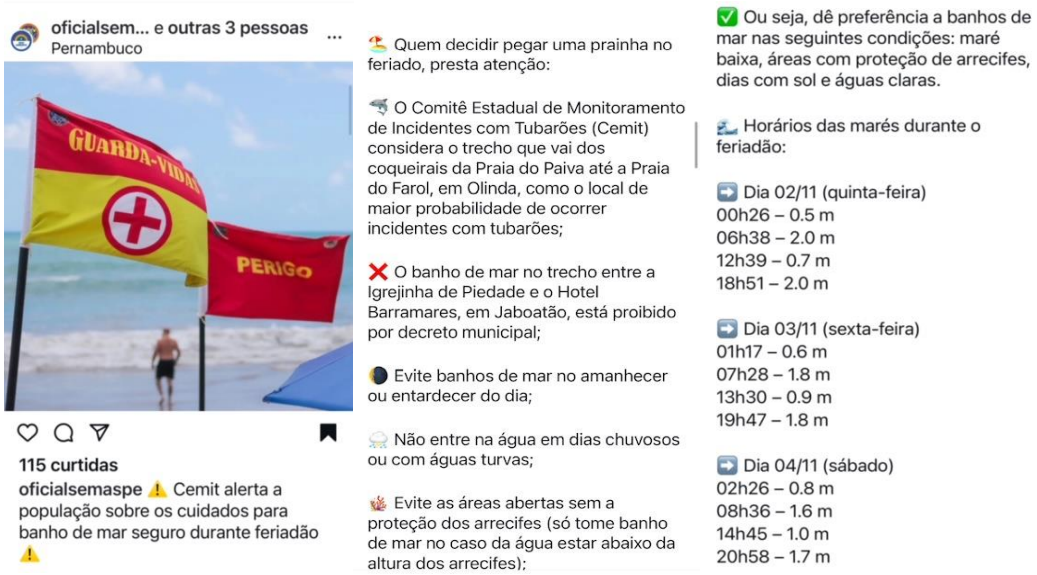
Dentro de uma nova abordagem comunicacional, o governo estadual lançou (2023) o Plano de Educação Ambiental para Segurança Aquática e Prevenção de Incidentes com Tubarões de Pernambuco (PEAST-PE). Norteado pelos membros científicos do comitê, o documento propõe cinquenta ações, que vão desde a conservação das espécies de tubarões às medidas de prevenção e mitigação dos incidentes. O plano entende que a "única solução eficiente, e sem efeitos deletérios, para enfrentar a problemática dos incidentes entre tubarões e seres humanos é a educação ambiental" (PEAST-PE, 2023, p. 8).[14]

É a partir desse entendimento que as medidas de prevenção de incidentes e a comunicação de risco passam a nortear a comunicação oficial, visando orientar a população sobre os fatores de segurança ao frequentar as praias urbanas. A comunicação oficial é então direcionada para campanhas de sensibilização para um banho de mar seguro. As informações científicas elaboradas, durante anos, sobre as medidas de prevenção, como, por exemplo, evitar áreas de mar aberto, não entrar na água em dias chuvosos, nem entre o entardecer e o amanhecer e evitar a maré alta, passam a ser conteúdo discursivo tanto das entrevistas dos membros da Secretaria Estadual do Meio Ambiente (SEMAS) como em postagens nas das redes sociais.

É o caso da página oficial da Semas em uma rede de imagens (@oficialsemaspe). Além dos alertas, os *posts* também disponibilizam tábuas de mares e dicas de segurança. As publicações são postadas em conjunto com outros órgãos do estado, como o Corpo de Bombeiros, CPRH, GBMar, em vésperas de grandes feriados de Natal, Réveillon e Carnaval, quando há um maior fluxo nas praias.

[13] Disponível em: https://drive.expresso.pe.gov.br/s/9NxWohg6y1gbEK6?path=%2F2008#pdfviewer.
[14] Disponível em: https://semas.pe.gov.br/cemit-lanca-peast-pe-durante-1o-seminario-de-monitoramento-de-incidentes-com-tubaroes-em-pernambuco/.

Figura 7 – Postagem com orientações sobre o banho de mar no Instagram oficial da SEMAS



Fonte: Página do Instagram da SEMAS.

Atualmente (2024), dois núcleos de educação ambiental fazem trabalho de conscientização para públicos diversos, que vão desde frequentadores das praias aos estudantes de escolas públicas e privadas. Entre os objetivos do Núcleo de Educação Ambiental Professor Fábio Hazin (NEA-FH), ligado à UFRPE e ao Programa de Sensibilização Ambiental (PROSA), que trabalha em associação com a Universidade de Pernambuco (Upe), estão a mitigação dos incidentes com tubarões, esclarecimentos sobre a importância dos tubarões e a valorização do meio ambiente.

O NEAFH foi fundado no início dos anos 1990, e é formado por um grupo de educadores de distintas áreas, como biologia, oceanografia, medicina veterinária etc. As atividades têm o propósito principal de informar adequadamente a população sobre os riscos de incidentes com tubarões, os cuidados para evitá-los e a importância desses animais para o ecossistema marinho e a consequente necessidade de preservação de suas populações. O NEAFH, além de buscar desmistificar os incidentes, trabalha questões relacionadas à biodiversidade marinha, como o impacto da sobrepesca, a pesca fantasma, a poluição e o funcionamento dos ecossistemas marinhos de maneira íntegra.

O PROSA é um projeto de extensão da UPE que atua, desde 2007, desenvolvendo ações de sensibilização sobre o meio ambiente. Em 2023, após dois incidentes seguidos,

o projeto reuniu alunos de Biologia e voluntários e iniciou as idas às praias, começando por Piedade, onde os acidentes aconteceram. Com missão de divulgar boas práticas para evitar incidentes e desmistificar os mitos envolvendo tubarões para frequentadores e banhistas, o grupo fez quatro incursões à praia em 2023 e duas em 2024. A ação serviu ainda para criar um roteiro de falas, mas também de escuta.

Não há pesquisas de opinião, pelo menos públicas, que mensurem qual a compreensão do público sobre o fenômeno dos tubarões ou que investiguem como a sociedade se informa a respeito dos incidentes. Nas ações do PROSA de 2024, foram abordados 68 adultos nas praias, 31 do sexo masculino e 37 femininos. O trabalho gerou informações importantes sobre a percepção dos frequentadores da praia. "Nos relatos dos turistas, observou-se que a maior parte sabia do histórico de incidentes com tubarões na área, e que este conhecimento foi adquirido através de avisos quando desembarcavam no aeroporto, pelos profissionais da hotelaria da região e pela atenção nas placas de aviso espalhadas pela orla da praia" (Wenceslau, 2024, p.216).

Outro ponto abordado pelo roteiro do PROSA foram as medidas de prevenção, sendo estas as mais citadas pelos frequentadores da praia de Piedade:

> "Tomar banho na maré baixa", com nove citações (34,6%); seguido por "Ficar protegido pelos arrecifes", seis citações (23,1%); "Não entrar no fundo", quatro citações (15,4%); "Evitar entrar na água turva", duas citações (7,7%); "NI" (Não Informado), "Evitar lixo orgânico no mar", "Manter a água na altura da cintura", "Evitar entrar na água" e "Tomar banho nas piscinas de plástico", com uma citação cada (3,8%) (Campos *et al.*, 2024).

Outro projeto que se debruçou sobre a percepção da população sobre os incidentes e a importância da informação enquanto prática social foi um trabalho de conclusão de curso em Ciências Ambientais, de Marina Silva dos Santos. Apesar de uma amostragem pequena, 64 entrevistados, divididos entre as cidades de Recife-PE e Fortaleza-CE, o levantamento, realizado no segundo semestre de 2017, joga luz sobre como as pessoas se informam sobre o problema.

O estudo demonstra que a maioria dos participantes (41,8%) obtém informações sobre tubarões por meio de veículos de informação (jornais e revistas), 22,9% em documentários, 16,3% em filmes e 10% em sites. Outro ponto importante da pesquisa é e a percepção do medo. Questionados se sentem medo de tubarões, mais de 82% relataram sentir medo, mas os motivos são distintos para os moradores de Recife e Fortaleza.

Os entrevistados atribuíram notas para segurança das praias, de zero (pior) a cinco (melhor). Em Fortaleza, 78,12% dos entrevistados responderam que se sentem muito seguros quanto aos "ataques". Já em Recife, mais da metade dos participantes, 53,12%, deu notas iguais ou menores que dois, "o que representa baixa segurança" (Silva, 2017, p. 30). O levantamento registra ainda que todos os entrevistados já ouviram falar em ataques de tubarão e a imensa maioria (85,93%) citou Recife (PE) como o lugar onde existem incidentes com humanos. Questionados sobre os motivos da frequência dos tubarões na costa, "a resposta 'Porto de Suape' foi dada exclusivamente por residentes de Recife- PE" (p. 31).

Sobre as principais soluções para diminuir os incidentes entre humanos e tubarões, as placas obtiveram 95% dos votos, empatada com informações sobre os riscos 95%, seguida por educação ambiental, citada por 92% dos entrevistados.

Em eventos como os incidentes que tem um histórico e recorrência de casos, é possível construir uma memória social e de percepção sobre os riscos de um banho de mar em determinadas situações. Mas é necessário fortalecer a cultura de prevenção e a educação de maneira contínua e não apenas a reboque dos acidentes. A cultura de prevenção não é uma coisa construída em pouco tempo, e não tem a ver só com a atuação do Estado, mas com a questão de o cidadão identificar, através das informações claras e disponíveis, os melhores lugares e horários para o banho de mar e os riscos que envolvem o descumprimento dos alertas.

2.3 As placas de alerta e o novo cartão postal da cidade

Nos dois levantamentos, as placas de sinalização aparecem como importantes aparelhos de alerta sobre os acidentes entre humanos e tubarões. Incorporadas às paisagens das praias e ao cotidiano da cidade, a evolução e as modificações das placas também podem contar a história dos incidentes em Pernambuco. A sinalização, que hoje faz sucesso entre banhistas e turistas, é um exemplo da transformação da comunicação de risco, nesses trinta anos.

Figuras 8 e 9 – Placas de alertas nas praias em 1995

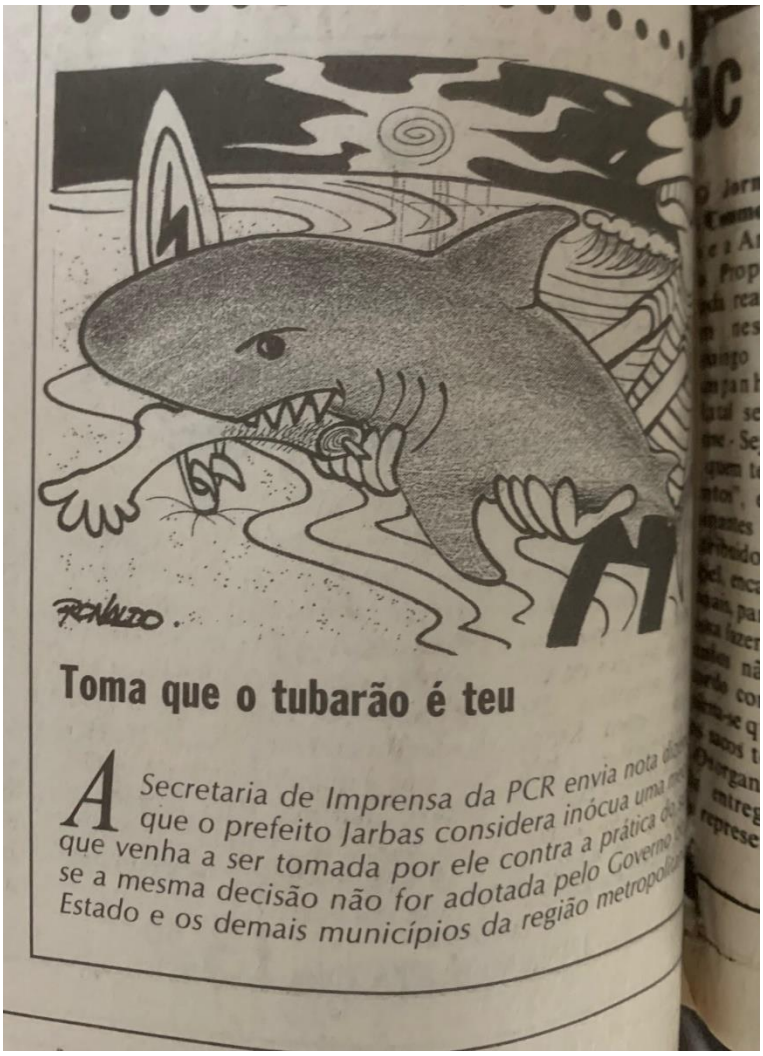
Fonte: *Diario de Pernambuco* (1995). *Diário Oficial* (1995).

Os primeiros avisos adotados pelo poder público foram implantados pela Prefeitura do Recife, em setembro de 1994. Foram colocados 14 pares de placas, em áreas determinadas pelos bombeiros, cada uma trazia duas frases em português e inglês.

> Respeite os limites naturais. Evite banho após os arrecifes;
>
> Mar aberto. Zona imprópria para banhos; surfistas a onda é respeitar os limites naturais.
>
> Não ultrapasse a linha dos arrecifes; Desfrute das piscinas naturais.
>
> Não vá além dos arrecifes (*DO*, 1994).

O então secretário de turismo da Cidade do Recife, Pepe Cal, justificou a exclusão da menção aos incidentes com tubarões alegando que o objetivo das placas era educar a população e não alarmar. A colocação da sinalização era de responsabilidade dos municípios e havia pouco interesse das cidades em adotar o uso das placas de alerta, em virtude do receio de que estas prejudicassem a imagem das cidades e o fluxo de turistas. Em nota, o então prefeito do Recife, Jarbas Vasconcelos, afirma que a colocação das placas seria ineficaz se o procedimento não fosse adotado pelo Governo do Estado e por outras prefeituras da região metropolitana (*JC*, 1994).

Figura 10 – Charge de Ronaldo no Caderno de Cidades do *JC* sobre a polêmica da sinalização em Recife



Fonte: JC (1994).

A partir de 1999, com o decreto que endurece a proibição da prática do surfe e todos os esportes náuticos, e com a ampliação da área de restrição, novas placas são colocadas nas praias, com objetivo de coibir a prática de surfe. Os alertas, além da frase em português: "proibida a prática de surf", traziam também tradução em inglês. Eram instaladas em locais onde havia a prática do esporte, mas ainda sem seguir nenhum tipo de padronização e sem citar a presença dos tubarões.

Figura 11 – Primeira página do *JC* com as novas placas de proibição do surfe em 1999

uma casa no Ibura de Baixo

MARIANA GUERRA/JC

Proibida a prática do surf

No surfing

Bombeiros evitam prática de surfe em várias praias

Desde ontem, o Corpo de Bombeiros aumentou o número de policiais que atuam no litoral pernambucano visando impedir a prática de surfe no trecho entre Paulista e Cabo de Santo Agostinho, conforme decreto do governador. Eles apreenderão as pranchas dos que infringirem a determinação. Na Praia de Boa Viagem foram colocadas placas indicativas e ontem ninguém se aventurou a surfar. ■ CIDADES 1

PREVENÇÃO Placas alertam sobre a proibição da prática de surfe

MAIS LIGADOS AO ANTICOMUNISMO E À REPRESSÃO POLÍTICA EM

Fonte: *JC* (1999).

Com a criação do CEMIT, em 2004, o comitê passa a rever e unificar as informações sobre os acidentes, visando reunir todos os dados. Dentro deste novo cenário, a entidade também reexamina os formatos das placas de advertências. Uma série de reuniões do comitê discute a criação e instalação das novas placas, que deviam seguir os padrões internacionais de informações e cores. O modelo das placas que hoje estão presentes em toda a orla da região metropolitana do Recife é fruto dessas reuniões.

Durante praticamente três anos, o CEMIT debateu a criação e instalação da sinalização. Nas discussões, houve o entendimento de que uma sinalização eficiente seria fundamental para orientar em situações de riscos e evitar acidentes, mas também houve o receio quanto ao impacto da nova estratégia de alerta. Alguns relatos colhidos nas atas dessas reuniões demonstram o dilema enfrentado pelas autoridades do comitê.

Em setembro de 2006, o tenente-coronel Josué Mendonça, representante do GBMAR, mostra preocupação que “essas placas pudessem constituir em um fator

adicional de afastamento das pessoas da praia (CEMIT, 2006).[15] Em junho de 2007, o representante da EMPETUR (Empresa Pernambucana de Turismo), Allan Aguiar, se mostra apreensivo com o tom da comunicação, "visto que o Recife já tinha um carimbo, internacionalmente e nacionalmente, de rumo turístico muito perigoso, não só pelos ataques de tubarão, mas também pela questão da violência".[16] Em 2008, Virginia Marques, representante da Secretaria de Turismo da Prefeitura do Recife, questiona o tamanho dos alertas.[17]

Em 2009, as placas são finalmente colocadas, o número total delas não fica muito claro. Um ano depois, em outra reunião do CEMIT, Hazin afirma que as praias pernambucanas possuem a melhor sinalização em termos de alerta e informações contra-ataques de tubarões do mundo. Segundo ele, as praias da Florida têm três vezes menos alertas que as nossas. "A questão para Hazin não é mais a desinformação, já que a população era uma das mais bem informadas em todo mundo, mas porque algumas pessoas preferiam correr os riscos, mesmo estando plenamente cientes dos mesmos". (Hazin, 2010).[18]

As primeiras placas com a padronagem internacional trazem as cores vermelho, preto e branco e a imagem de um tubarão. O texto destaca o perigo em português e inglês, aliada à já famosa frase: "área sujeita a ataque de tubarão".

Figura 12 – Primeiras placas padronizadas

Fonte: Surf Guru (2010).

[15] Disponível em: https://drive.expresso.pe.gov.br/s/9NxWohg6y1gbEK6?path=%2F2006#pdfviewer.
[16] Disponível em: https://drive.expresso.pe.gov.br/s/9NxWohg6y1gbEK6?path=%2F2007#pdfviewer.
[17] Disponível em: https://drive.expresso.pe.gov.br/s/9NxWohg6y1gbEK6?path=%2F2008#pdfviewer.
[18] Disponível em: https://drive.expresso.pe.gov.br/s/9NxWohg6y1gbEK6?path=%2F2009#pdfviewer

As placas de sinalização são parte da paisagem da nossa orla. Ao longo dos anos, sofreram pequenas modificações e aumentaram em número.

Figuras 13 e 14 – Evolução das placas de alerta

Fonte: Acervo pessoal.

A última licitação (2023) prevê a instalação de 150 placas em toda a área monitorada, que se inicia na Praia do Farol, em Olinda e vai até a Praia de Itapuama, no Cabo de Santo Agostinho, abrangendo cerca de 30 quilômetros. Os novos alertas são reflexivos, para facilitar a visibilidade noturna e terão uma proteção antipichação. Além das placas, o Corpo de Bombeiros também passou a colocar bandeiras vermelhas, com indicação de perigo, na linha d'água, nos locais onde há correntes de retorno e onde, por conseguinte maior, há maior probabilidade de afogamentos. As novas placas ainda não foram instaladas, por problemas na licitação, e, segundo informações do Corpo de Bombeiros, atualmente só 58 estão fixadas, as demais sumiram. Abaixo, modelo da próxima placa. Para Jonas Rodrigues, engenheiro de pesca pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), a falha de sinalização inflige riscos a moradores e turistas.

> A ausência desse instrumento pode fazer com que algumas pessoas que estejam desinformadas acessem áreas proibidas. Isso pode levar à ocorrência de um incidente com tubarão ou aumentar a probabilidade de isso acontecer. As placas são o único instrumento informativo para a população. Não existem mais outros informativos que sejam tão presentes na área de risco para a ocorrência de incidência dos tubarões, com mais placas. A negligência na manutenção e a negligência de manter a informação são problemas importantes. Isso precisa ser solucionado de maneira mais eficiente e rápida.[19]

[19] Disponível em: https://jc.ne10.uol.com.br/pernambuco/2024/08/03/somem-placas-de-alerta-para-ataque-de-tubarao-em-orlas-do-grande-recife.html.

Abaixo o modelo da próxima placa.

Figura 15 – Novo modelo das placas de alerta

Fonte: site Semas.

Em julho de 2021, depois de uma série de incidentes próximos à Igrejinha de Piedade, o trecho tornou-se o local com o maior número de casos no estado. Em resposta, a prefeitura do município do Jaboatão dos Guararapes decidiu proibir o banho de mar em um trecho de 2,2 quilômetros da Praia de Piedade. A medida foi tomada pela prefeitura do município após recomendação do CEMIT. Apenas em duas ocasiões o banho de mar em Pernambuco foi proibido: a primeira, em 1992, durante o surto de cólera, e, em 2020, durante a epidemia de covid-19. Novas placas, que destacam a proibição, são fixadas.

Figuras 16 e 17 – Placas de alerta, com proibição do banho de mar próximas a Igrejinha de Piedade

Fonte: *JC* (2022).

Em 2018, o Instituto Chico Mendes da Biodiversidade (ICMBio) instalou placas informativas para prevenir incidentes com tubarões na área do Parque Nacional Marinho de Fernando de Noronha. Os painéis foram colocados nas praias do Sueste, Leão e Sancho e contam com textos em português e inglês. Em 2015, o arquipélago registra o primeiro incidente grave, um turista teve o braço arrancado por um tubarão na Baia do Sueste.

As placas são responsáveis pelas maiores intervenções e modificações nas nossas paisagens litorâneas. A sinalização tem forte impacto nos processos identitários e repercute diretamente na forma como se construiu uma nova imagem das praias urbanas e dos tubarões. Para a psicóloga Amanda Patrícia Sales, autora do livro *Trauma, psicopatologia, resiliência - uma análise do relato das vítimas de ataque de tubarão*, "a exposição às placas e a proibição da prática de esportes náuticos influenciam na percepção das pessoas sobre a iminência de um incidente" (Sales, 2018).[20]

A sinalização também se transformou em novo cartão postal da cidade, passando a retratar e a simbolizar a praia, e sendo parada obrigatória para fotos dos turistas. A frase "Área sujeita a ataque de tubarão" está presente em suvenires, camisas, quadros. "As placas inspiraram versões caricaturadas de si mesmas e se fazem presentes no comércio (e no imaginário) local — onde, muitas vezes, o tubarão é posto como antagonista ao humano". file:///C:/Users/renat/Downloads/179-195.pdf

Figura 18 – Turista fotografando sinalização sobre ataques de tubarões na Praia de Boa Viagem (Recife, PE)

[20] Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2018/06/04/interna-brasil,686033/ataques-de-tubarao-25-anos-de-medo-nas-praias-em-recife.shtml

Fonte: Imagem: Peu Ricardo – *Diario de Pernambuco* (Souza; Nascimento; Oliveira, 2017).

3. FONTES NOTICIOSAS E CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS

> Não há motivo para pânico por causa do registro de um ataque de tubarão ocorrido na semana passada. Essa é a opinião do especialista em tubarões Fábio Hissa Vieira Hazin, professor do Departamento de Pesca da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Segundo Hazin, várias espécies de tubarão ocorrem no litoral do Brasil, mas é um fato raro o registro de ataque. O último que foi divulgado ocorreu quinta-feira passada, quando o bodyboard Eduardo da Cruz teve uma perna ferida durante um treino que fazia em Boa Viagem.
>
> O tubarão é um oportunista. O animal possivelmente teve sua atenção despertada pelo bater de pernas do rapaz, que poderia ser interpretada como um animal em dificuldade. Infelizmente, talvez por isso houve o ataque, especula Fábio Hazin. "Não é porque atacou um banhista que o tubarão ficaria viciado e repetiria o ataque a seres humanos. Isso é folclore", acrescenta o especialista (*Jornal do Commercio*, 1992).

As explicações do professor da Universidade Federal Rural de Pernambuco Fabio Hazin, pioneiro e um dos maiores especialistas em tubarões do país, constam de uma suíte publicada no *JC*. Ainda explorando as implicações e repercussões do primeiro incidente com tubarão revelado pela mídia, a matéria tenta tranquilizar o leitor, ao tempo em que

traz esclarecimentos sobre o "porquê" de o animal ter atacado o surfista. Os trechos da fala do especialista selecionados pelo jornal — "não há motivo para pânico", bem como o título da matéria "Cientista não crê que tubarão volte a atacar" — sugerem que se trata de um fato isolado, uma espécie de fatalidade, um acidente que não irá se repetir, sinalizando que a população pode continuar a frequentar a praia sem medo.

A sucessão de acidentes com tubarões, no entanto, mostrou que não se tratava de um acontecimento único. À medida que os incidentes vão se repetindo, a busca por respostas sobre os porquês dos incidentes, quem são esses animais, os riscos de se tornar a próxima vítima, entre outros questionamentos, irão pressionar tanto a mídia como os pesquisadores a apresentar respostas.

O público demanda respostas e aos jornalistas cabe a busca por informações de qualidade que embasem as notícias. Nesse contexto, a ação das fontes é de suma importância para a qualificação da informação. Segundo Wolf (1999), ao relatar, explicar e organizar os acontecimentos, o jornalista se apoia em diversos testemunhos e concede a estes testemunhos determinados papéis, com os quais pretende imprimir efeitos de real e da verdade, sendo as fontes um fator determinante para a "qualidade da informação produzida pelos *mass media*" (Wolf, 1999, n.p.).

O discurso jornalístico, como define Charaudeau (2006), funciona como um discurso de prova de autenticidade, de autoridade, de verdade, de responsabilidade e de propósitos e se caracteriza pelo "encaixe de um dito em outro dito" (p. 126). Salvo raríssimas exceções, os jornalistas não têm contato diretamente com os fatos, mas com informações sobre os fatos fornecidas por fontes, entendendo por fonte "qualquer entidade detentora de dados que sejam suscetíveis de gerar uma notícia" (Serra, 2003, p. 334). Os fatos já chegam ao jornalista filtrados pelas fontes, de tal modo que, mais do que transmitir ou relatar fatos, o que se faz é transmitir ou relatar informações, "factos em segunda ou mesmo em terceira mão" (Serra, 2003, p. 337).

A maioria do conhecimento social e político sobre o mundo deriva, considera Van Dijk (1997), dos relatos noticiosos que lemos ou vemos todos os dias, e a escolha da fonte é uma das etapas cruciais da construção deste conhecimento, principalmente diante de fatos novos e controversos. No mesmo sentido, Lages (2003) observa que as concepções da realidade e sua transformação em textos e imagens não é trabalho de uma pessoa, mas tem início na fonte, "que formula uma primeira representação que será levada adiante.

Cada indivíduo da cadeia informativa entende a realidade conforme seu próprio contexto e seu próprio estoque de memória" (p. 23).

Na obra *Mudança Estrutural da Esfera Pública,* Habermas discute, entre outros pontos, a importância da comunicação e dos "líderes de opinião" para a construção do entendimento dos problemas que afetam a esfera pública e de como uma ampla compreensão é importante para a formação da opinião pública e construção de consensos. Para o autor, há opiniões públicas que representam potenciais de influência política e podem ser utilizados para interferir no comportamento público. "Pessoas ou instituições, por exemplo, podem gozar de uma reputação que lhes permite exercer influência sobre as convicções de outras pessoas, sem ter que comprovar competências e sem ter que dar explicações" (Habermas, 1997, p. 94-95).

Ele reconhece que na esfera pública nem todos os indivíduos detêm o poder de influência e destaca o papel da mídia na escolha das vozes relevantes para o debate.

> "Os produtores da informação impõem-se na esfera pública através de seu profissionalismo, qualidade técnica e apresentação pessoal. Ao passo que os atores coletivos, que operam fora do sistema político ou fora das organizações sociais e associações, têm normalmente menos chances de influenciar conteúdos e tomadas de posição dos grandes meios. Isso vale especialmente para opiniões que extrapolam o leque de opiniões da grande mídia eletrônica, 'equilibrada', pouco flexível e limitada centristicamente" (Habermas, 1997, p. 109-110).

Ainda segundo Habermas, o poder de influenciar a opinião do público está diretamente ligado à maneira como este compreende os acontecimentos.

> A mídia tem diferentes chances de influência, seu poder na comunicação pública tem que se apoiar no assentimento dos leigos. O público dos sujeitos privados tem que ser convencido através de contribuições compreensíveis e interessantes sobre temas que eles sentem como relevantes (Habermas, 1997, p. 95-96).

Seguindo o raciocínio de Habermas, na "esfera pública luta-se por influência", pelo poder de conduzir a opinião pública capaz de intervir na adoção de políticas.

> Nessa luta não se aplica somente a influência política já adquirida [...], mas também o prestígio de grupos de pessoas e de especialistas que conquistaram sua influência através de esferas públicas especiais. A partir do momento em que o espaço público se estende para além do contexto das interações simples, entra em cena uma diferenciação que distingue entre organizadores, oradores e ouvintes, entre arena e galeria, entre palco e espaço reservado ao público espectador (Habermas, 1997, p. 95-96).

O autor ainda destaca que uma das questões centrais consiste em identificar o sujeito capaz de colocar os temas do dia e de determinar a orientação dos fluxos da comunicação.

> Mesmo que conhecêssemos o peso e o modo de operar dos meios de comunicação de massa e a distribuição de papéis entre público e atores, e mesmo que pudéssemos opinar sobre quem dispõe do poder dos meios, não teríamos clareza sobre o modo como os meios de massa afetam os fluxos intransparentes da comunicação da esfera pública (Habermas, 1997 p. 110).

3.1 Fontes e enquadramentos

No início dos eventos, no começo da década de 1990, não havia algo como as redes sociais para rivalizar com os jornais, rádios e TV na condução e formação da opinião pública. Os fatos não sofriam, como hoje, um bombardeio da desinformação e da contaminação das *fake news*. "A atualidade das redes sociais é marcada pelas crises dessa verdade factual e da objetividade jornalística, atropeladas pelas opiniões e disputas de narrativas interessadas" (Manso, 2022).[21] Era a imprensa tradicional quem ditava a versão dos fatos. Era o jornalismo o responsável pela construção da informação, através de uma mediação com vozes especializadas, desempenhando um papel importante de instrução, construção, organização e partilha de sentidos.

Partilhamos do entendimento que as notícias, além de informar e tornar os acontecimentos mais bem compreendidos pelo público, têm a capacidade de organizar a realidade, na medida em que através de sua representação noticiosa fornece significados e interpretação dos fatos, recriando novos conhecimentos (Meditsch, 1997).

As fontes são agentes ativos no enquadramento da realidade retratada e primordiais para construção de sentidos e significados. Para Hall *et al*. (2005), a relação entre a imprensa e os "*primarys definers* institucionais" irá balizar a interpretação dos acontecimentos e os enquadramentos do problema. "Este enquadramento inicial fornece então os critérios segundo os quais todas as contribuições subsequentes são rotuladas de 'relevantes' para o debate, ou irrelevantes" (p. 304). Os autores reconhecem ainda que os

[21] Disponível em: https://jornal.usp.br/articulistas/bruno-paes-manso/jornalismo-verdade-factual-pena-moral-perdao-e-cuca/.

media não são os definidores primários dos acontecimentos, pois estes reproduzem as definições daqueles que têm acesso privilegiado, como "fontes acreditadas". "Nesta perspectiva, no momento da produção jornalística, os media colocam-se numa posição de subordinação estruturada aos *primary definers*" (p. 315).

A rede de fontes que a mídia estabelece como instrumento para o seu funcionamento reflete, por um lado, a estrutura social e de poder existente e, por outro, organiza-se a partir das exigências dos procedimentos produtivos (Wolf, 1985). "As fontes que se situam à margem destas duas determinações, muito dificilmente podem influir, de forma eficaz, na cobertura informativa".

A maioria das informações jornalísticas parte de vários tipos de fontes, no entanto, a classificação e denominações das mesmas por pesquisadores e veículos de imprensa são diversas e muitas vezes diferentes (p. 21). Segundo o autor, é preciso diferenciar "fonte de informação" e "fonte de notícia", já que qualquer informação está disponível a alguém. Mas a "fonte de notícia necessita de um meio de transmissão, de um mediador, que faça circular o seu conhecimento ou saber". Para o autor:

> As fontes de notícias são pessoas, organizações, grupos sociais ou referências; envolvidas direta ou indiretamente a fatos e eventos; que agem de forma proativa, ativa, passiva ou reativa; sendo confiáveis, fidedignas ou duvidosas; de quem os jornalistas obtêm informações de modo explícito ou confidencial para transmitir ao público, por meio de uma mídia.

O autor propõe uma classificação das fontes por seu envolvimento direto ou indireto ao fato, hierarquizar as vozes presentes nas notícias é essencial para a atividade jornalística, "já que estas são compostas, ou deveriam ser, por uma diversidade de opiniões, relatos, testemunhos e mídia" (p. 2-3). As fontes primárias fornecem "em primeira mão as informações. As secundárias são responsáveis por contextualizar, interpretar, analisar, comentar ou complementar a matéria jornalística, produzida a partir de uma fonte primária" (p. 24).

Nas coberturas de fenômenos desconhecidos e complexos, como no caso dos incidentes com tubarões, as fontes especializadas são bastante interpeladas. Cabe aos pesquisadores e cientistas explicarem e construírem os significados dos acontecimentos, como acompanhamos recentemente durante a cobertura midiática da pandemia da covid-19.

Schmitz observa que as pessoas de notório saber (especialista, perito, intelectual) ou organização detentora de um conhecimento reconhecido, são essenciais na cobertura

de temas complexos ao "estabelecer conexões e analisar a complexidade do tema". A sociedade moderna, observa Lages, é uma sociedade de especialistas, em que profissionais desenvolvem conhecimentos profundos das suas especialidades ou de sua área de interesse. E o jornalista, pontua o autor, funcionaria como um tradutor de discursos, simplificando as informações: "cada especialidade tem jargão próprio e desenvolve seu próprio esquema de pensamento" (p. 9).

Para Wolf, há uma distinção entre as mediações entre fontes e jornalistas, e fontes e jornalistas especializados. Consoante com o autor, jornalistas especializados entram em contato com a fonte com bagagens de conhecimento diferentes sobre o acontecimento a noticiar, bem como a qualidade do contato também é outra.

> Os jornalistas não especializados, aqueles que têm de ocupar-se, diariamente, de acontecimentos bastante diferentes entre si, não podendo, por conseguinte, aprofundar uma especialização, executam o seu trabalho sem possuírem conhecimentos anteriores acerca do trabalho que lhes é atribuído (Wolf, n.p.).

O entendimento de Bueno (2022) é no mesmo sentido, ao considerar que o jornalista que não tenha contato com a "cultura da área", "bagagem suficiente e não domine o tema, permanecerá refém das fontes, adotando uma postura pouco crítica ao ter contato com as fontes, o que acarreta quase sempre na transcrição acrítica da fala dos entrevistados" (p. 25), comprometendo a cobertura.

É muito difícil, principalmente no jornalismo do dia a dia, apresentar fontes distintas em uma notícia, sem incidir mais em uma que em outra, e sem conceder mais valor e espaço a uma que à outra, sobretudo quando não são iguais, observa Garazza (2001). Para a autora, quando se conta o que acontece, o jornalista enquadra a realidade e aponta seu ponto de vista" (p. 159).

O procedimento de reportar um fato através da fala das fontes não pode ser visto como objetivo e neutro em si. A escolha das fontes pode refletir vieses, seja intencional ou não. A depender das fontes escolhidas, uma mesma situação pode ser retratada de formas muito diferentes. Mesmo quando o jornalista apresenta as falas das fontes diretamente, ele decide como organizar essas informações e qual contexto oferecer. A forma como as citações são introduzidas, explicadas e relacionadas entre si pode influenciar a interpretação do leitor. "Entre um fato e suas diferentes versões e abordagens, há sempre um jornalista e suas opiniões. Complemento: há sempre um jornalista e suas opiniões mediando um mundo" (Moraes; 2022, p. 14).

A vasta literatura sobre comunicação reconhece o poder do jornalismo não apenas na projeção social dos tópicos, mas também no seu poder de enquadrar esses tópicos como um recurso de discussão pública (Molotch; Lester, 2016). Van Dijk entende que o controle do conhecimento é estratégico e se constitui em elemento crucial para o controle da compreensão do discurso e no controle de acesso ao discurso. Para o autor, uma das maneiras de influenciar a compreensão de uma notícia é manipulando a informação, conferindo mais ou menos destaque a certos fatos em detrimento de outros. Por outro lado, se jornalistas e fontes quiserem menos atenção para determinado aspecto, basta que essa informação fique "menos saliente ou ausente do relato noticioso" (Van Dijk, 2009, p. 79).

No jornalismo, um enquadramento (*framing*) é construído por meio de procedimentos de seleção, exclusão ou ênfase de determinados aspectos e informações (Gradim, 2016). A mídia, ao apresentar a "realidade", a representa organizando as informações, atores e vozes.

No jornalismo diário, fatos são encadeados dos quadros mais importante aos menos salientes, através da pirâmide invertida. A técnica, comum nas notícias factuais, estabelece, de acordo com Gradim (2016), que após o *lead*, as informações serão dadas por ordem decrescente de importância, de forma que, à medida que vai descendo no corpo da notícia, os factos relatados vão tornando cada vez menos importantes. A autora aponta que estas características das notícias determinam o caráter do acontecimento e na forma como este será reportado. "Criar um *lead* implica uma ou várias decisões sobre o que destacar no acontecimento, e o ângulo de abordagem em que este será tratado, ou seja, o seu enquadramento" (p. 63).

O *lead* das notícias factuais guia-se, ainda hoje, pelo padrão norte-americano de responder às questões: o que, quem, quando, onde, como e por que, procedimento ancorado no mito da imparcialidade que é um dos artifícios para organizar os fatos, na eterna busca pela objetividade na descrição dos acontecimentos. "Poucos nomes poderiam ser mais justos do que *lead* para descrever o parágrafo que determina e conduz o carácter de uma notícia. Fazê-lo é já uma operação de *framing* com um indelével poder organizador sobre o acontecimento que se relata" (p. 65).

O conceito de enquadramento surge na década de 1950, por meio de uma investigação do psicólogo Gregory Bateson, sobre o fenômeno da esquizofrenia (Mendonça; Simões, 2012). Resumidamente, Bateson propunha que as interações se

fundamentassem “em quadros (*frames*) de sentido que moldam as interpretações e ações dos atores envolvidos” (Mendonça; Simões, 2012, p. 189). Mas é através da pesquisa do sociólogo Erving Goffman que o conceito de enquadramento passa a ser entendido como uma ideia central, que organiza a realidade dentro de determinados eixos. Para Goffman, os quadros (*frames*) são como ideias organizadoras que conferem sentido a um acontecimento. A pergunta que ele faz é: o que está acontecendo aqui? A resposta é um quadro (*frame*), que dá sentido aos acontecimentos e está sujeito às possibilidades de reorganizações e remarcações. O quadro (*frame*), para Goffman, é tanto uma moldura como um esquema. A moldura que designa o contexto da realidade e um esquema ou estrutura mental que incorpora os dados externos objetivos. Sempre que um indivíduo “emoldura” uma situação, o faz utilizando esquemas (Garazza, 2001).

Gaye Tuchman (1999) se apropria dos conceitos de Goffman sobre enquadramentos (*frames*) para analisar os princípios que organizam a seleção e definição dos acontecimentos noticiosos. A autora compara a notícia a uma janela por onde se vê os acontecimentos. De acordo com as características das janelas, seu tamanho, sua colocação ou forma, a realidade será observada de forma distinta. “A vista por uma janela depende se a janela é grande ou pequena [...], se o vidro é opaco ou transparente e se a janela está de frente para uma rua ou um quintal” (p. 1). A autora aplica os conceitos de enquadramento entendendo as estórias como quadros (*frames*) que compõem uma notícia, por meio dos quais os repórteres conseguem mais do que tornar um acontecimento público, eles definem os acontecimentos ou temas noticiáveis e os que terão mais ou menos destaques (p. 309).

> Do mesmo modo que as “estórias” enquanto *frame* permitem que alguns *happenings* amorfos sejam definidos como componentes de um acontecimento, também as ideias enquanto *frames* permitem ao investigador notar alguns fenômenos, mas não outros. Como se mostra neste ensaio, a análise do *frame* encoraja os investigadores a investigar os modos através dos quais as noções de “estórias” dos jornalistas ajudam à identificação de alguns pormenores como “fatos pertencentes a um acontecimento” (Traquina, 2016, p. 345).

Porto (2002) observa que o conceito de enquadramento vem sendo reconhecido por autores para fazer frente às “limitações do paradigma da objetividade”. Citando Etman (1993), o autor afirma que é insuficiente pressupor a possibilidade da comunicação imparcial, de conteúdos objetivos e independentes do mundo exterior.

> Enquadrar significa selecionar alguns aspectos de uma realidade percebida e fazê-los mais salientes em um texto comunicativo, de forma a promover uma

> definição particular do problema, uma interpretação causal, uma avaliação moral e/ou uma recomendação de tratamento para o item descrito (Entman *apud* Porto, 2002, p. 82).

Os padrões de "apresentação, seleção e ênfase utilizados por jornalistas para organizar seus relatos se configuram no 'ângulo da notícia' que destaca certos elementos de uma realidade em detrimento de outros" (Porto, 2002, p. 91). Os enquadramentos noticiosos são resultados de escolhas feitas por "jornalistas quanto ao formato das matérias, escolhas estas que têm como consequência a ênfase seletiva em determinados aspectos de uma realidade percebida" (Porto, 2002, p. 91).

Gansom e Modigialini (2023) ao analisar os discursos do média sobre energia nuclear sugerem que a narrativa midiática pode ser "concebida como um conjunto de pacotes interpretativos que dão sentido a um assunto" (Traquina, p. 33). Para os autores, o pacote tem uma ideia organizadora central que atribui significados aos eventos e oferece uma série de símbolos que seguem o enquadramento central e possibilitam o acionamento do pacote como todo através de uma metáfora, chavão ou qualquer outro mecanismo simbólico. "Condensar símbolos faz parte do trabalho dos jornalistas. As fontes inteligentes têm perfeita noção da fixação dos jornalistas por frases chamativas e providenciam expressões desse gênero para sugerir o enquadramento pretendido" (p. 38).

O jornalismo, ao articular enquadramentos, nos apresenta uma realidade construída por meio de determinadas perspectivas que privilegiam aspectos considerados relevantes para a interpretação dos acontecimentos narrados. Dessa forma, o que nos é apresentado como "realidade" é apenas uma parte dela. Aquela parte situada dentro do enquadramento previamente realizado. Van Dijk acredita que as notícias podem "enfatizar ou menosprezar as causas, ou consequências dos acontecimentos, ou as características dos atores nos acontecimentos noticiados". Para o autor, uma das muitas maneiras de manipular informações importantes é colocando-as "mais ou menos de forma proeminente no relato noticioso" (Van Dijk, 2009. p. 79).

Ao noticiar os acontecimentos, a mídia escolhe como estes serão apresentados e representados, neste processo, os meios de comunicação acabam contribuindo para relevância ou o silenciamento de aspectos da realidade. "Representar não é apenas expressar, mas também deixar de expressar; é reter, cortar, selecionar e encaixar a partir do que não foi eliminado" (Rotheberg, 2014, p. 412).

Carvalho (2009, p.10) observa que, nesse processo, o jornalismo exerce sua participação na construção social da realidade. O autor destacando que, "se uma realidade social se modifica a partir de novos enquadramentos", não é prudente analisar "os enquadramentos jornalísticos como mobilizados em torno de quadros de referência imutáveis, ou sujeitos prioritariamente aos constrangimentos institucionais" (p. 10).

> Mesmo acontecimentos naturais, como furacões ou enchentes, por exemplo, encontram explicações possíveis a partir de quadros de referência marcados por atividades humanas sociais, como as interferências sobre o ambiente natural que provocariam, a partir do "efeito estufa", mudanças climáticas e outras alterações que não permitem pensar catástrofes como meras ocorrências do curso regular da natureza (p. 10).

A análise do enquadramento é um conceito rico para identificar e analisar relevâncias e enfoques presentes no discurso especializado e de como a mídia promove definições, avaliações e recomendações presentes em tais discursos. Compreender os enquadramentos e efeito de sentidos é entender que existem forças exteriores e anteriores ao texto. Compreendendo que esta exterioridade repercute e o constitui o texto. "O texto é a parte visível ou material de um processo altamente complexo que se inicia em outro lugar: na sociedade, na cultura, na ideologia, no imaginário" (Benetti, 2018, p. 111).

O noticiário pode salientar ou silenciar fatores importantes presentes no discurso científico através dos enquadramentos e apagamentos. Alguns aspectos inerentes aos incidentes com os tubarões podem ter alcançado maior relevância que outros nas páginas dos jornais. Processos de silenciamento sobre certos temas podem estar relacionados a interesses ideológicos, econômicos ou políticos. Como pontua Orlandi (2007, p. 12), "todo dizer é uma relação fundamental com o não dizer". Segundo a autora, para tornar o silêncio visível é preciso observá-lo, "sem considerar a historicidade do texto, os processos de construção dos efeitos de sentido, é impossível compreender o silêncio" (Orlandi, 2007, p. 45)

O noticiário e as ações de mitigação dos incidentes têm impactos importantes na imagem e no imaginário do Recife. As atividades econômicas ligadas ao turismo, por exemplo, sofreram transformações e consequências com o surto de tubarões. A praia de Boa Viagem era um dos maiores atrativos turísticos do estado, a maioria dos grandes hotéis são localizados em sua orla, mas como vender um destino de praia onde as pessoas têm medo de entrar no mar? O *JC*, em sua edição de 15 de dezembro de 1994, dedicou meia página do Caderno de Cidades a expor as queixas de empresários do ramo de turismo, com o título: "Ataques prejudicam o turismo". A matéria traz uma série de

entrevistas expondo o medo do setor com a repercussão dos incidentes e principalmente com a repercussão da imprensa. “O Trade turístico teme que a ampliação do noticiário em torno do assunto acabe por criar uma falsa imagem de que o litoral local é perigoso para os turistas em geral com prejuízos para Recife” (*JC*, 1994). Em outro trecho da reportagem, a pressão do setor para uma mudança na cobertura é atrelada à ameaça de prejuízos tanto financeiros como para a imagem da cidade:

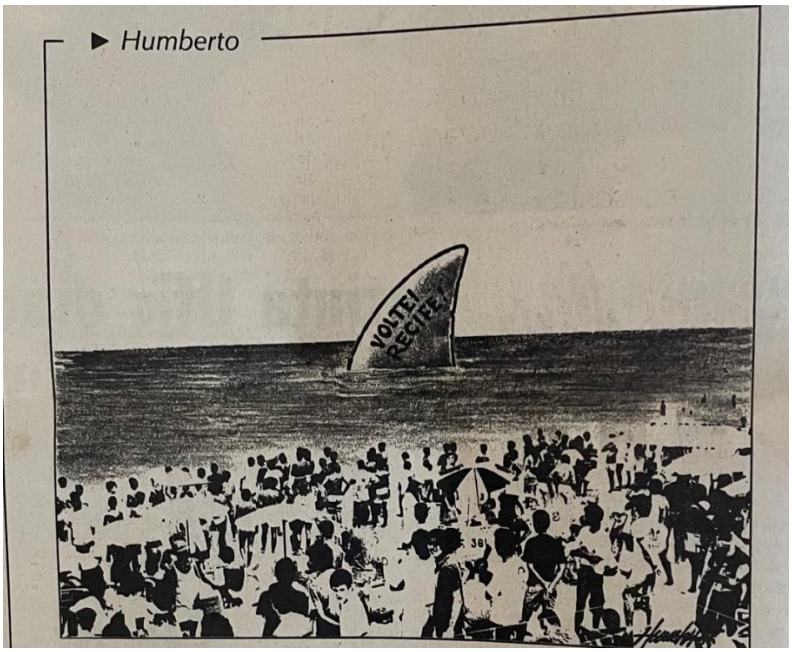
> a preocupação maior é com forma como o assunto é tratado na imprensa na medida em que os leitores das demais regiões do país poderão pensar que os banhistas estão sendo atacados e não apenas exclusivamente isso surfistas como tem ocorrido até agora (*JC*, 1994).

Questões que envolvem economia e geração de emprego são assuntos sensíveis em coberturas jornalísticas, passiveis de silenciamento por interesses políticos e econômicos. Silva e Gomes (2021), em artigo sobre o silenciamento das questões ambientais atribuídas as atividades do Porto de Suape, consideram que a produção de discursos, principalmente quando dizem respeito a grandes “empreendimentos em sociedades capitalistas industrialistas podem levar aos silenciamento dos discursos sobre problemas e questões ambientais na mídia” (p. 6)

A imprensa, ao silenciar determinados fatos ou ângulos dos acontecimentos, distorce a realidade, comprometendo a construção das representações sociais e o compromisso de bem informar o público. Na teoria do Espiral do Silêncio, a alemã Elisabeth Noelle-Neumann analisa a expressão da opinião pública atrelada a opinião dominante e a construção de consensos. Para a autora, as opiniões que se fazem públicas, que dominam os meios de comunicação, permitem a construção do senso comum. Ela destaca a “onipresença da mídia como eficiente modificadora e formadora de opinião a respeito da realidade” (Hohlfeldt, 1998, p. 37).

Ao promover os enquadramentos, a mídia coloca em ação mais do que a saliência de aspectos considerados relevantes, mas também a especificidade da sua participação e particularidades na interpretação dos acontecimentos. Investigar as diferenças de enquadramentos e silenciamentos de um jornal local frente a um jornal nacional, revela, além dos temas e subtemas com mais e menos força, as particularidades das coberturas e os modos como o jornalismo se relaciona com os atores sociais.

Figura 19 – Charge do *JC*, após mais um incidente em 1994



Fonte: *JC* (1994).

4. O meio ambiente fora da pauta

No início da série histórica de incidentes com tubarões em Pernambuco, em 1992, as pautas ambientais ainda não faziam parte da ordem do dia nas redações. Os registros dos primeiros casos coincidem com o começo do debate jornalístico sobre o assunto no país, quando da realização da Cúpula da Terra (ECO 92), no Rio de Janeiro. A conferência traz para a imprensa brasileira a visibilidade e o destaque "para questões como mudanças climáticas, preservação da biodiversidade e desenvolvimento sustentável" (Caldas, 2017, p. 198).

Nos últimos anos, a cobertura sobre o meio ambiente vem crescendo, principalmente nas últimas décadas, em virtude do debate sobre degradação ambiental, o avanço das culturas transgênicas, a poluição e, especialmente o impacto das mudanças climáticas (Bueno, 2022, p.150). A cobertura jornalística do meio ambiente, observa Bueno, ainda esbarra na ausência de profissionais capacitados para esta cobertura e no "*lobby* poderoso desencadeado por interesses empresariais que impactam o meio

ambiente". Segundo o autor, este contexto contribui para uma cobertura fragmentada, descontextualizada e imprecisa da problemática ambiental.

Caldas, considera que, embora haja um interesse crescente sobre as pautas ambientais,

> [...]a cobertura midiática em veículos não especializados tende em muitos casos a centrar-se no superficial e não abordar o assunto de forma aprofundada e contextualizada, considerando sua complexidade e impacto na sociedade. Em geral, essas matérias focam em acontecimentos pontuais, como tragédias e reuniões ou documentos divulgados por instituições governamentais, mas não costumam examinar a relação desses fatos com episódios passados e futuros (Caldas, 2017, p. 198-199).

Os incidentes com tubarões em Pernambuco não fazem parte do rol de desastres ambientais brasileiros, mas as questões sobre o meio ambiente sempre estiveram no centro das investigações científicas sobre os porquês da presença e interação dos tubarões em nossa costa. Para os especialistas não existe uma causa única como, por exemplo, nos casos do Césio 137 (1987); do Vazamento de óleo na Bacia de Campos (2011) e o rompimento da barragem de Mariana (2015).

Em um artigo publicado, em 2003, no site Comciencia, o professor e pesquisador Fábio Hazin faz um balanço das pesquisas realizadas e elenca os fatores responsáveis pelo aumento no número de incidentes com tubarões na costa, o aumento do número de banhistas e surfistas, a pesca de arrasto de camarão próxima às praias, a topografia submarina com a presença de um canal próximo à praia, mudanças climáticas e, "por fim, o principal fator: A construção do Porto de Suape, na cidade de Ipojuca, ao sul de Recife, resultando em um grave impacto ambiental e um acentuado aumento no tráfego marítimo" (Hazin, 2003).[22]

O pesquisador e engenheiro de pesca Jonas Rodrigues, que também desenvolve estudos sobre a problemática dos tubarões no estado, observa que diversos aspectos contribuíram para que incidentes com tubarões acontecessem. Entre as causas naturais, o pesquisador aponta como prováveis fatores as correntes marítimas, canais ao longo da costa e correntes de retorno onde há falhas nos arrecifes, estas correntes puxam os banhistas para áreas mais profundas do mar, sendo responsáveis por boa parte dos afogamentos na região. Em relação ao fator humano, a degradação ambiental na região costeira, é salientada como o principal responsável pelo aumento dos incidentes. Para o pesquisador,

[22] Disponível em: https://www.comciencia.br/dossies-1-72/reportagens/litoral/lit19.shtml.

a construção do Porto de Suape pode ter desencadeado os incidentes em virtude do choque naquele ecossistema.

> "Houve um grande impacto na região e isso pode ter, sim, iniciado os surtos de ataques. Fatores como aterros para a ampliação do porto provocaram uma mudança no meio ambiente, alterando a ocorrência de espécies e a quantidade de peixes que habitam a região, o que também pode ter influenciado a presença de tubarões e como eles se comportam", explica o pesquisador.[23]

Na época da instalação do Porto de Suape, a legislação ambiental brasileira ainda era bastante incipiente. O Conselho Nacional do Meio Ambiente (Conama) foi criado apenas em 1981, quando as obras já haviam começado. O conselho, entre outras finalidades, estabelecia "normas e critérios para o licenciamento de atividades efetiva ou potencialmente poluidoras".[24]

O Porto também foi construído sem o Relatório de Impacto Ambiental (RIMA), documento público que fornece os resultados dos estudos técnicos e científicos da avaliação de impacto ambiental de uma empresa.[25] O relatório só foi realizado em 2000, após a construção do porto interno, quando o complexo já funcionava há dezessete anos e os tubarões já haviam vitimado trinta e uma pessoas.

A concepção do Complexo Industrial de Suape iniciou no final da década de 1960. Em 1974, foi lançada a pedra fundamental, mas o Porto só começou a operar em 1983. O modelo se baseava nos portos de Marseille-Fos, na França, e de Kashima, no Japão, que previa a interação porto-indústria, com a instalação de empreendimentos industriais e operações de logística. O Complexo de Suape possui uma área de 17.300 hectares, e a escolha da localização se deu em virtude de algumas condições geográficas e ambientais, como águas profundas, quebra-mar natural formado por arrecifes, extensa área para implantação de um parque industrial e distância da movimentação metropolitana.[26]

Um inquérito que tramita na promotoria de Justiça de Meio Ambiente da Capital, com mais de cinco mil páginas, apura as causas dos ataques de tubarão. Para o então promotor do Meio Ambiente, Ricardo Coelho, a responsabilidade do Porto é clara: "Você pegou um

---

[23] Disponível em: https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/2023/03/12/pernambuco-pode-estar-passando-por-novo-surto-de-ataques-de-tubarao-alerta-pesquisador.ghtml

[24] Disponível em: https://www.ipea.gov.br/participacao/conselhos/conselho-nacional-de-combate-a-discriminacao-lgbt/131-conselho-nacional-do-meio-ambiente/267-conselho-nacional-do-meio-ambiente#:~:text=O%20Conama%20foi%20criado%20em,a%20ser%20vinculado%20ao%20MMA

[25] Disponível em: https://www.ecycle.com.br/relatorio-de-impacto-ambiental

[26] Disponível em: https://www.lai.pe.gov.br/suape/#:~:text=A%20concep%C3%A7%C3%A3o%20do%20Complexo%20de,industriais%20e%20opera%C3%A7%C3%B5es%20de%20log%C3%ADstica

estuário no meio do estado e praticamente eliminou o contato de quatro grandes rios com o mar. Além disso, dinamitou o coral, suprimiu três mil hectares de mangue. É um impacto muito grande, ali é uma região de berçário" (*G1*, 2013).[27] Em uma audiência pública realizada em outubro de 2013, na qual se discutiu os impactos da construção do Porto de Suape, o geólogo Luiz Lira, que integra o Instituto Oceanário, responsável pelas ações de monitoramento dos tubarões na costa de Pernambuco, e que acompanhou o processo de construção do Porto, detalhou alguns impactos:

> A passagem dos rios Merepe e Ipojuca para o mar foi barrada com o aterro, o que eles abriram foi uma janela para o mar, ali não passa areia nem os fertilizantes necessários para alimentar a plataforma. Eu sugeri na época que fosse feito um canal, para não impedir totalmente a passagem do rio, mas não me escutaram.[28]

Diante da magnitude do problema no estado e das alterações ambientais no mundo, questionar o papel da imprensa e os critérios de noticiabilidade em relação às ameaças ao meio ambiente é urgente. Losse *et al.* (2017) observam que os problemas ambientais tendem à complexidade, dificultando o processo de construção da notícia. Mas ponderam que é por meio da comunicação que a imprensa pode gerar alertas e chamar atenção para um "debate público que tenha perspectiva preventiva e de adaptação aos efeitos que já não podem ser mais revertidos" (s.p.).

5. O Discurso da ciência no jornalismo diário

Os ataques de tubarões são difíceis de serem explicados pelo caráter problemático e por terem múltiplas causas, se fazendo necessária a intervenção de um saber especializado para interpretar e recontextualizar os acontecimentos. "A função jornalística não é tanto a capacidade de compreender e/ou selecionar o fato excepcional, mas a competência de contextualização do mencionado fato" (Alsina, 2009, p. 162-163).

Balizada por informações especializadas, a mídia possibilita uma visão mais sistêmica e contextualizada de determinados acontecimentos. O acesso às descobertas

[27] Disponível em: https://g1.globo.com/pernambuco/noticia/2013/10/mppe-diz-que-supressao-de-mangue-em-suape-afetou-fauna-marinha.html

[28] Disponível em: http://g1.globo.com/pernambuco/noticia/2013/10/mppe-diz-que-supressao-de-mangue-em-suape-afetou-fauna-marinha.html

científicas e a sua difusão permitem a qualificação da informação, desmistificando mitos e combatendo a desinformação, permitindo ao público formar melhor suas opiniões e decidir sobre fatos que podem afetar a vida individual (Oliveira, 2004).

No caso dos tubarões, os pesquisadores da UFRPE e posteriormente do CEMIT foram os principais promotores dos esclarecimentos sobre os incidentes, estiveram e continuam envolvidos na construção e produção de sentidos. De acordo com Van Dijk (2003), o acesso a formas específicas de conhecimento é um recurso de poder e controle. "Se formos capazes de influenciar a mente das pessoas e o seu conhecimento ou opiniões controlamos (indiretamente) algumas das suas ações" (p. 23). O autor aponta que o controle do conhecimento é crucial para o controle da compreensão do discurso público e o acesso ao discurso público e a comunicação constituem um recurso importante para as pessoas alvos dos discursos.

O tempo da ciência é bem diferente do imediatismo do jornalismo, principalmente o factual. A ciência tem papel determinante na descrição e identificação do mundo, e é um importante meio de geração de conhecimento. O discurso científico, além de informar ao público e às autoridades sobre novos eventos, também oferece informações importantes para o enfrentamento de situações desconhecidas. "A busca por uma sociedade mais bem-informada é fundamental para garantir que a ciência continue a desempenhar um papel central na resolução de problemas complexos e no progresso humano" (Academia Brasileira de Ciências, 2004, p. 12).

Para Bueno (2022), se as pesquisas não estão disponíveis para a sociedade, se não há disseminação da produção cientifica, a sociedade fica alijada do processo de tomada de decisões com respeito à definição de prioridades ou investimentos em ciência, tecnologia e inovação. O autor entende que divulgar informações sobre ciência é uma maneira de democratizar o acesso ao conhecimento científico

O discurso da ciência, observa Zamboni (2001, p. 72), desfruta de um alto valor simbólico dada suas "representações como discurso da verdade, de uma fala incontestável". Para a autora, alguns discursos científicos, no entanto, detêm maior valor representativo que outros, impondo atribuições desiguais às informações. O grau de importância, muitas vezes, está relacionado à relevância conferido pela mídia a determinadas fontes e também a certos temas. Além disso, as informações científicas

podem ser submetidas a enquadramentos alinhados à linha editorial dos veículos, ou até mesmo ajustados às ideias e às crenças dos próprios jornalistas.

A difusão de informações sobre ciência também são formas de representação da realidade, construídas por meio da linguagem por comunidades científicas específicas, assumindo diversos formatos e linguagens nos meios de comunicação. Como toda linguagem, o discurso da ciência é, outrossim, atravessado por circunstâncias históricas, culturais e sociais. O círculo de Bakhtin argumenta que não se tem acesso direto à realidade, pois esta é sempre mediada pela linguagem e não há linguagem neutra. Segundo o autor, para efeito de compreensão e análise devemos levar em conta os contextos nos quais a linguagem é concebida, e que os "processos de compreensão de qualquer fenômeno ideológico (de um quadro, música, rito, ato) não podem ser realizados sem a participação do discurso interior" (Volóchinov, 2017, p. 100).

No mesmo sentido, Van Dijk (2017) defende que não há ciência sem valores. A ciência, e o discurso científico, "são influenciados pela estrutura social, e produzidos na interação social" (p. 20). Academia Brasileira de Ciências (2004) considera ainda que:

> As informações científicas podem ser seletivamente utilizadas para respaldar uma agenda política, ao passo que pesquisas científicas autênticas podem ser deturpadas ou negligenciadas em prol de narrativas convenientes para um determinado fim. Isso pode incluir a manipulação de evidências científicas genuínas para justificar políticas específicas ou a ocultação de informações (Academia Brasileira de Ciências, 2004, p. 22).

A divulgação da ciência assume diversos formatos e apresenta níveis de complexidade diferentes, em consonância com as singularidades dos seus públicos e dos veículos onde são publicadas. A decodificação do discurso especializado é classificada como divulgação científica, quando dirigida para um público leigo e abrangente, e comunicação científica, se direcionada para público e mídia especializados.

Bueno (2002) observa que os públicos impactam tanto a construção da informação como a percepção da informação. Enquanto o público a quem se direciona a comunicação científica tem uma percepção nítida das especificidades do método científico e não ignora que a produção da ciência está respaldada em um processo cumulativo, a percepção do público não especializado "é difusa e encerra uma série de equívocos, como o de imaginar que a ciência e a tecnologia não se viabilizam num 'continuum', mas que progridem aos saltos a partir de '*insights*' de mentes privilegiadas" (p. 12).

As notícias factuais sobre os incidentes com tubarões não podem ser classificadas como divulgação científica e muito menos como comunicação científica. Não são textos pautados para tratar de determinada informação, fato científico ou ambiental, mas para dar conta dos acontecimentos do dia a dia, e têm como objetivo principal noticiar algo que acabou de acontecer, mesclando o registro dos fatos inéditos com análises e opiniões de especialistas sobre determinado acontecimento.

O acesso à informação correta e às descobertas científicas, observa Oliveira (2004), possibilitam a qualificação da informação, desmistificando mitos e combatendo a desinformação, permitindo ao público leigo formar melhor suas opiniões e decidir sobre fatos que podem afetar a vida individual.

Enquanto os ataques se sucediam em Pernambuco, pesquisadores buscavam entender o que estava por trás do comportamento dos peixes. Ao apurar informações, jornalistas, veículos e suas políticas editoriais definem qual o ângulo dos acontecimentos e quais vozes serão ouvidas para esclarecer os fatos. Cabe à mídia oferecer ao leitor uma maior capacidade de compreensão de notícias, ainda que os fatos não estejam completamente esclarecidos e checados. "É possível contextualizar, levantar hipóteses, apontar responsabilidades, apresentar ao leitor uma melhor interpretação dos fatos em uma cobertura jornalística em construção" (Caldas, 2018, p. 110).

Na Austrália, os pesquisadores Neff e Hueter (2013) propõem, por exemplo, mudanças na terminologia sobre os incidentes com tubarões. Os autores defendem que novas terminologias científicas e explicações moldam a compreensão à medida que as descobertas científicas substituem velhos mitos e mistérios. Eles entendem que as palavras "ataque de tubarão" remetem a uma retórica inflamada, que pode provocar respostas políticas instintivas, além de criar uma percepção de um crime, estabelecendo uma narrativa entre vilões e vítimas. "Existem poucas frases no mundo ocidental que evocam tanta emoção ou uma imagem tão poderosa quanto as palavras 'tubarão' e 'ataque'. No entanto, nem todos os 'ataques de tubarões' são iguais" (p. 65).[29]

Para os autores, há distintas formas de interação entre humanos e esses peixes, e classificar praticamente todos os contatos entre tubarões e seres humanos como alguma forma de "ataque" de tubarão deturpa os fatos e desinforma o público.

[29] Disponível em: https://link.springer.com/content/pdf/10.1007/s13412-013-0107-2.pdf.

Neff e Hueter (2013) sugerem a adoção por cientistas, mídia e formuladores de políticas públicas de uma nova terminologia para classificar os incidentes. As novas denominações propostas são: 1. Avistamento de tubarões, 2. Encontro com tubarões, 3. Mordida de tubarão e 4. Mordida fatal de tubarão. Os pesquisadores entendem que esta classificação é cientificamente mais precisa, porque se concentra na análise dos resultados e não na intenção dos peixes, o que raramente pode ser conhecida.

A adoção de novos termos e a remoção do termo atacar, que carrega um propósito explicito, permitiria uma mudança na narrativa e uma unificação do discurso, na tentativa de "descriminalizar os tubarões na mente do público e criar um ambiente de mais compreensão da relação entre os humanos e tubarões em espaços oceânicos partilhados" (Neff; Hueter, 2013, p. 68).

A linguagem é um campo de conflitos entre os cientistas e a imprensa. Epstein (1998) entende que, a infidelidade, a simplificação exagerada ou eventual sensacionalismo presentes nas coberturas jornalísticas sobre ciência é a base das críticas e desconfianças dos cientistas. Para Lages (2001), existe um conflito de relevância entre as fontes e os repórteres, cada um tentando direcionar a conversa para o ponto que considera mais importante para o leitor. "É o caso do pesquisador, para quem o ponto principal de uma exposição é um detalhe técnico, diante do repórter que, pensando com a média do público, situa o principal em algo mais amplo, ou numa consequência social, ou econômica" (p. 27).

Ao examinar como as notícias sobre os incidentes com tubarões são permeadas por informações, fruto de pesquisas, através dos discursos das fontes especializadas, buscamos observar, entre outros pontos, os dispositivos empregados pelos cientistas para adequar suas declarações a um ambiente de urgência e da objetividade jornalística. O discurso dos especialistas, quando é direcionado ao público geral, "necessita de um tratamento "explicativo" ou "simplificador" para poder ser compreendido por uma audiência mais ampla" (Zamboni 2001, p. 70).

A necessidade de decodificar o discurso científico, reorganizá-lo, reelaborá-lo para que também possa ser acessível aos cidadãos não especializados é defendida por Bueno (2022, p.31), mas o autor ressalva que este processo não seja desculpa para uma tradução pura e simples das vozes especializadas: "A mera reprodução, transcrição ou tradução implica subserviência às fontes e o papel do jornalista como profissional liberal deve ser o de protagonista e não de súdito.

A alteração do nível do discurso e mesmo simplificação de certos processos ou conceitos é uma das dificuldades das fontes especializadas no processo de comunicação com o público leigo. O texto jornalístico, observa Bueno, ao buscar atrair ou sensibilizar a audiência, descamba, em muitos casos, em processos antiéticos, incompetentes e de espetacularização da notícia.

> O processo de decodificação ou recodificação do discurso especializado e o processo de produção jornalística pode (o que acontece de maneira recorrente) privilegiar a espetacularização da notícia, buscando mais a ampliação da audiência do que a precisão ou a completude da informação (Bueno, 2002, p. 15).

5.1 Os desafios das informações científicas frente a um noticiário sensacionalista

Os incidentes com tubarões, além da notoriedade que desfrutam junto à mídia, recebem, em muitos casos, uma cobertura espetaculosa e sensacionalista. O formato é historicamente presente no jornalismo, desde que este se centra no acontecimento como o elemento central da informação, fazendo com que o exagero e até a falsificação dos fatos sejam frequentes. "O importante é vender mais jornais. Estamos na época do nascimento do jornalismo sensacionalista" (Alsina, 2009, p. 124).

Marcondes Filho considera que a imprensa sensacionalista não se presta a informar nem a formar, mas a nutrir necessidades emocionais do público. A prática é o mais radical grau da mercantilização da informação, considera o autor, pois interessa a este tipo de notícia "o lado mais aparente, externo e atraente do fato" (1986, p. 15).

O formato, além de força motriz para impulsionar e atrair a audiência, também é usado como discurso estigmatizante de determinadas camadas da população, gêneros, lugares, etc. Não está restrita a tabloides ou à "imprensa marrom", pode ser encontrada em menor ou maior grau em veículos tradicionais da imprensa. O fascínio pela morte faz veículos "sóbrios" saírem da sua linguagem habitual e "enveredar pela via sensacionalista" (Marcondes Filho, 1986, p. 33).

Alsina (2009) observa que quando a informação "passa do fazer saber para o fazer acreditar (a persuasão) e para o fazer sentir (o sensacionalismo emocional), pode esconder o que acontece de mais importante, mostrando apenas uma parte do que ocorre" (p. 246). Para o autor, a informação anedótica e espalhafatosa gera mais confusão do que conhecimento. Quando os jornais trocam seu poder de informar, de transmitir conhecimento, pelo poder de provocar emoções, de fazer sentir, causam estranheza e

críticas principalmente entre os especialistas, que desejam que suas informações sejam tratadas de maneira informativa e equilibrada.

O sensacionalismo com ênfase na criminalização dos tubarões tem um longo histórico na cobertura jornalística de países como Austrália, África do Sul e Estados Unidos aponta Neff (2012). O autor explica que, embora os tubarões não sejam criminosos tradicionais e que suas mordidas também não configurem crimes, a caracterização dos tubarões como traiçoeiros, devoradores de humanos, que estão à espreita no mar para atacar, era não só comum até pouco tempo, como também, orientou respostas governamentais. A partir do momento que os tubarões se tornam vilões na imaginação popular e passam a ser temidos, inicia-se uma tensão capaz de refletir negativamente na implantação de ações para a preservação desses animais.

No Brasil, principalmente em Pernambuco, as notícias sobre os acidentes com tubarões seguem os arquétipos do noticiário criminal com vilões e vítimas. O termo ataque e o verbo atacar junto ao verbo matar também são majoritários nos títulos e textos tanto do *JC* como da *FSP*.

O caráter sensacionalista também gera incômodo entre os pesquisadores. Na ata da vigésima sexta reunião do CEMIT (2006), o enfoque do documentário *Shark Rebellion,* da *Discovery Channel* é discutido por integrantes do comitê. O presidente do órgão, professor Fábio Hazin, se queixa da conotação sensacionalista e oportunista do filme. Segundo ele, o documentário buscou deliberadamente fazer uso da mídia gerada pelos ataques de tubarão e não contribuiria para informar a respeito do problema. Hazin se mostra preocupado com a associação de imagens de pessoas em águas rasas, imediatamente seguidas por cenas de ataques, o que poderia levar a uma associação que "os ataques ocorriam naquelas circunstâncias, deixando uma impressão muito negativa para o estado". Hazin ainda observa que os produtores do filme não procuraram o CEMIT para obter esclarecimentos. (CEMIT, 2006).[30]

Um fator que pode ter impulsionado o enfoque policial dos incidentes pela mídia é o fato da CEMIT, ter sido ligado à Secretaria da Defesa Social até 2023, reforçando a veiculação de respostas institucionais aos órgãos de segurança, como IML, bombeiros e polícia militar. As ações de coerção à prática do surfe, com apreensão de pranchas e

[30] Disponível em: https://www.sds.pe.gov.br/images/CEMIT/ATAS/ATAS_NOVAS_/ATA_23_-_15_de_agosto_de_2006.pdf

recolhimento de surfistas na praia também criavam um clima de ilegalidade ao esporte e associação a atos criminosos. Como na primeira página do *JC*, da edição 9 de julho de 1995.

Figura 20 – Primeira página do JC com notícia e foto de apreensão de pranchas

Pranchas de surfe são apreendidas na praia de Piedade

Sport depende da vitória contra o Náutico no Arruda

Fonte: *JC* (1995).

Os crimes violentos são a principal matéria-prima do jornalismo policial sensacionalista. Nesse gênero, o mais importante é a manchete, que faz o leitor ou telespectador ler ou assistir (comprar) apenas por atração, por sensação, por impacto, por curiosidade despertada (Patias, 2005, p. 40).

Nas edições do *JC* de 1992 e 1997, por exemplo, o jornal caracteriza os incidentes como um crime bárbaro. A postura editorial é caracterizada pelo exagero, a espetacularização da notícia, o hiper-realismo das imagens presentes nas manchetes e fotografias. A capa do Caderno de Cidades chama o peixe literalmente de assassino. A fotografia, sem nenhum tipo de tratamento, expõe um corpo jogado na areia sem braços. Na edição de 1997, o tubarão é tratado como uma espécie de *serial killer,* que pode ter matado outra pessoa. A foto em destaque, no alto da página, estampa a imagem de um corpo masculino nu, na areia, com uma imensa marca no dorso.

Figuras 21 e 22 – Capa do Caderno Cidades. Manchete: Tubarão Assassino em Boa Viagem. Subtítulo (à esquerda); *Jornal do Commercio*. Primeira Página. Manchtete: Provável tubarão esfacela homem em Boa Viagem (à direita).

Fonte: *JC* (1992); *JC*, (1997).

No início dos incidentes, era comum a utilização de fotografia de corpos dilacerados nas páginas dos jornais e narrativas focadas na seleção e ênfase de elementos dramáticos e exagerados. Forin e Bori (2005) observam que as fotografias, por mostrarem com realismo um recorte do acontecimento, com a possibilidade de escolha de ângulos que valorizem certos elementos da imagem, conseguem tomar a atenção do espectador.

> As chamadas fotografias sensacionalistas ou de espetacularização são imagens que espelham com demasiada ênfase os aspectos tétricos do real. Geralmente carregadas de um sentimentalismo típico, elas expõem cenas de impacto ao evidenciar sangue, cadáveres insepultos, corpos lacerados, enfim, as consequências que as mais atrozes e diversas formas de violência podem causar. Caracterizam-se por provocar em seu espectador o choque, o escândalo e um sentimento de atração-repulsa, fenômeno aqui verificado como condicionamento psicológico (Forin; Bori, 2005, p. 64).

A partir dos anos 2000, as fotografias das vítimas por meio de imagens fortes e chocantes dão lugar às fotografias das praias, bombeiros, e principalmente das placas e bandeiras de alerta. A transformação na cobertura sobre os incidentes passou por uma mudança editorial da imprensa em geral que abandonou "os recursos mais ostensivos de apelação e sensacionalismo" (Ramos; Paiva, 2007, p. 16). Diante de inúmeras ocorrências diárias que envolvem a violência, ao mudar o foco das imagens dos incidentes, ao menos nas primeiras páginas, a cobertura amplia o enquadramento dos acontecimentos e caminha para a descriminalização dos incidentes.

Figuras 23 e 24 – Primeiras páginas do *JC*, em segundas-feiras distintas em 2018 e 2023, este último, na versão digital do jornal

Fonte: *JC* (2018); *JC* (2023).

Atualmente, os flagrantes dos incidentes com tubarões chegam às redes sociais e ainda mais rápido que aos sites de notícias, distribuídos por aplicativos de mensagens e postados em rede, quase que instantaneamente, por espectadores no local dos fatos. A facilidade com que imagens e vídeos podem ser capturados e compartilhados aumentou a disseminação de conteúdos perturbadores.

A morte, um valor-notícia tão caro aos veículos de comunicação, é também percebido por muitas pessoas como um espetáculo. É cada dia mais comum a prática de filmar tragédias para compartilhá-las em rede. São imagens que trazem engajamento e conferem popularidade aos autores. A crueza das imagens está ao alcance de um clique. Desde que comecei a pesquisar os incidentes, em 2018, foram registrados sete novos casos com tubarões. Perdi as contas de quantos vídeos e fotos, com imagens grotescas de vítimas, foram encaminhadas.

6. Metodologia

A pesquisa foi realizada por meio de coleta de dados no acervo digital da *FSP* e do *JC*, mas também em visitas ao Arquivo Público de Pernambuco, onde foram catalogadas e fotografadas as notícias factuais do *JC*, referentes às décadas de 90 e início dos anos 2000, que não estão disponíveis digitalmente, seguindo as datas dos incidentes que constam nos relatórios publicados pelo CEMIT,

Dos 66 incidentes ocorridos no continente, encontramos no *JC* registros de cinquenta e um casos, 15 acidentes não foram localizados. Já na *FSP* foram identificadas 33 notícias factuais sobre os incidentes no continente. Acreditamos que alguns fatores podem ter contribuído para a disparidade entre o número de reportagens entre os jornais, também para a ausência de algumas notícias no *JC*. Em primeiro lugar, alguns casos só entraram para as estatísticas algum tempo depois do ocorrido, quando houve um processo de reanálise de casos, o que inviabilizou a publicação do fato como notícia diária. Outro ponto é a dificuldade de encontrar material do início dos anos 90 nos arquivos digitas da *FSP*, bem como a distância geográfica dos fatos, que também se impõe como critério de seleção, além da dinâmica de cobertura e dos critérios de noticiabilidade das redações de cada veículo.

No arquipélago de Fernando de Noronha, o CEMIT registra 10 incidentes, mas só localizamos três casos noticiados pela *FSP*.

Para garantir uma amostragem homogênea, que permita comparações, utilizamos em nossa análise apenas as notícias publicadas nos dois jornais, referentes ao mesmo incidente. O *corpus* é composto por 33 notícias factuais sobre os acidentes no continente, publicadas tanto na *FSP* e *JC* a partir de julho de 1994, data do primeiro registro na *FSP*. Apenas textos integraram nossa análise, devido aos modelos dos arquivos da *FSP*, que, no início das décadas de 90 e 2000, são disponibilizados em pdf's e não trazem imagens, apenas textos.

O percurso metodológico foi baseado na análise de conteúdo, que, como técnica de pesquisa, nos possibilitou identificar, mensurar e analisar as temáticas presentes nas vozes especializadas, na medida em que decompomos os textos "relacionando um elemento com outros, para melhor compreendê-los no contexto da sociedade" (Jorge, 2015, p. 19).

Em nossa investigação, nos guiamos por procedimentos propostos por Bardin (1977), que propõe uma exploração qualitativa das notícias, com foco na descrição, ordenação e quantificação dos conteúdos. A autora ainda observa que análises, além dos conteúdos, dependem do tipo de "fala a que se dedica e do tipo de interpretação que se pretende como objetivo" (Bardin, 1977, p. 37).

A análise de conteúdo surge no final do século XIX, orientada pelo positivismo de Augusto Comte e ancorada na quantificação milimétrica dos conteúdos. Com o surgimento de novas pesquisas e aplicações de novas técnicas, surgem críticas ao valor quantitativo das análises e o foco "exclusivo na informação manifesta" (Herscovitz, 2010, p. 125).

Atualmente é uma metodologia bastante utilizada em pesquisas na área de comunicação, na medida em que permite "detectar tendências e modelos na análise de critérios de noticiabilidade, enquadramentos e agendamentos" (Herscovitz, 2007, p. 50). Procuramos, com a aplicação da metodologia, reinterpretar as mensagens dos especialistas, buscando uma compreensão de seus significados e sentidos que vão além de uma leitura comum. Como observa Moraes (1999), os sentidos dos textos nem sempre são únicos e manifestos, podendo ser abordados em diferentes perspectivas.

A escolha da *Folha de S. Paulo* se deve ao fato de este ser o jornal de maior público no país. Segundo dados do IVC (Instituto Verificador de Comunicação), o jornal fechou 2023 com maior volume de assinantes tanto no impresso como nas assinaturas digitais[31]. Além disso, a *Folha* mantinha um correspondente no estado quando os incidentes começaram, o que o levou a acompanhar o caso de perto e a publicar várias matérias sobre o assunto que pretendemos analisar.

A opção pelo *Jornal do Commercio* (*JC*), levou em consideração a liderança do jornal quanto ao número de acessos em Pernambuco. Cerca de 1,460 milhão de usuários únicos, dados de junho 2024.[32]

6.1 Percurso de análise

[31] Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/poder/2024/01/folha-confirma-lideranca-em-assinaturas.shtml.
[32] Disponível em: https://jc.ne10.uol.com.br/pernambuco/2024/07/28/jornal-do-commercio-se-reinventa-com-nova-marca-jc-pernambuco.html.

A partir da escolha de um material homogêneo, iniciamos a categorização das notícias, repetindo os procedimentos de análise em todos os documentos, para que fosse possível a identificação de "presenças, padrões, constâncias e predominâncias, bem como o oposto disso tudo ― ausências, divergências e ocorrências esporádicas" (Bardin, 1997, p. 105).

O passo seguinte foi selecionar apenas as notícias que trouxessem citações de fontes especializadas, seguindo o protocolo desenvolvido por Massarani *et al*. (2012), que definiu os critérios que uma notícia necessita ter para ser considerada uma notícia sobre ciência.

> Mencionar cientistas, pesquisadores, professores universitários ou especialistas em geral (desde que aparecessem vinculados a uma instituição científica e comentassem temas relacionados à ciência) ou mencionar instituições de pesquisa e universidades; mencionar dados científicos ou resultados de investigações; mencionar política científica; ou tratar de divulgação científica (Massarani *et al.*, 2012, p. 12).

Somente notícias que se enquadrem nesses critérios passaram pela análise de conteúdo. O fenômeno dos incidentes levou algumas pessoas a se autointitularem especialistas em tubarões, mesmo sem desenvolverem nenhum tipo de pesquisa científica sobre o tema. Foi o caso de alguns médicos e do Tenente-Coronel do Corpo de Bombeiros Neyff Souza, que, a partir de 2004, aparece como fonte de veículos de imprensa, em vários incidentes como no 40º caso.

> Pelas características do ataque, o Tenente Coronel Neyff Souza, Comandante do grupo de Bombeiros Marítimos (GBMar), acredita que o banhista tenha sido mordido por um tubarão do tipo cabeça-chata. "Boa parte dos registros de ataques em Piedade foi de cabeça-chata devido a uma série de fatores, tais como a proximidade com a desembocadura do Rio Jaboatão, as águas turvas e a profundidade da água", indica Neyff (*JC*, 2004).

O presente trabalho considerou o CEMIT uma instituição de pesquisa, mesmo que, entre os anos de 2014 e 2023, os pesquisadores ligados às universidades e que já desenvolviam investigações científicas sobre o tema, há anos, não integrassem mais o comitê. A identificação das fontes científicas através de citações diretas ou referenciadas é fundamental para quantificar as vezes em que se buscou informações especializadas para explicar os acidentes.

De acordo com Bauer (2008, p. 193), a "frequência das palavras, sua ordenação, o vocabulário, os tipos de palavras e as características gramaticais e estilísticas são

indicadores de uma fonte e da probabilidade de influência sobre a audiência". Para o autor, a análise de conteúdo possibilita uma pesquisa de opinião pública em outros meios e um parágrafo abre uma gama de possibilidades para explorar as nuances da linguagem, percebendo indicadores, opiniões e estereótipos

Após identificar as vozes especializadas, iremos categorizar e decompor os trechos, identificando os temas centrais e os subtemas ligados a estes, e para cada tema e seus subtemas correlatos será produzido um texto síntese, com o conjunto de significados presentes. Utilizamos "citações diretas" dos dados originais para exemplificar tais conteúdos. Convém esclarecer que algumas notícias compreendem mais de um tema central, e, nesses casos, adotamos o critério da ênfase temática, analisando e computando por tema.

Cada tema foi isolado, individualizado e reescrito em tabelas eletrônicas. Levando em consideração que, no processo de transformar dados brutos em unidades de análise, é importante ter em conta que estas devem representar informações que tenham um significado completo em si mesmas, para poderem ser interpretadas e reinterpretadas sem auxílio de informações adicionais. E, por fim, faremos análises comparativas e dos enquadramentos dos conteúdos.

Com objetivo de organizar o material, montamos um conjunto de planilhas eletrônicas, nas quais identificamos o incidente, data, título, subtítulo, assinatura do jornalista, fontes, fontes especializadas, temas, dimensão dos textos. A tabela vai permitir a consulta e reorganização do material. A planilha possibilitou catalogar e organizar as notícias, que estão dispostas em ordem cronológica, por dia, mês e ano da publicação, seguindo os relatórios do CEMIT.

7. Resultados

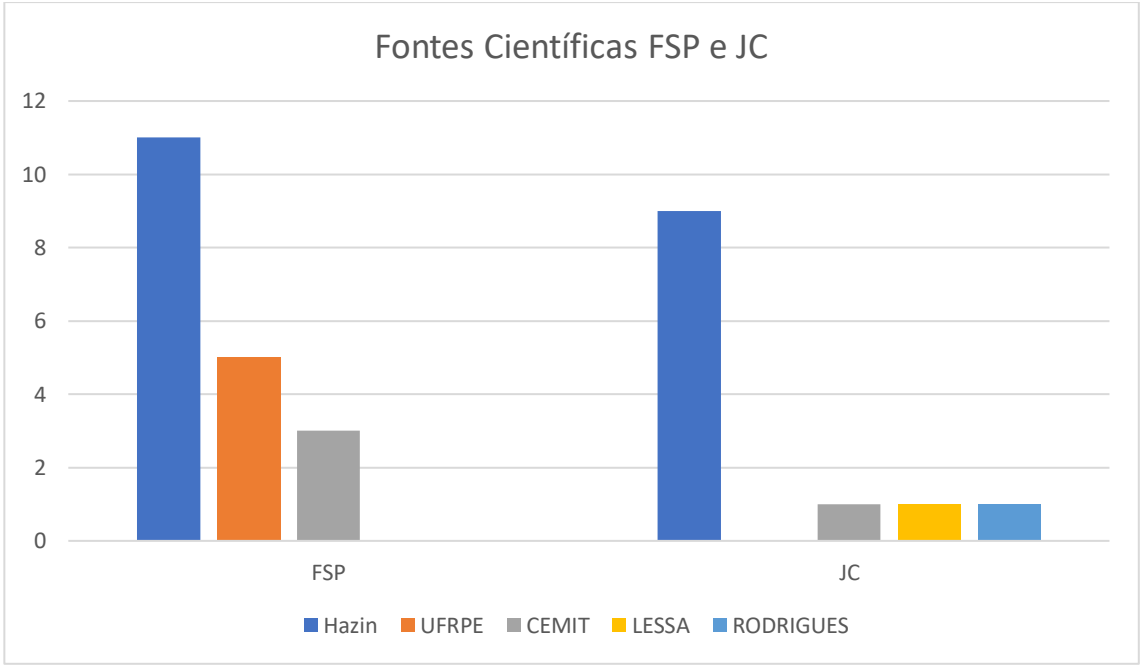
7.1 As Fontes

Das 32 notícias sobre os incidentes no continente publicadas tanto no *JC* como na *FSP*, identificamos 14 notícias (43%) na *FSP* e 20 (62%) no *JC* que não citam nenhuma fonte científica. Na *FSP*, dezoito matérias trazem vozes especializadas, cerca de 56% dos textos. Já no *JC* este número cai para 12 notícias, pouco mais de 37%.

Entre as dezoito notícias da *FSP*, que contêm informações científicas, onze ouviram o professor da UFRPE – Universidade Federal Rural de Pernambuco Fábio Hazin (61%), cinco (28%) apontam estudos da UFRPE e três (11%) citam o CEMIT, um dos textos cita a UFRPE e o CEMIT conjuntamente.

No *JC*, das doze notícias com depoimento de especialistas, oito ouviram o professor da URPE Fabio Hazin (66%), uma a professora da UFRPE Rosangela Lessa, outra o também professor da UFRPE Jonas Rodrigues e uma o CEMIT.

Estatísticas sobre a distribuição das fontes científicas nos jornais *FSP* e *JC*



7.2 Análises de Conteúdos

Na primeira etapa, identificamos os temas que se repetem ao menos três vezes nas vozes especializadas, em edições distintas, em ambos os jornais. Nossa codificação identificou os seguintes temas centrais:

1. Fatores – os porquês, causas que explicam os incidentes;
2. Os tubarões – quem, sujeitos responsáveis pelas ações;
3. Comunicação de risco – alertas.

As descrevermos os conteúdos das falas, observamos que, em sua maioria (78%), os depoimentos reúnem mais de um tema, por exemplo: a comunicação de risco pode tanto informar sobre fatores que propiciam incidentes, como fazer alertas sobre atitudes individuais para mitigar acidentes.

> O pesquisador aponta a área entre as praias do Pina e Paiva como de risco máximo para ataques de Tubarões até setembro. "Quem estiver nessa região em dias de maré alta deve evitar o banho de mar e a prática de surf", advertiu Fabio Hazin (*JC*, 1999).

A primeira categoria analisada são as possíveis causas dos incidentes, os porquês, uma das cinco perguntas do *lead*, que integram e orientam os textos jornalísticos. Às causas, agregamos dois subtemas — naturais e alterações ambientais.

A segunda temática a ser explorada são as representações em torno dos tubarões. Agrupamos o tema tubarão em dois subtemas: espécies e características. As espécies foram subdivididas em: tigre e cabeça-chata. O tópico características foi dividido levando em conta o porte dos animais e características comportamentais.

Por fim, analisamos a comunicação de risco e os subtemas: recomendações aos frequentadores da praia, áreas de perigo, alertas de fatores adversos e desrespeito às regras.

Figura 23 – Temas centrais e subtemas presente nas vozes especializadas

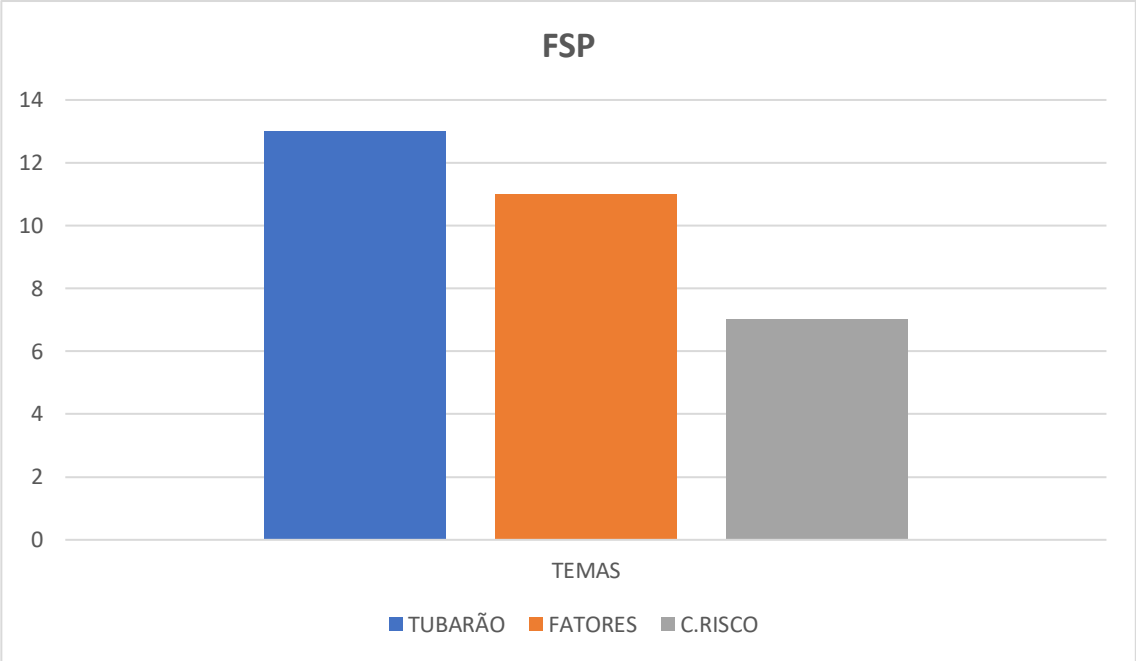
Fonte: autora.

Após catalogação, mensuramos o quantitativo de cada tema central e seus subtemas.

7.2.1. Análise da cobertura da Folha de S. Paulo

Entre os eixos temáticos trabalhados pela *FSP*, o tema tubarão é o que registra maior relevância na cobertura. Das 18 notícias que citam cientistas, treze (72%) trazem informações sobre os peixes. As possíveis causas dos incidentes estão em segundo lugar, presentes em onze notícias (61%) de edições distintas. E, por último, as comunicações de riscos citadas em sete matérias (39%).

Figura 24 – Prevalência dos temas centrais na *FSP*



Fonte: autora.

Tubarões - Quem

O tubarão é o assunto mais acionado nas explicações científicas na cobertura da Folha, presentes em 72% das notícias. Ao responder de quais tubarões estamos falando, os textos mobilizam dois subtemas: as espécies presentes em 09 textos (69%) e as características em 10 matérias (76%).

A primeira vez que os tigres e cabeças-chatas aparecem nas vozes especializadas é em 1994, ao noticiar o 16º incidente.

> Para o especialista Fábio Hazin, as espécies que podem estar atacando os surfistas são o tubarão-tigre ou o cabeça-chata. Ambos, afirmou Hazin, são agressivos e de grande porte. O tubarão tigre, disse, pode chegar a medir seis metros. Para capturar os tubarões os peritos utilizam uma linha especial com 200 anzóis e três quilômetros de extensão. Os animais fisgados são levados ao laboratório da Universidade Federal Rural do estado para análise (*FSP*, 1994).

Ao longo dos anos, ao se se referir às espécies, a *Folha* relaciona as espécies tigre e cabeça-chata, simultaneamente, sempre que se referem a qual tubarão foi responsável pela mordida, mesmo que não especifique qual das duas espécies é a responsável pelo acontecimento. "O tubarão é da espécie cabeça-chata ou tigre e mede pelo menos 2,5 metros" (*FSP*, 1999).

As características tanto físicas como comportamentais são o outro subtema relacionado ao "quem" do acontecimento. O termo "agressivo" aparece em nove notícias

da *FSP*, associado aos tubarões. “Diversas espécies de tubarões foram identificadas no estado, mas a maioria dos ataques é atribuída às espécies tigre e cabeça-chata, consideradas as mais agressivas do mundo” (*FSP*, 2013).

O porte dos peixes é fator relevante em 46% dos textos. “O tubarão tigre pode chegar a medir seis metros” (*FSP*, 1994). O tamanho dos peixes também está relacionado à violência dos incidentes e às espécies envolvidas. Nos depoimentos dos especialistas, os detalhes das lesões nos corpos das vítimas são utilizados para reforçar a gravidade dos ferimentos e especificar que se trata de um determinado tipo de tubarão.

> Apesar de não ter participado da perícia no corpo, Hazin disse que as marcas visíveis em fotos indicam que o animal era de grande porte (*FSP*, 2009).

> Segundo o oceanógrafo Fábio Hazin, especialista em tubarões, as marcas indicam que o jovem foi atacado por um tubarão com cerca de três metros, possivelmente das espécies Tigre ou Cabeça-Chata — as mais agressivas, segundo ele (*FSP*, 1997).

FATORES – PORQUÊS

As respostas sobre os porquês dos incidentes estão em 11 notícias (61%). A *FSP* relaciona dois subtemas ao tema central, as causas naturais apontadas em nove notícias (55%), e os desequilíbrios ambientais em oito textos (45%). Em boa parte dos textos, o jornal cita conjuntamente tanto as causas naturais como as intervenções humanas nas respostas.

Entre as causas naturais, cinco textos citam a topografia marinha como facilitador para a presença dos tubarões.

> Os primeiros resultados da pesquisa apontam que a topografia submarina de algumas praias "é ideal" para os ataques. Nesses locais, afirmou, existe um canal profundo ao longo do litoral, o que favoreceria a permanência dos tubarões. Enquadram-se nesse perfil, segundo o perito, a praia de Boa Viagem, a mais frequentada do estado, e a de Piedade (*FSP*, 1994).

Outro subtema relacionado aos fatores naturais, que são os meses do ano, ventos mais fortes, fases da lua e água turvas, elencados de forma conjunta, como se fossem um fator único que amplifica a probabilidade de acidentes. São mencionados em quatro textos.

> Hazin disse que os ataques costumam acontecer com mais frequência nos meses de julho, agosto e setembro, nos períodos de lua nova e lua cheia, pois a alta das marés, comuns nessas épocas, favorece a aproximação dos tubarões (*FSP*, 1999).

As intervenções humanas que acarretam desequilíbrios ambientais são um critério forte de noticiabilidade para *FSP*, presente em oito textos (73%). Entre os assuntos relacionados às intervenções humanas, a construção do Porto de Suape é o que registra o maior número de citações, constando em cinco matérias. Outros três textos citam questões ambientais sem especificar maiores detalhes.

> As pesquisas apontaram também a interferência humana no ambiente como uma das prováveis causas da presença dos animais em parte do litoral. A construção do porto de Suape (30 km ao sul de Recife) alterou um dos pontos de reprodução dos predadores, no estuário do rio Jaboatão. Os dejetos despejados por navios em alto mar atraem os tubarões até a orla (*FSP*, 2006).

Os fatores responsáveis pelos incidentes tendem a se alterar e a flutuar ao longo dos anos na cobertura da *Folha*. Na primeira notícia identificada, o jornal já apontava para as questões ambientais como uma das prováveis razões dos acidentes: "o pesquisador acredita que uma das possíveis causas para o aumento das ocorrências seria o desequilíbrio ambiental" (*FSP*, 1994).

A partir de dezembro de 1994, a topografia submarina passa a ser apontada como um fator favorável à aproximação dos peixes. Em maio de 2006 até 2021, a *FSP* adota um texto padrão, com um compilado dos possíveis fatores, redigido praticamente igual e onde a fonte citada é "estudos da UFRPE".

> Estudos realizados na UFRPE (Universidade Federal Rural de Pernambuco) atribuem a presença de tubarões na orla pernambucana, entre outros fatores, a alterações ambientais provocadas pela construção do porto de Suape, em Cabo de Santo Agostinho. Um canal profundo que acompanha o contorno do litoral facilita o deslocamento dos animais próximo às praias. Diversas espécies de tubarões foram identificadas (*FSP*, 2021).

Desde 2021, o jornal passa a publicar notas oficiais do CEMIT que não trata dos porquês dos acontecimentos, traremos detalhes desta nota adiante.

Comunicação de risco – Como

As informações sobre os riscos de incidentes podem ser inseridas entre as respostas tradicionais dos *leads*, se pudermos interpretá-las pela via de "como" os acidentes acontecem. Em algumas notícias, o alerta de risco transmitido pelas vozes especializadas associa os perigos a fatores que potencializam os incidentes.

A comunicação de risco é o tema de menor relevância na *Folha*, registrado em sete notícias (39%). Em cinco textos, há alertas para áreas de praia consideradas perigosas e para comportamentos que deveriam ser evitados como forma de se proteger dos tubarões: “Hazin disse que, no trecho em que acontecem os ataques, os banhistas nunca devem passar do ponto onde o pé alcança o solo” (*FSP*, 1997).

No início dos casos, o alerta mais comum é em relação à prática de surfe, dois textos tratam de alertas diretamente aos surfistas: “Surfar, afirmou, tornou-se uma atividade de ‘alto risco’ na área. Os movimentos dos surfistas na água poderiam provocar ataques” (*FSP*, 1994).

Em relação aos banhistas, as falas orientam tanto para não avançar no mar como destacam os fatores que aumentam a probabilidade de encontro entre humanos e estes animais marinhos. “Hazin prevê que novos ataques poderão ocorrer entre os dias 14 e 15 deste mês. ‘Quase todos os ataques ocorreram nas luas nova e cheia, quando a maré sobe’, afirmou" (*FSP*, 1995). Os fatores em vários textos funcionam como avisos de condições favoráveis aos incidentes.

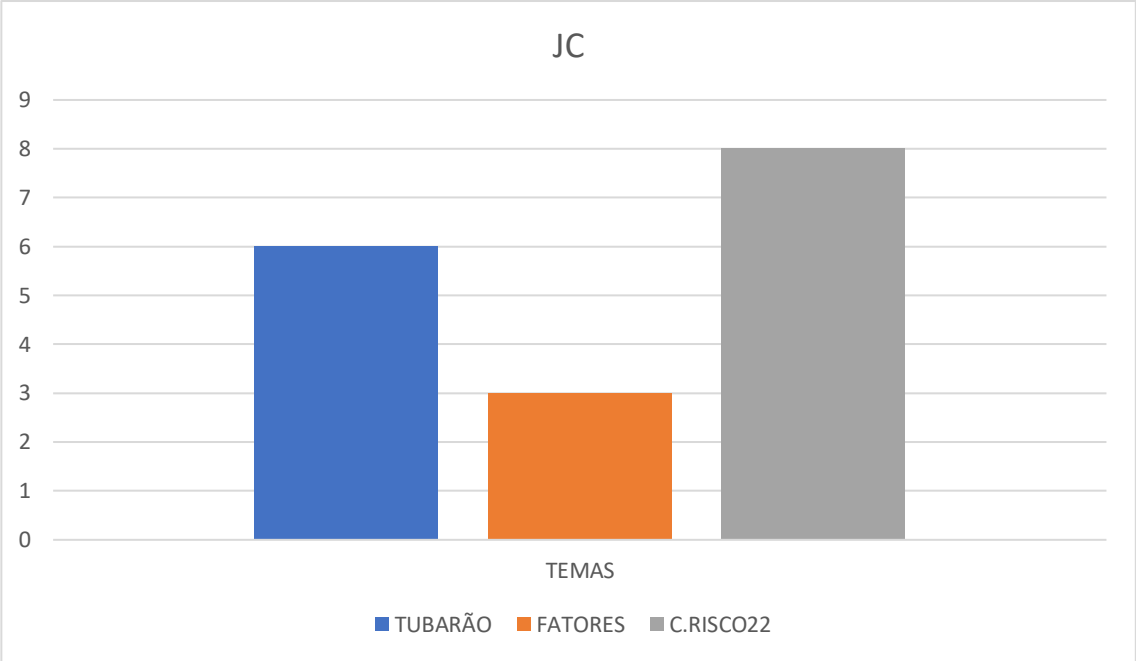
A partir de 2021, indo até 2023, o jornal passou a publicar notas oficiais do CEMIT. Nos textos, o comitê afirma que “fez orientações aos banhistas para saírem da água” (*FSP*, 2021). Nos dois casos registrados em março de 2023, com intervalo de menos de 24 horas, o jornal reproduz a mesma nota oficial nas duas notícias. A nota do comitê chama atenção para os interditos da praia.

> O CEMIT (Comitê Estadual de monitoramento de incidente com tubarões) ratificou a proibição. Também em nota, afirma que desde 1999 é proibido praticar esportes, mergulho, natação no trecho, mas, desde julho de 2021 o local também é proibido para banho de mar, após a expedição de um decreto municipal (*FSP*, 2023).

7.2.2 Análise da cobertura do Jornal do Commercio

Entre os eixos temáticos trabalhados pelo *JC*, as comunicações de risco são o tema que registra a maior relevância na cobertura, das doze notícias que citam cientistas, oito (67%) trazem informações sobre os perigos presentes nas praias da RMR. A temática dos tubarões ocupa o segundo lugar, com seis matérias (50%). E, por último, com apenas três notícias (25%), o tema fatores.

Figura 25 – Prevalência dos temas centrais no *JC*



Fonte: autora.

Comunicação de Risco - Como

O tema com maior predomínio no noticiário do *JC* é a comunicação de risco, identificadas em nove, notícias (75%), entre as doze que trazem vozes especializadas. Os alertas de perigo estão presentes em cinco matérias; as áreas consideradas de risco citadas em quatro, as informações sobre condições que propiciam incidentes em três e o desrespeito às normas em três textos.

Os alertas de riscos estão voltados diretamente à prática do surfe em três textos e em outros dois aos surfistas e banhistas: "O pesquisador aponta a área entre as praias do Pina e Paiva como de risco máximo para ataques de Tubarões até setembro. Quem estiver nessa região em dias de maré alta deve evitar o banho de mar e a prática de surfe, advertiu Fabio Hazin" (*JC*, 1998). Apesar do surfe ter sido proibido desde 1995, em trechos da orla, e a partir de 1999, em uma área de 30 km, os incidentes com surfistas continuaram sendo registrados. No carnaval de 2023, por exemplo, um surfista foi mordido por um tubarão em Olinda.

O jornal cita em quatro notícias os locais com potenciais de riscos e nomeia as praias que devem ser evitadas. "Segundo ele, as praias ao norte do Porto de Suape até o Porto do Recife, principalmente as de Boa Viagem, Piedade e do Paiva, devem ser

evitadas pelos surfistas. ‘Elas são áreas com risco bastante elevado de ataques de tubarões’, alertou” (*JC*, 1994).

O *JC* associa, em três textos, os fatores apontados como causas que propiciam os incidentes aos discursos de comunicação de risco. Mesmo quando o incidente ocorre sem que estes fatores estejam presentes no momento do ataque, eles são reiterados na voz do especialista pelo jornal.

> O pesquisador lembrou, no entanto, que esses casos são pouco comuns no mês de março. Além disso, a lua estava no quarto-crescente e a maré seca. “Os tubarões costumam agredir na lua nova e cheia, com maré alta e nos meses de julho, agosto e setembro", esclareceu (*JC*, 2001).

Outro ponto abordado no pacote da comunicação de risco do jornal são as advertências e a constatação dos desrespeitos às regras.

> "Esse não é um problema que é resolvido. Não tem como prever e nem como garantir que os incidentes não ocorram mais nas áreas onde já ocorreram. É um problema de educação, mais do que qualquer coisa, porque as recomendações não são seguidas. Acredito que não importa o quanto se faça de pesquisa, se os humanos não se derem conta e sigam as instruções", alertou. (Lessa, 2021).

Tubarões - Quem

A temática tubarão é o segundo assunto mais relevante acionado pelo jornal nas vozes especializadas, presentes em sete textos. O pacote interpretativo do *JC* é bem semelhante ao da *FSP*, com subtemas espécies e características dos animais. As espécies são notícia em quatro textos, também de forma conjunta, como na *FSP*. “Ele acha que Aluízio Filho foi vítima de um cabeça-chata (*Carchahinus Leucas*) ou de um tubarão tigre (*Galeocerdo Cuvier*)” (*JC*, 1995).

Sobre as características dos peixes, o maior destaque é para o porte dos animais, citados em três textos. Em dois textos, o tamanho dos peixes também é relacionado à gravidade dos incidentes, como uma forma de identificação e confirmação de que o fato foi provocado por um tubarão: “Ele acrescenta que, pelo tamanho da mordida, o tubarão mede em torno de três metros. Pela proporção da lesão, afirma Hazin, só pode ter sido duas espécies: ou o cabeça-chata ou o tigre” (*JC*, 1997).

Dentro do subtema características, o comportamento dos tubarões tem pouca representatividade no *JC*, citado em apenas um texto. O jornal trata o peixe como feroz, ao contrário da *FSP*, que se referem aos peixes como agressivos em cinco notícias.

Fatores - Porquês

Apenas três publicações tratam dos possíveis fatores responsáveis pelos incidentes, nenhum dos textos questiona as intervenções humanas como fator desencadeador dos casos. Os textos tratam de causas naturais como as luas, maré alta, meses do ano, como fatores e a topografia marinha.

> Hazin explicou que o ataque registrado em Barra de Jangada não causou surpresa, porque as condições climáticas estavam favoráveis à aproximação dos tubarões. A combinação de lua cheia e ventos fortes, aliada a outros fatores, aumenta o risco de novos ataques (*JC*, 1996).

7.3 Conformidades, enquadramentos, sombras e relevâncias

7.3.1 Conformidades

Há semelhanças importantes nas coberturas dos jornais *FSP* e *JC*. O professor e pesquisador da UFRPE Fábio Hazin, como já demonstramos anteriormente, é a fonte dominante tanto na *FSP* como no *JC*. Hazin foi um elemento fundamental e com enorme influência no processo de produção da informação e das interpretações sobre o acontecimento tubarões. A presença do pesquisador como fonte especializada pode ser explicada pelo fato de ele ser um dos únicos professores no estado, no início dos casos, a pesquisar tubarões. Além disso, Hazin presidiu o CEMIT, desde a criação do comitê, em 2004, até 2012. A partir de 2011, o pesquisador deixa de ser citado nas matérias.

Nos textos do *JC* como da *FSP*, Hazin é referenciado como pesquisador, perito e especialista em tubarões. Em duas notícias da *FSP*, o jornal ainda faz referência ao doutorado do pesquisador no Japão. As qualificações atribuídas às fontes são mais uma forma do jornalismo agregar credibilidade e confiança ao testemunho. O questionamento das fontes pode gerar, também, questionamentos à própria informação, observa Alsina (2009).

Uma fonte com alto grau de credibilidade também exige um menor controle na checagem e verificação das informações (Wolf, 1985). A *Folha*, no seu manual de redação, estabelece que fontes confiáveis, com conhecimento de causa, próximas do fato

e sem interesses diretos na divulgação, podem ser publicadas sem checagem com outra fonte.[33]

7.3.2 Enquadramentos

Apesar de os jornais entrevistarem praticamente as mesmas pessoas e trabalharem majoritariamente as mesmas ideias centrais (fatores – tubarões – comunicação de risco), os operadores jornalísticos promovem recortes diversos dos temas, alguns têm maior destaque que outros.

A temática dos tubarões é a que apresenta maiores semelhanças de enfoque entre os jornais, ambos conferem relevância similar ao tema e praticam a mesma seleção e enquadramento dos subtemas. A menção aos tigres e cabeças-chatas torna inteligível e reconhecível de qual tipo de tubarão os textos estão tratando. Ao identificar e diferenciar as espécies, a mídia sinaliza que não se trata de uma das mais de oitenta espécies que povoam a costa e são inofensivas, mas de animais considerados perigosos.

O pacote interpretativo construído pela narrativa jornalística ao associar as dimensões das lesões e o porte dos animais à gravidade e as mortes, promove um enquadramento semelhante às notícias policiais. A descrição das mordidas, as partes dos corpos atingidas, nos remete "as armas" com que os "crimes" foram cometidos, reforçando a crença partilhada em sociedade de que os tubarões são predadores perigosos e endossando a ameaça que estes representam. O crime, observa Traquina, por estar ligado à infração, à transgressão das regras, é importante valores- notícia (Traquina, 2005, p. 85). A *FSP* ainda aciona o elemento agressividade ao comportamento dos peixes.

Nos enquadramentos das comunicações de risco, há uma dimensão política e educativa, na tentativa dos pesquisadores de conscientizar os frequentadores para os perigos que envolvem o banho de mar. As vozes especializadas trabalham informações com o intuito de alertar sobre locais, comportamentos e condições naturais que são mais propensos aos incidentes. Gansom e Modigliani (2023, p. 35), pontuam que os pacotes para serem viáveis, "devem construir o seu significado ao longo do tempo, incorporando novos eventos na sua moldura interpretativa".

[33] Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/manual_producao_c.htm.

Entendo que a comunicação de risco poderia ser mais eficaz, se centralizada na questão das marés e no reforço do uso da praia nos locais protegidos, reforçando a ideia que o banho de mar na maré seca, e em áreas da praia protegidas por arrecifes diminuem os riscos, inclusive de afogamentos. Deixando de lado, explicações mais complexas como os ventos força dos ventos, por exemplo.

A comunicação de risco também reflete, em alguns textos, a culpabilização das vítimas. Banhistas e surfistas são responsabilizados por entrarem no mar em local perigoso, não se aterem às condições climáticas ou desrespeitaram normas: "Fábio Hazin assegurou que muitos banhistas continuam descumprindo a determinação de não ultrapassar a faixa de arrebentação, principalmente na lua nova, quando a maré está enchendo e os tubarões mais ativos" (*JC*, 1995). Apesar dos avanços na produção jornalística, ainda observamos uma narrativa noticiosa que culpabiliza as vítimas.

O discurso de prevenção domina as notícias do *JC*, a voz especializada do pesquisador Fábio Hazin é usada para fazer advertências aos leitores. Por ser um jornal, onde os fatos acontecem, o valor notícia de proximidade é acionado partindo da premissa que assuntos próximos ao leitor geram maior interesse. O *JC* também se refere com mais detalhes e informações aos locais de perigo, já que seu público-alvo conhece as praias das quais as notícias estão falando. Na cobertura da *FSP*, esses detalhes são menos acionados.

Em relação ao tema dos possíveis fatores que influenciam a presença e no comportamento dos tubarões, percebemos, na *FSP*, um esforço em noticiar a maioria dos aspectos apontados pelos especialistas como prováveis causas. Embora tenha conferido noticiabilidade às questões decorrentes dos desequilíbrios ambientais e naturais, a abordagem do jornal passou ao largo de informações amplas que descrevessem o assunto. As intervenções humanas são enfocadas de maneira superficial e sem grandes complexificações, conferindo noticiabilidade às questões decorrentes das intervenções humana e naturais. A abordagem sobre a construção do Porto de Suape, por exemplo, tratada como um dos porquês dos incidentes, é enquadrada como uma questão secundária, não complexificando as questões que pudessem relacionar às obras e o funcionamento do Porto aos ataques.

A ideia organizadora ou enquadramento, como sugerem Gamson e Modigliani (2023), carrega símbolos capazes de sintetizar e atribuir significados aos temas, e alguns serão mais fortes que outros, em virtude de quem os propõe e por serem capazes de ecoar

“narrativas culturais, histórias, mitos e contos tradicionais que fazem parte da herança cultural de cada um” (Gamson; Modigliani, 2023, p. 35).

Em comum, os jornais trazem a praia como um lugar perigoso, área onde pode haver ataques de tubarões e seus usos podem acarretar risco de vida. A gravidade das mordidas, resultando em mortes e mutilados, imprime à praia novas representações.

7.3.3 Silenciamentos

Ao deixar de apresentar determinados aspectos de um acontecimento, a mídia corrobora para que tais fatos não tenham atenção, acabando por tornar esses pontos menos importantes. Ao privilegiar o enfoque nos tubarões, a cobertura aciona majoritariamente pesquisadores especialistas nos peixes e exclui do debate público cientistas ligados à ecologia, meio ambiente, oceanografia, por exemplo. A falta de pluralidade das fontes faz com que aspectos importantes sejam colocados em uma zona de sombras.

No *JC*, as notícias ignoram as ações humanas, excluindo da discussão os porquês dos incidentes. O jornal salienta apenas os fatores naturais como prováveis causas dos incidentes e em pouquíssimos textos. A relação do Porto de Suape com incidentes é totalmente invisibilizada na cobertura, até hoje.

Outro aspecto dos acontecimentos silenciado no *JC* é o detalhamento sobre o desenvolvimento das pesquisas realizadas pelos especialistas. Na *FSP*, detalhes sobre o processo de investigação científica são citados em sete notícias. Mesmo que superficialmente, há uma preocupação em explicar que expedições estão sendo organizadas com objetivo de monitorar o deslocamento e os hábitos alimentares dos peixes, mapear a topografia da região, entre outros pontos. No *JC*, nenhum texto factual trata do tema.

> Na tentativa de descobrir a causa dos ataques, especialistas em tubarões organizaram uma expedição no litoral pernambucano. Durante um ano, os peritos vão estudar a biologia desses animais e conhecer as espécies que habitam próximo às praias do estado. Para o especialista Fábio Hazin, as espécies que podem estar atacando os surfistas são o tubarão-tigre ou o cabeça-chata. Ambos, afirmou Hazin, são agressivos e de grande porte (*FSP*, 1994).

7.3.4 Relevância

Para examinar a importância dos discursos científicos, investigamos a hierarquização na organização das informações, através da análise das informações na pirâmide invertida, já que, quanto mais próximas do *lead*, os temas são considerados mais importantes. Outro critério de noticiabilidade investigado é a presença das informações sobre ciência nos títulos e subtítulos. E, por fim, observamos a dimensão dos textos e dos espaços cedidos a estas informações.

Na *FSP*, as informações científicas são consideradas, dentro dos critérios de noticiabilidade, de baixa relevância. Em praticamente todos os textos, as falas sobre ciência estão localizadas longe do *lead*, próximas aos parágrafos finais dos textos. Em apenas uma notícia, o quadro se inverte e as informações estão no segundo parágrafo. Também em relação aos títulos e subtítulos, a *Folha* não traz, em nenhuma manchete, elementos citados pelas vozes científicas. O jornal não costuma adotar subtítulos, pelo menos nas matérias sobre tubarões.

No *JC*, os *leads* também não tratam das vozes dos cientistas, em três textos as vozes especializadas ocupam o segundo parágrafo e nas demais matérias estão nos parágrafos finais.

O *JC* destaca, em cinco títulos e subtítulos, informações trazidas pelas vozes especializadas. No 54º incidente (*JC,* 2011), o título trata especificamente de comunicação de risco, alertando para os perigos do período; o subtítulo pormenoriza os fatores que propiciam este cenário. Já no 64º incidente, o título aponta o local do acontecimento, Igreja de Piedade, e o associa a um espaço dos tubarões; no subtítulo há uma chamada para compreensão das razões que fazem do lugar o mais perigoso. Outros dois acidentes também destacam nos subtítulos os locais dos fatos como mais propensos para incidentes.

Figura 26 e 27 –Títulos com informações científicas em edições distintas do *JC*

Alerta para alto risco de ataques

TUBARÃO Maré cheia, Lua Nova e água turva propiciam casos como o de ontem, na Zona Sul. Surfista é a 54ª vítima desde 1992

Falta verba para colocar rede

Marlison Santos, 21 anos, teve ferimentos em uma perna, mas não corre risco de morrer

entrevista André Gomes

"Meu filho estava indo para o mar"

Igrejinha de Piedade: mais uma vez reduto de ataques de tubarão. Entenda a razão

O ponto já era considerado o mais crítico de todo o litoral pernambucano. Dos 63 ataques registrados em Pernambuco desde 1992, 13 foram no local

Roberta Soares

Publicado em 25/07/2021 às 13:15

NOTÍCIA

Região da Igrejinha de Piedade após ataque de tubarão deste domingo, 25 de julho - **FOTO: Filipe Jordão/JC Imagem**

Leitura: 8min

Mais uma vez, a Igrejinha de Piedade, no bairro de Piedade, em Jaboatão dos Guararapes, no Grande Recife, volta a ser palco de um novo ataque de tubarão.

https://jc.ne10.uol.com.br/pernambuco/2021/07/13019941-igrejinha-de-piedade-mais-uma-vez-reduto-de-um-ataque-de-tubarao-entenda-a-raza... 1/16

11/05/22, 15:31 Igrejinha de Piedade: mais uma vez reduto de ataques de tubarão. Entenda a razão

Neste domingo (25/7), um homem foi mordido por um tubarão por volta das 12h, exatamente duas semanas depois do incidente **que provocou a morte do auxiliar de serviços gerais Marcelo Costa Santos, 51 anos, morto após ser mordido pelo animal no mesmo ponto da Praia de Piedade.** O local já era considerado o mais crítico de todo o litoral pernambucano. Dos 68 ataques registrados em Pernambuco desde 1992, 14 foram no local (incluindo o deste domingo). Mas por que a área é tão propícia aos ataques?

Fonte: *JC* (2011; 2021).

7.4 Títulos

Entre os títulos de todas as notícias pesquisadas, apenas quatro não trazem o termo tubarão na manchete, todos são do JC. O verbo "atacar" e suas variações constam em 48 títulos, o verbo matar em outras dezessete chamadas. A palavra "incidente" só é registrada em um subtitulo do *JC* e em nenhum título nem subtítulo da *FSP*.

No quadro abaixo, trazemos, cronologiamente, alguns exemplos de títulos relacionados ao mesmo fato e publicados ao longo das últimas três décadas. O quadro completo com todos os títulos estão no Anexo 2. Nossa análise identificou um padrão na estrutura da grande maioria dos títulos: agressor (tubarão), ação (ataque) e vítimas (banhistas e surfistas).

Data do Incidente	Veículo	Título
25/07/1994	*Jornal do Commercio*	Tubarão ataca outra vez um surfista
26/07/1994	*Folha de S. Paulo*	Tubarão arranca pé de surfista em Recife
28/08/1995	*Folha de S. Paulo*	Surfista é atacado por tubarão em Recife
28/08/1995	*Jornal do Commercio*	Tubarão ataca mais um surfista em Boa Viagem
02/04/1998	*Jornal do Commercio*	Tubarão mata mais um na praia de Boa Viagem
03/04/1998	*Folha de S. Paulo*	Tubarão mata mais um banhista em Recife
07/03/2001	*Folha de S. Paulo*	Tubarão mata banhista em Recife
07/03/2001	Jornal do Commercio	Tubarão mata mais um banhista
18/06/2006	*Folha de S. Paulo*	Ataque de tubarão mata surfista em Olinda
19/06/2006	*Jornal do Commercio*	Tubarão mata surfista em Olinda
07/03/2023	*Folha de S. Paulo*	Pernambuco tem 2 ataques de tubarão em dois dias em uma mesma praia
07/03/2023	*Jornal do Commercio*	Dois ataques de tubarão em menos de 24h em Piedade

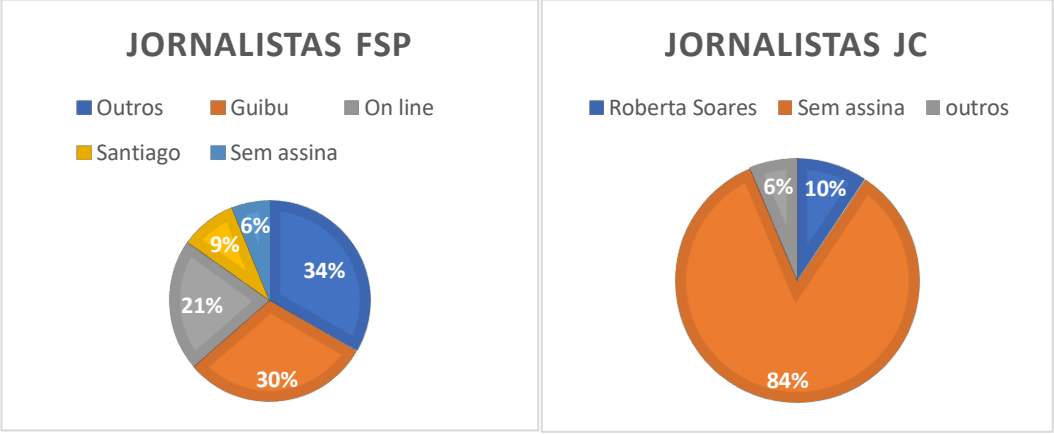
O enquadramento presente na imensa maioria dos títulos e *lead* não deixa dúvida de que a violência é o valor notícia predominante. O uso de verbos como *amputar*, *devorar*, *abocanhar*, *decepar*, *dilacerar*, acompanhados pelas partes dos corpos atingidas das vítimas dão a dimensão da potência das mordidas.

As palavras escolhidas e rearranjadas no discurso não são uma mera opção de vocabulário, mas um dispositivo eficaz de superdimensionar os perigos e ameaças que envolvem o banho de mar. A cobertura vai colaborando com o processo de construção da imagem de praia, uma praia estigmatizada pela presença de um "novo inimigo". O estereótipo de predador assassino, que na imprensa funciona como gerador de sentido (Alsina, 2009), está presente na seleção de algumas palavras e enquadramentos, em detrimento de outras. O padrão de estereótipos, observa Lipppmann (2008), determina "que grupo dos fatos nós veremos, e sob que luz nós os enxergamos" (p. 136).

7.5 Jornalistas

Os jornalistas que cobrem os fatos do dia são generalistas, não são especializados em assuntos específicos. Ao investigar todas as notícias factuais sobre os incidentes, e não apenas as que citam fontes especializadas, identificamos, na *FSP*, 24 notícias assinadas por jornalistas, em dez textos o correspondente Fabio Guibu é o responsável pelos textos, onze tem autores diversos e dois são escritos por Vandeck Santiago. A *Folha* on-line assina seis matérias e apenas duas delas não têm nenhuma assinatura. No *JC*, apenas cinco textos têm assinatura, três são escritos por Roberta Soares e dois por autores diversos, vinte e sete não trazem nenhuma assinatura.

Figuras 28 e 29 – Distribuição das matérias assinadas



Fonte: autora.

8. Arquipélago de Fernando de Noronha: um capítulo à parte na crise dos tubarões em Pernambuco

O Arquipélago de Fernando de Noronha (AFN) foi reintegrado ao estado de Pernambuco em 1988, com a promulgação da Constituição. Historicamente, durante o domínio português, a partir do século XVIII, a ilha, que funcionava como presídio, teve sua administração ligada a Pernambuco. Mas em vários momentos turbulentos da história foi requisitada pelo poder central. Como em 1938, na Ditadura Vargas, quando foi transformada em um presídio político, e durante a II Guerra Mundial, com a instalação de uma base militar brasileira e americana. Após o fim da guerra, Fernando de Noronha passa a ser administrada pelas Forças Armadas até a redemocratização, no Governo Sarney, quando o arquipélago passa ter uma administração civil.

No mesmo ano que é aprovada a Carta Magna e Fernando de Noronha é reanexada ao território pernambucano, o Governo Federal transforma 70% da área do arquipélago em Parque Nacional Marinho. Em 2001, junto com o Atol das Rocas, foi reconhecido e tombado pela Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) como Patrimônio Mundial Natural da Humanidade (Borges, 2013, p. 19).

Em 2015, o arquipélago, a 540 km do Recife, considerado um santuário ecológico, passou a integrar o quadro de estatísticas de incidentes com tubarões em Pernambuco. Apesar de ser um distrito do estado, os incidentes em Fernando de Noronha são computados pelo CEMIT, em separado dos casos no continente. Nas estatísticas oficiais, Fernando de Noronha registra 10 acidentes com tubarões e nenhuma vítima fatal, contra 67 do estado.

Figura 30 – Quadro de estatística do CEMIT sobre os incidentes em AFN

Atualizado em 15/08/2022

Nº	V/M	ATIVIDADE	DATA			Dia da Semana	NOME	IDADE	SEXO	LOCAL	LUA	LESÃO	PRAIA	DISTRITO ESTADUAL
			DIA	MÊS	ANO									
1	V	Banhista	21	DEZ	2015	SEG	M. C. P. S.	32	M	Baía de Sueste	Cr	Braço Direito	Baía de Sueste	Fenando de Noronha
2	V	Banhista	30	DEZ	2016	SEX	P. R. S. C.	49	M	Praia do Leão	Nv	Panturrilha esquerda	Praia do Leão	Fenando de Noronha
3	V	Surfista	12	JAN	2018	SEX	R. D. F. B.	20	M	Praia de Conceição	Mg	Antebraço esquerdo	Praia de Conceição	Fenando de Noronha
4	V	Surfista	14	FEV	2019	QUI	C. V. O. C.	31	M	Praia da Cacimba	Mg	Face esquerda e pescoço	Praia da Cacimba	Fenando de Noronha
5	V	Surfista	27	FEV	2020	QUI	J.A.	33	F	Praia da Cacimba	Nv	Mão esquerda	Praia da Cacimba	Fernando de Noronha
6	V	Surfista	9	MAR	2020	SEG	B.T.O.C.S.	28	F	Praia do Bode	Ch	Membro inferior direito	Praia do Bode	Fernando de Noronha
7	V	Banhista	18	DEZ	2020	SEX	A.C.G.	37	M	Praia de Conceição	Nv	Membro inferior direito	Praia de Conceição	Fernando de Noronha
8	V	Surfista	13	JAN	2021	QUA	S.H.N.S.P.	53	M	Praia da Cacimba	Nv	Membro superior direito	Praia da Cacimba	Fernando de Noronha
9	V	Banhista	28	JAN	2022	SEX	N.H.	8	F	Baía de Sueste	Mg	Membro inferior direito	Baía de Sueste	Fernando de Noronha
10	V	Banhista	21	ABR	2022	QUI	L.E.R.B	34	M	Praia da Cacimba	Ch	Membro inferior esquerdo	Praia da Cacimba	Fernando de Noronha

Fonte: Semas.

Em 2018, após o terceiro caso oficial, o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) instalou placas informativas para prevenir incidentes com tubarões na área do Parque Nacional Marinho de Fernando de Noronha. Os painéis foram colocados nas praias do Sueste, Leão e Sancho, com textos em português e inglês. "Entre outras informações as placas indicam: Caso visualizem um tubarão, mantenha distância. Jamais tente persegui-lo, encurralá-lo ou tocá-lo. Evite entrar no mar antes das 9 da manhã e após as 16 horas".[34] Em 2022, depois do incidente com uma criança, o ICMbio interditou a Praia do Sueste para o banho por um período indeterminado.

Apesar das semelhanças com as ações de mitigação na RMR, os casos na ilha guardam grande diferenças em relação aos registrados no continente. O oceanógrafo e professor da UFRPE (Universidade Rural de Pernambuco) Paulo Oliveira explica que incidentes com tubarões podem ocorrer em qualquer lugar do mundo, o que muda é a frequência. Para o pesquisador, há menos incidentes em Fernando de Noronha porque na ilha, além de ser um ambiente equilibrado, a água é limpa, existe grande oferta de presas para os tubarões e não há canais próximos, como no caso do RMR, que possibilitem a aproximação dos peixes para costa. "Geralmente estas ocorrências constantes estão atreladas a degradações costeiras, ao desequilíbrio ecológico. Em Fernando de Noronha sempre foi muito pontual."[35]

Dos dez casos registrados oficialmente na ilha, apenas dois são considerados graves, o de 2015, quando um turista que fazia mergulho livre, na Praia do Sueste, teve o braço arrancado e o caso de uma garota de 8 anos, que teve a perna amputada por uma mordida de tubarão, também na Praia do Sueste. Os demais incidentes são considerados leves, algumas vítimas nem chegaram a procurar atendimento médico.

[34] Disponível em: https://www.gov.br/icmbio/pt-br/assuntos/noticias/ultimas-noticias/placas-informativas-sao-instaladas-em-noronha.
[35] Disponível em: https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2023/03/09/fernando-de-noronha-tubarao.htm#:~:text=%22Os%20incidentes%20s%C3%A3o%20menores%20porque,entram%20na%20%C3%A1gua%2C%20que%20mergulham.

Figura 31 – Caderno de meio ambiente sobre alimentação dos tubarões, com notícia em segundo plano que relata um incidente em Fernando de Noronha

Jornal do Commerce

Ciência/ Meio Ambiente

► Fernando de Noronha

Arquipélago é local de alimentação de tubarões

Pesquisa revela ocorrência maior de tubarões machos e com baixo peso

Verônica Falcão

FERNANDO DE NORONHA — O arquipélago de Fernando de Noronha, a 540 quilômetros do Recife, é uma das áreas de alimentação dentro da rota migratória dos tubarões. Levantamento preliminar realizado pelos técnicos da Noronha Pesca Oceânica (NPO), empresa que há três anos captura e beneficia tubarões, revela que a maior ocorrência é de indivíduos adultos do sexo masculino e com peso abaixo da média. "Isso indica, entre outros fatores, que o arquipélago não é utilizado como local de reprodução de tubarões", explica o engenheiro de pesca Rodolfo Aureliano de Melo, sócio da empresa.

O estudo indica a ocorrência de catorze 14 de tubarões em Fernando de Noronha. Doze delas são com freqüência no espinhel — equipamento de pesca com anzóis — utilizado pela NPO: o cação-areia (*Negaprion brevirostris*), o tigre (*Galeocerdo cuvier*), a lixa (*Ginglymostoma cirratum*), o tubarão-cabeça-chata (*Hexanchus griseus*), além de quatro espécies do gênero *Carcharhinus*, duas do gênero *Isurus*, conhecido como tubarão-cavala. Os pesquisadores registraram também a presença de uma espécie do gênero *Rhiniodontypus*, conhecido popularmente como tubarão-baleia, e o tubarão-azul (*Prionace glauca*). "Isso não quer dizer que só ocorram estes tubarões em Noronha", alerta Rodolfo Aureliano. Ele lembra que o espinhel é um equipamento seletivo, capturando apenas alguns tipos de tubarões.

O pesquisador considera necessária a realização de estudos sobre os tubarões em Fernando de Noronha, com o objetivo de se conhecer mais sobre a biologia destes animais, que somam mais de 400 espécies conhecidas em todo o mundo.

Para isso, a Noronha Pesca Oceânica pretende assinar convênio com o Departamento de Pesca da Universidade Federal Rural de Pernambuco. A idéia, segundo Rodolfo Aureliano, é estimular o desenvolvimento de monografias e dissertações sobre o tema.

Os meses de dezembro a fevereiro — quando o fenômeno denominado de arrufo é mais visível — são os que registram a maior concentração de tubarões nas proximidades das praias de Noronha. O arrufo ocorre quando grandes ondas se formam, trazendo cardumes de sardinhas para a zona de arrebentação.

As sardinhas são encurraladas perto da costa por seus predadores, geralmente peixes maiores. "O tubarão acompanha este movimento", diz Rodolfo Aureliano. Um dos indícios do arrufo é quando o mumbebo e outros albatrozes mergulham perto da praia em busca de suas presas.

ESPÉCIES — *Rodolfo Aureliano, da NPO, disse que o estudo indicou a ocorrência de 14 espécies de tubarão em Noronha*

Acidente não inibiu surfistas

Ao contrário da costa pernambucana, onde nos últimos quatro anos 20 pessoas foram atacadas por tubarões, em Fernando de Noronha os "monstros do mar" não assustam os surfistas. Mesmo depois de Rodrigo Trajano, 24 anos, ter sido atacado enquanto pegava onda na Praia da Cacimba do Padre, na tarde do dia 20 de dezembro, esta temporada registra a presença de mais de 30 amantes o surfe no arquipélago.

Um dos surfistas que não teme ser atacado em Fernando de Noronha é Marcelo Cartaxo, 23 anos. "Sei da existência de tubarões em Noronha, mas como não é nem tigre nem cabeça-chata não fico apavorado", declara. Marcelo não surfa mais nas praias de Pernambuco. "Só pego onda em Maceió ou Noronha", revela.

O motivo de tanta tranqüilidade é explicado pelo engenheiro de pesca Rodolfo Aureliano de Melo, que captura e estuda tubarões no local há três anos. Para o pesquisador, o ecossistema marinho de Fernando de Noronha não apresenta os desequilíbrios ambientais da costa da Região Metropolitana do Recife, onde de 1992 até agora 16 surfistas e quatro banhistas já foram atacados por tubarões.

"Aqui os tubarões têm seu alimento natural em abundância", esclarece. Embora não descarte a possibilidade de ocorrerem novos ataques, ele considera o que aconteceu com o surfista Rodrigo Trajano um acidente. "Rodrigo estava surfando e provavelmente esbarrou no tubarão, que reagiu", conta. O ferimento, na perna direita do rapaz, foi provocado por um tubarão papa-areia. Para a Associação de Surfe de Pernambuco, o episódio também foi considerado um acidente.

Acidente não inibiu surfistas

Ao contrário da costa pernambucana, onde nos últimos quatro anos 20 pessoas foram atacadas por tubarões, em Fernando de Noronha os "monstros do mar" não assustam os surfistas. Mesmo depois de Rodrigo Trajano, 24 anos, ter sido atacado enquanto pegava onda na Praia da Cacimba do Padre, na tarde do dia 20 de dezembro, esta temporada registra a presença de mais de 30 amantes o surfe no arquipélago.

Fonte: *JC* (1995).

Acreditamos que natureza dos incidentes, sem gravidade, explique a parca cobertura da *Folha S. Paulo*. Só encontramos no acervo eletrônico do jornal três notícias factuais dos acidentes, são matérias referentes aos incidentes 1º, 2º e 9º, ocorridos em 2015, 2016 e 2022, respectivamente. No *JC*, há um maior registro de ocorrências, inclusive um caso de 1995, exposto na figura acima, que não integra as estatísticas do CEMIT.

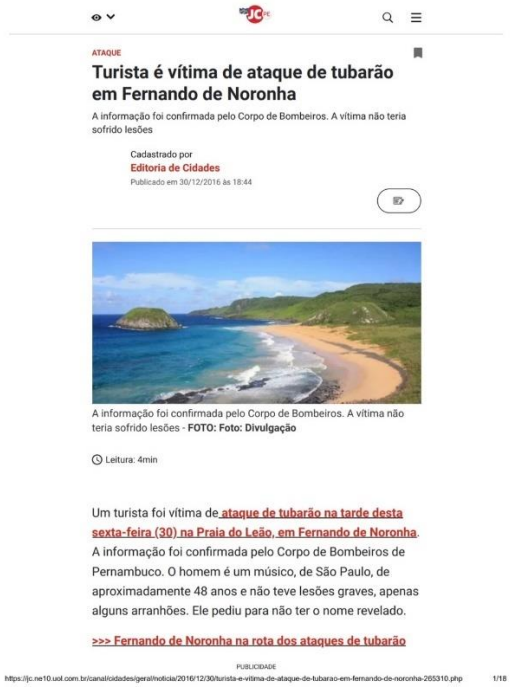
Seguindo a metodologia proposta, investigamos e analisamos as notícias publicadas tanto na *FSP* como no *JC*. Estamos considerando nesta análise o ICMbio como fonte especializada. O Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) é responsável por gerir, proteger, monitorar e fiscalizar as 340 Unidades de Conservação Federais (UC) existentes em todo o país.[36]

8.1 Análise do JC

[36] Disponível em: https://www.gov.br/icmbio/pt-br/acesso-a-informacao/institucional/o-instituto.

O *JC* traz nas notícias dois primeiros incidentes, titulação similar aos usados para noticiar os incidentes do continente. Na primeira notícia: "Turista sofre ataque de tubarão em Fernando de Noronha" (*JC*, 2015); e na segunda: "Turista é vítima de ataque de tubarão em Fernando de Noronha" (*JC*, 2016), repetem o esquema vítima – ataque – vilão. Os títulos ainda dão destaque para o local do acontecimento e que as vítimas são turistas.

Figuras 32 e 33 – Notícias sobre o primeiro incidente com tubarão em Fernando de Noronha



Fonte: *JC* (2015; 2016).

Mas as semelhanças param por aí: em todas as três notícias analisadas, o jornal traz entrevistas com especialistas, bem diferente do que observamos na cobertura dos acidentes no continente. Nos dois primeiros casos, o entrevistado é o engenheiro de pesca Leonardo Veras, radicado em Fernando de Noronha e que há anos desenvolve pesquisas sobre os tubarões na ilha, além de ser o curador do Museu do Tubarão, também localizado no arquipélago.

No incidente de 2015, o jornal traz uma extensa fala de Leonardo Veras centrada em três eixos temáticos. O primeiro: a falta de informação sobre o acontecimento. O especialista faz algumas suposições, mas deixa claro que não se sabe qual a espécie do tubarão, nem como o incidente ocorreu.

> Ainda estamos num momento de investigação. Não se sabe o que aconteceu, qual a espécie de animal envolvido. Ainda não sabemos se a vítima estava com algum tipo de isca na mão, se tentou tocar o animal ou se foi um movimento investigativo do tubarão. Inclusive, se ele estava com alguma isca na mão, não pode nem ser considerado um ataque, explicou o pesquisador (*JC*, 2015).

O outro eixo trabalhado na resposta é o "como" o acidente ocorreu. Leonardo Veras tenta traçar o percurso da vítima até o incidente e faz um contraponto, com a posição da esposa que teria ficado em uma área mais rasa.

> Leonardo Veras contou ainda que a vítima estava com a esposa na Praia do Sueste no final da tarde. Ela ficou perto da areia, com a água na cintura, enquanto a vítima foi mergulhar próximo às boias da baía. Após o incidente, o turista voltou nadando para a areia e foi socorrido por funcionários do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio).

E, por fim, o tema tubarão é detalhado na notícia. O jornal resgata informações de uma entrevista ocorrida em maio, oito meses antes do incidente, para acrescentar, a uma notícia factual, dados sobre os animais. Na resposta, o pesquisador elenca as espécies mais comuns na ilha, sem adjetivações que expressem comportamentos ou características que reforcem estereótipos comuns aos tubarões. E, afinal, reforça que seres humanos não são parte dos hábitos alimentares desses animais

> O engenheiro de pesca ressaltou que as espécies mais comuns de tubarão em Noronha são Limão, Lixa, dos Recifes e, eventualmente, Tigre. Em entrevista ao NE10 em maio, o pesquisador decretou: "Tubarão não é feito para comer gente".

Para acentuar a raridade do incidente, a entrevista reforça pontos que diferenciam o acontecimento em AFN dos casos da RMR: "Aqui temos um ambiente equilibrado e pequena invasão humana no mar. Além disso, a água cristalina faz com que o tubarão identifique o humano e não ataque" (*JC*, 2015).

No segundo incidente, ocorrido um ano depois, em 2016, a matéria traz também uma fala do pesquisador Leonardo Veras. Neste caso, o enfoque do especialista é no comportamento dos tubarões. A fala salienta que a intenção do peixe não era de atacar e minimiza o incidente: "Essa espécie costuma pegar suas presas bem perto da praia, no raso. Aí o tubarão deve ter trombado com a pessoa, deu a mordida no tornozelo e imediatamente fugiu" (*JC*, 2016).

A última notícia investigada é referente ao 9º incidente, até o momento, o mais grave registrado na ilha, quando uma criança de oito anos teve a perna mordida por um tubarão. Diferente das notícias anteriores, o título não trata o caso como ataque, mas

como uma mordida, abrandando o discurso, o que não é comum em casos graves como este. O termo morder substituindo ataque, como observou Neff (2013, p. 64), e descreve com mais precisão a ação de um animal irracional, pois "não amplifica injustificadamente percepções sociais de risco".

Figura 34 – Título do nono incidente ocorrido em AFN

Fonte: *JC* (2022).

A matéria detalha em uma longa fala com o engenheiro de pesca Paulo Guilherme Oliveira, coordenador do Núcleo de Educação Ambiental Professor Fábio Hazin, da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), os fatores que podem ter contribuído para o acidente.

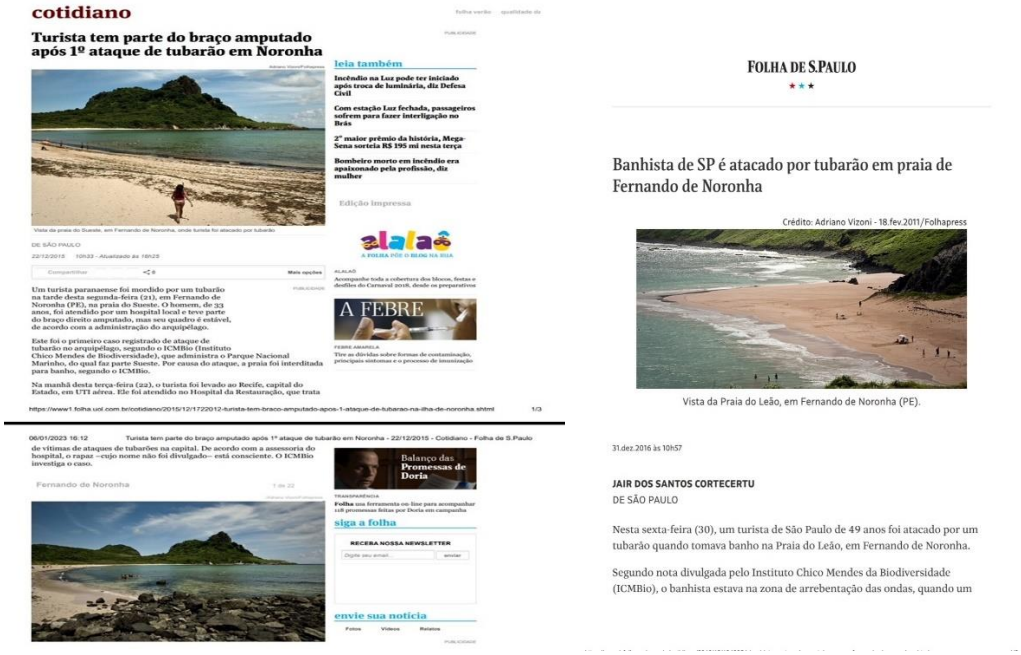
Entre os temas presentes no pacote interpretativo acionados pela voz especializada para explicar o incidente estão o fator climático: "Eventos chuvosos tornam a água mais turva" (*JC*, 2016), uma explicação que também é bastante usada nos casos da RMR. E o fato do local ser um lugar de alimentação dos tubarões. Mas o enquadramento maior da resposta é na possível relação entre o aumento do número de turistas e aumento dos incidentes no mar. O pesquisador chama atenção para "a Baía do Sueste é, junto à do Porto, a praia mais frequentada por banhistas em Noronha" e explica como o aumento da frequência pode vir a provocar novos encontros entre humanos e animais.

> Estamos falando de um arquipélago onde existem tubarões e onde a frequência das pessoas aumenta a cada dia. Com o número maior de pessoas na área, a probabilidade dos ataques aumenta. O aumento do turismo também pode influenciar. Uma pessoa dentro da água exerce uma certa pressão no ambiente. Duas, exerce duas vezes mais, e assim sucessivamente (*JC*, 2016).

O texto traz ainda, na íntegra, a nota do ICMbio sobre a interdição da Baia do Sueste.

8.2 Análise da FSP

Figuras 35 e 36 – Notícias do primeiro e segundo incidentes em AFN



cotidiano

Turista tem parte do braço amputado após 1º ataque de tubarão em Noronha

leia também

Incêndio na Luz pode ter iniciado após troca de luminária, diz Defesa Civil

Com estação Luz fechada, passageiros sofrem para fazer interligação no Brás

2º maior prêmio da história, Mega-Sena sorteia R$ 195 mi nesta terça

Bombeiro morto em incêndio era apaixonado pela profissão, diz mulher

Edição Impressa

Vista da praia do Sueste, em Fernando de Noronha, onde turista foi atacado por tubarão

DE SÃO PAULO

22/12/2015 10h33 - Atualizado às 16h28

Um turista paranaense foi mordido por um tubarão na tarde desta segunda-feira (21), em Fernando de Noronha (PE), na praia do Sueste. O homem, de 33 anos, foi atendido por um hospital local e teve parte do braço direito amputado, mas seu quadro é estável, de acordo com a administração do arquipélago.

Este foi o primeiro caso registrado de ataque de tubarão no arquipélago, segundo o ICMBio (Instituto Chico Mendes de Biodiversidade), que administra o Parque Nacional Marinho, do qual faz parte Sueste. Por causa do ataque, a praia foi interditada para banho, segundo o ICMBio.

Na manhã desta terça-feira (22), o turista foi levado ao Recife, capital do Estado, em UTI aérea. Ele foi atendido no Hospital da Restauração, que trata

https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2015/12/1722012-turista-tem-braco-amputado-apos-1-ataque-de-tubarao-na-ilha-de-noronha.shtml 1/3

06/01/2023 16:12 Turista tem parte do braço amputado após 1º ataque de tubarão em Noronha - 22/12/2015 - Cotidiano - Folha de S.Paulo

de vítimas de ataques de tubarões na capital. De acordo com a assessoria do hospital, o rapaz –cujo nome não foi divulgado– está consciente. O ICMBio investiga o caso.

Fernando de Noronha

alalaô

A FEBRE

Balanço das Promessas de Doria

siga a folha

RECEBA NOSSA NEWSLETTER

envie sua notícia

FOLHA DE S.PAULO

Banhista de SP é atacado por tubarão em praia de Fernando de Noronha

Crédito: Adriano Vizoni - 18.fev.2011/Folhapress

Vista da Praia do Leão, em Fernando de Noronha (PE).

31.dez.2016 às 10h57

JAIR DOS SANTOS CORTECERTU

DE SÃO PAULO

Nesta sexta-feira (30), um turista de São Paulo de 49 anos foi atacado por um tubarão quando tomava banho na Praia do Leão, em Fernando de Noronha.

Segundo nota divulgada pelo Instituto Chico Mendes da Biodiversidade (ICMBio), o banhista estava na zona de arrebentação das ondas, quando um

Fonte: *FSP* (2015; 2016).

A *FSP* detalha no título da notícia do primeiro incidente informações que dão a dimensão da gravidade do caso: "Turista tem parte do braço amputado após 1º ataque de tubarão em Noronha". A chamada trata o caso como ataque, também como nos da RMR e o uso do termo amputar potencializa e amplificam a ação do tubarão.

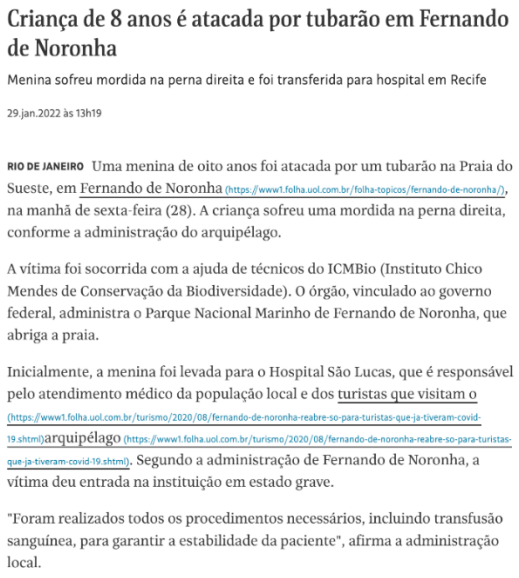
A matéria é pequena, reproduzindo uma nota do ICMbio, ancorada em dois pacotes interpretativos: o fato de ter sido o primeiro caso registrado e o segundo, o fechamento da Praia do Sueste.

> Este foi o primeiro caso registrado de ataque de tubarão no arquipélago, segundo o ICMBio (Instituto Chico Mendes de Biodiversidade), que

> administra o Parque Nacional Marinho, do qual faz parte Sueste. Por causa do ataque, a praia foi interditada para banho, segundo o ICMBio (*FSP*, 2016).

Na segunda notícia, o jornal, apesar de tratar no título o incidente como ataque, traz trechos da nota do ICMbio, em que suaviza a narrativa sobre o incidente, "o banhista estava na zona de arrebentação das ondas, quando um tubarão se aproximou e causou ferimentos leves no banhista" (*FSP*, 2016). O recorte aponta para um peixe que nada em seu habitat natural, e ao encontrar com um humano provoca um ferimento acidental (*FSP*, 2016). Em nenhum momento, a notícia trata a pessoa mordida como vítima de um tubarão.

Figura 37 – Notícia sobre o nono incidente com tubarões em AFN



Criança de 8 anos é atacada por tubarão em Fernando de Noronha

Menina sofreu mordida na perna direita e foi transferida para hospital em Recife

29.jan.2022 às 13h19

RIO DE JANEIRO Uma menina de oito anos foi atacada por um tubarão na Praia do Sueste, em Fernando de Noronha (https://www1.folha.uol.com.br/folha-topicos/fernando-de-noronha/), na manhã de sexta-feira (28). A criança sofreu uma mordida na perna direita, conforme a administração do arquipélago.

A vítima foi socorrida com a ajuda de técnicos do ICMBio (Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade). O órgão, vinculado ao governo federal, administra o Parque Nacional Marinho de Fernando de Noronha, que abriga a praia.

Inicialmente, a menina foi levada para o Hospital São Lucas, que é responsável pelo atendimento médico da população local e dos turistas que visitam o (https://www1.folha.uol.com.br/turismo/2020/08/fernando-de-noronha-reabre-so-para-turistas-que-ja-tiveram-covid-19.shtml)arquipélago (https://www1.folha.uol.com.br/turismo/2020/08/fernando-de-noronha-reabre-so-para-turistas-que-ja-tiveram-covid-19.shtml). Segundo a administração de Fernando de Noronha, a vítima deu entrada na instituição em estado grave.

"Foram realizados todos os procedimentos necessários, incluindo transfusão sanguínea, para garantir a estabilidade da paciente", afirma a administração local.

Fonte: *FSP* (2022).

Apesar da gravidade do 9º incidente registrado em AFN e por se tratar de uma criança de São Paulo, o jornal também só ouve como fonte especializada o ICMbio. Nos temas abordados, o destaque é para a interdição da praia, além de reforçar a narrativa que incidentes com tubarões não são comuns. "Destaca-se que ataques desse tipo são raros, havendo regramento quanto aos horários e locais permitidos para utilização da praia, afirma o instituto" (*FSP,* 2022).

8.3 Enquadramentos dos incidentes em AFN

O primeiro ponto que chama atenção nos incidentes de Fernando de Noronha é a presença de informação especializada em todas as notícias. Mesmo quando se tratou de um acidente sem gravidade, os jornais trazem informações de órgãos de pesquisa. Os veículos atenuam a narrativa sobre os tubarões, não há estereótipos na caracterização dos peixes e há intenção clara de mostrar que os tubarões habitam a ilha.

O *JC*, que, nos casos dos incidentes na RMR, praticamente não traz entrevistas com especialistas, trouxe, nas matérias envolvendo praias de AFN, explicações completas e complexas. Os casos são tratados com cautela pelas fontes. Não se detalha, por exemplo, as espécies envolvidas nos incidentes, muito menos se traz características dos tubarões. O enfoque é no equilíbrio ambiental existente no local, na translucidez da água.

Já a *Folha* tem uma cobertura especializada limitada por se apoiar exclusivamente nas informações oficiais do ICMbio. Os textos também não tratam das características dos tubarões e reforçam a informação do fechamento da praia como medida de mitigação de novos incidentes.

Também nos chamou atenção o fato de que nenhuma das matérias faz alusão ao período dos incidentes. Dos dez casos registrados, nove aconteceram entre os meses de dezembro a março, período que a ilha registra a chegada de grandes ondulações, conhecido como *swell*. É a época de maior incidência de surfistas na ilha, já que a chegada do fenômeno propicia ondas ideais para prática do esporte, dos feriados de réveillon e carnaval, e das férias de janeiro. Na notícia que trouxemos no início deste capítulo, "Arquipélago é local de alimentação de tubarões" (*JC*, 1995), o texto trata de pesquisa realizada pela Noronha Pesca Oceânica sobre os hábitos alimentares dos tubarões na ilha. O engenheiro de pesca Rodolfo Aureliano, um dos responsáveis pelo projeto, detalha o comportamento dos peixes, especificamente no período do final do ano, quando ocorreu o incidente. O pesquisador relaciona a chegada das ondas gigantes com a formação de grandes cardumes de peixes, o que atrairia os tubarões para áreas mais rasas, próximas à costa.

> Os meses de dezembro a fevereiro — quando o fenômeno denominado de arrufo é mais visível — são os que registram a maior concentração de tubarões nas proximidades das praias de Noronha. O arrufo ocorre quando grandes ondas se formam, trazendo cardumes de sardinhas para a zona de arrebentação.
>
> As sardinhas são encurraladas perto da costa por seus predadores, geralmente peixes maiores. "O tubarão acompanha este movimento", diz Rodolfo

> Aureliano. Um dos indícios do arrufo é quando o mumbebo e outros albatrozes mergulham perto da praia em busca de suas presas (Aureliano, *JC*,1995)**.**

8.3 Observações

Os incidentes em Fernando de Noronha, apesar acontecerem em Pernambuco, o mesmo estado campeão de mortes por tubarões no país, tem uma cobertura noticiosa mais branda em relação aos casos do continente. Os jornais *FSP* e *JC* adotam um maior cuidado na abordagem, pois nas notícias é evidente uma preocupação em complexificar cada caso, e em diferenciar os acidentes que acontecem no arquipélago e os do continente. Todos os textos analisados trazem informações especializadas, em que os tubarões são apresentados como parte de um ecossistema equilibrado. Mesmo nos casos graves, não há uma culpabilização dos peixes nem das vítimas. Acredito que o enquadramento jornalístico reflete uma tentativa deliberada de desvincular os casos do arquipélago aos da RMR, para que o medo presente nas praias do Recife não contamine as do arquipélago, refletindo em um novo imaginário que cause impactos ao fluxo de turistas e às atividades econômicas da ilha.

9. Considerações finais

Há inúmeras maneiras de se analisar as representações midiáticas dos incidentes com tubarões. Nossa pesquisa buscou investigar os enquadramentos das informações científicas manifestas nas vozes especializadas e publicadas nas notícias factuais desde 1992. No percurso, procuramos apontar as características jornalísticas que fazem o acontecimento incidente com tubarões um evento tão notório. A cobertura, além conferir noticiabilidade ao fenômeno, construiu significados, esclarecimentos que influenciam comportamentos e validam ações de Estado.

Na análise das 66 notícias da *Folha de S. Paulo* e do *Jornal do Commercio*, identificamos que, na maioria das notícias, dos dois jornais, cada acidente é noticiado como um fato novo. Os veículos repetem uma narrativa fragmentada e não aprofundam informações sobre um problema que se repete há mais de trinta anos. Três temas centrais são constantes nas vozes especializadas: as prováveis causas dos incidentes, as comunicações de riscos e os tubarões.

Apesar da semelhança, os temas têm importância e peso distintos. Na *FSP*, o enfoque maior é nos possíveis fatores que desencadearam os incidentes. O jornal elenca de maneira equilibrada, em boa parte dos textos, que trazem depoimentos com pesquisadores tanto as intervenções humanas e condições naturais. A *FSP* propicia uma gama maior de informações ao associar os fatores entre si e ainda colocando em pauta a construção e operação do Porto de Suape.

No JC, as questões ambientais são silenciadas. É surpreendente que nenhuma notícia quente dos incidentes mencione as intervenções humanas. E aqui não estamos falando apenas do apagamento do Porto de Suape, mas de outros desequilíbrios provocados pelo homem e que também impactam o ambiente marinho, como a produção de lixo, esgotos não tratados, ocupação de áreas de mangue e de praia, pesca de arrasto entre tantos outros. Acreditamos que a opção de invisibilizar estes assuntos é uma decisão editorial, que reflete uma visão acrítica e comprometida com grandes grupos empresariais. O *Jornal do Commercio* faz parte do Grupo JCPM, um dos maiores conglomerados econômicos do estado, que além de meios de comunicação detém uma série de outros negócios, com foco em complexos imobiliários

Apesar de não haver consensos sobre os porquês de os incidentes se tornarem tão recorrentes em Pernambuco, há estudos atuais que apontam em algumas direções. Como do prof. Jonas Rodrigues e mesmo, pesquisas mais antigas como os do prof. Fábio Hazin. Existem inúmeras reportagens e textos científicos que contextualizam e explicam os incidentes, inclusive nos jornais utilizados na pesquisa, que podem ser acionados facilmente cada novo incidente, trazendo melhor complexificação das informações.

Entendemos que uma adequada representação noticiosa é atingida quando subsidiada por informações qualificadas e exposta a contraditórios. No jornalismo e no fazer científico, é comum a existência de controvérsias, debates que propiciam diferentes

interpretações, estimulam a identificação e a problematização do tema noticiado, produzindo múltiplos olhares. Questionar é uma característica essencial para a imprensa e para o desenvolvimento do conhecimento científico.

A análise das coberturas do *JC* e da *FSP* sobre os incidentes com tubarões revela como os veículos de imprensa podem, com base em uma mesma realidade factual, criar narrativas distintas que refletem tanto as suas linhas editoriais e pressões quanto as expectativas de seus respectivos públicos. Essas diferenças não apenas moldam a percepção do público sobre os fatos, mas também influenciam as respostas da sociedade e das autoridades aos problemas abordados.

O *JC* predomina enquadramentos que privilegiam as informações sobre a violência dos incidentes, perpetuando uma visão estigmatizante do problema. O jornal, ao focar nos tubarões e nos perigos, em detrimento de uma contextualização do problema, faz uma cobertura empobrecida que compromete o debate público.

As notícias, os alertas e as placas de sinalização estabeleceram novas representações sociais que endossaram a sensação de medo e contribuíram para mudanças de comportamento de uma comunidade, funcionando como mecanismo que teve o objetivo de mitigar os encontros entre tubarões e banhistas.

O medo é um sentimento muitas vezes manipulado pelos interesses políticos, principalmente em uma sociedade que convive em cidades que lideram rankings das mais violentas do mundo. Acreditamos que o sentimento de insegurança não deriva tanto do perigo de um incidente com tubarões, um evento raro, mas, sobretudo, da falta de clareza dos fatos. Nos acidentes com tubarões, difunde-se uma ameaça que paira sobre a praia, e a consequência é uma crise de confiança, onde o "inimigo" pode estar à espreita no mar, mesmo numa praia protegida por uma linha de arrecifes e quando a maré baixa forma piscinas quase sem água.

Ao contrário do que supomos, que com o passar dos anos haveria mais informações científicas disponíveis e uma maior complexificação das notícias, não é isso que constatamos. A partir de 2012, há uma diminuição na escuta de fontes científicas. A *FSP* opta por um texto-padrão, creditado a "estudos da UFRPE", onde enumera explicações que concentram os temas centrais do discurso científico, e nos últimos casos, o jornal concentra as respostas nas notas oficiais de CEMIT. Enquanto o *JC*, há uma

ausência sistemática das vozes especializadas. É preocupante a ausência de informações qualificadas por pesquisas em mais de 62% das notícias factuais analisadas. Em nenhuma notícia, da *FSP* e do *JC*, há mais de uma fonte científica. Outro ponto preocupante é a predominância de uma mesma fonte especializada. Em mais de 60% das notícias, o professor da UFRPE Fabio Hazin, um pesquisador especializado em tubarões, domina as menções nos textos.

A escolha das fontes é uma das atribuições dos veículos de comunicação, e a busca por uma pluralidade de vozes é um dos preceitos básicos do jornalismo. Ao recortar os incidentes através do enquadramento majoritário de uma fonte e de uma linha de pesquisa, as informações sobre os tubarões são amplificadas, detalhes sobre espécies e suas características são repetidas em vários textos. A janela por onde os jornalistas analisa os acontecimentos, como observa Gaye Tuchman (1999), fica restrita a alguns quadros, o que distorce a maneira como a realidade é observada e como esta é noticiada.

Acreditamos que, no caso dos incidentes com os tubarões, principalmente porque envolve uma importante área pública, a mídia não deve desistir de qualificar a discussão, subordinando as notícias a interesses não jornalísticos. Quando isto é aceito, "a ordem estabelecida passa a ser aceita como medida de todas as coisas, a sua mera reprodução na consciência converte-se em verdade" (Adorno, 2002, p. 87 *apud* Oliveira, 2020, p. 333).

Ao tempo que, informações sobre pesquisas relacionadas aos incidentes com tubarões devem ser disseminadas durante o processo de investigação científica e não apenas a reboque dos acontecimentos. Os acidentes com tubarões atraem muita mídia e em muitos casos, os meios de comunicação acionam fontes que que não tem pesquisas nem familiaridade com o assunto. Ao manter canais de divulgação, os especialistas além de democratizar o acesso ao conhecimento, permitem um entendimento melhor dos processos de pesquisas.

Por outro lado, a mídia é fator decisivo na construção de uma cultura de prevenção de riscos. A informação pode representar a diferença entre a vida e morte. Não é porque os incidentes não estão acontecendo que as informações de riscos devam sair da pauta do dia. As informações de riscos, os cuidados ao frequentar as praias da RMR, devem ser incorporadas à memória social da cidade para que a população desenvolva uma cultura de prevenção.

Os meios de comunicação têm o poder de amplificar temas no debate público, enquanto silenciam outros. No caso dos tubarões, a degradação ambiental foi e é invisibilizada. Os riscos ambientais tendem a ser complexos e, muitas vezes, incompreensíveis, características que dificultam o processo de construção da notícia, principalmente com base em um modo de produção guiado pela novidade e pelo factual.

É imperativo que, em 2024, quando o planeta enfrenta extremos climáticos nunca registrados, que a cobertura midiática sobre os incidentes discuta as intervenções humanas que provocam desequilíbrios ambientais. Um relatório do Painel Intergovernamental das Mudanças Climáticas da Organização das Nações Unidas (ONU), de 2021, apontou o Recife como a capital brasileira mais ameaçada pelo avanço do nível do mar e a 16ºcidade mais ameaçada do mundo.

É também por meio da comunicação que os jornalistas podem gerar alertas e chamar atenção da população para um debate público sobre destruição do ambiente marinho. O Jornalismo ao desconsiderar sua capacidade de visibilizar questões ambientais, assume que rompeu o compromisso com o interesse público. Pensar novos enquadramentos possíveis frente à crise dos tubarões é imperativo para que o jornalismo valorize sua capacidade de construção da realidade, e possibilite a sociedade um melhor entendimento de um problema que afeta tanta gente, capacitando a opinião pública a exigir intervenções de Estado, não apenas focadas em interditos, mas em ações que possibilitem a recuperação dos ambientes marinhos.

Latour (2020, p. 31) observa que nos últimos cinquenta anos, não reservarmos um lugar central à questão do clima e que o "negacionismo climático organiza toda a política do tempo presente e define a orientação da vida pública de um país". No seu último livro — *Onde aterrar* — atualizado durante a Coivid-19, o autor observa que o mundo conseguiu desacelerar a economia na pandemia, e afirma que a luta devia ser para que quando houvesse a retomada não se repetisse o mesmo regime climático de desenvolvimento. "Uma crise é sempre passageira-, mas uma mutação ecológica duradoura é irreversível" (Latour, 2020, p. 119).

Entendemos que ainda há muito a ser pesquisado sobre a problemática dos tubarões e seus impactos no ambiente praiano. As praias e o mar ainda são pouco

pesquisados pelas ciências sociais, apesar de ser um troca e permanência em cidades litorâneas como as nossas.

> Parece que os aludidos ambientes naturais, a partir do silêncio que as humanidades lhes devotaram, foram levados praticamente à categoria de não-lugares sociais e, por isso, objetos de reflexão exclusiva de biólogos e oceanógrafos, sendo consagrados enquanto territórios inóspitos aos pesquisadores sociais. Talvez, para muitos, a fluidez do mar e o movimento das ondas vindas do oceano, no fluxo e refluxo das marés, que alcançam as areias da praia, tenham decretado a eliminação de provas, vestígios, indicadores, modos de existências (até mesmo simples pegadas) que pudessem oferecer ricos elementos referentes à presença de sociedades humanas, de grupos sociais, através de suas culturas materiais e imateriais ao longo dos séculos, nesses espaços" (Ramalho, 2008, p. 228).

Esperamos que este trabalho seja um convite para que outras pesquisas se debrucem sobre as representações midiáticas da cobertura dos incidentes. A hegemonia de um discurso centrada no medo dos tubarões deve abrir espaços para a pluralização de vozes e da defesa do meio ambiente. O comportamento dos tubarões em Pernambuco deveria servir de alerta sobre projetos de desenvolvimento que impactam e destroem o meio ambiente.

10. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAMS, Charley. **Por que Steven Spielberg se arrepende de ter feito o filme 'Tubarão'**. BBC News Brasil. 2022. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/internacional-64018154

Adolescente sofre ataque de tubarão em Pernambuco. **Folha de S. Paulo**. Rio de Janeiro, 6 mar. 2023. Cotidiano.

Alerta para alto risco de ataque de tubarão. TUBARÃO Maré cheia, lua nova e água turva propiciam casos como o de ontem na zona sul. Surfista é a 54 vítima desde 1992. **Jornal do Commercio**. Recife, 30 jun. 2011. Cidades.

ALSINA, Miguel Rodrigo. **A construção da notícia**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2009.
ANGRIMANI, Danilo. **Espreme que sai sangue**. São Paulo: Summus, 1995.

AVINS, Jenni. **The city where the US played Germany today is the shark attack capital of Brazil.** Quartz. G/O Media's. New York. 26 jun. 2014. Disponível em: https://qz.com/226751/the-city-where-the-us-plays-germany-today-is-the-shark-attack-capital-of-brazil.

ARAÚJO, Rita de Cassia Barbosa de. **A praia e os dias: história social das praias do Recife e de Olinda**. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 2007.

Ataque de tubarões: 25 anos de medo nas praias. **Diário de Pernambuco**. Recife, 2017. Disponível em: https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/vidaurbana/2017/11/ataques-de-tubarao-25-anos-de-medo-nas-praias.html

BAUER, Martin; GASKELL, George. **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som:** um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2008.

BARBOSA *et al.* Análise do comércio formal e informal na Praia de Boa Viagem. In: **Revista de Gestão Costeira Integrada - Journal of Integrated Coastal Zone Management Lisboa**, Portugal, 2012. Disponível em: https://www.redalyc.org/pdf/3883/388340138008.pdf

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo.** São Paulo: Edições 70, 2011.

BRAIT, Beth. **Bakhtin**: Conceitos chaves. São Paulo: Contexto, 2021.

BARROS FILHO, Clovis de. **Ética na comunicação**. São Paulo: Summus, 2003.

Bombeiros evitam prática do surf em várias praias. **Jornal do Commercio**. n. 128. Recife, 8 maio 1999. Primeira Página.

Bombeiros reprimem prática do surf. Decreto de Jarbas Vasconcelos proíbe do esporte de Paulista ao Cabo. Ontem foram instaladas placas de advertência na faixa interditada. **Jornal do Commercio**. Recife, 8 maio 1999. Caderno de Cidades.

BUENO, Wilson da Costa. **Jornalismo Científico: teoria, prática e pesquisa.** São Paulo: JORCOM / Comtexto Comunicação e Pesquisa, 2022.

CALADO, Inês. Turista sofre ataque de tubarão em Fernando de Noronha. **Jornal do Commercio**. Recife, 21 dez. 2015.

CALDAS, Graça. (Org.). **Vozes e silenciamentos em Mariana: crime ou desastre ambiental**. Campinas, SP: BCCL/ Unicamp, 2017.

CAMPOS, Mayara; PIMENTEL, Ana Beatriz; TEIXEIRA, Simone. **Incidentes com tubarões em Pernambuco: Relatos de educação ambiental na praia.** In: WENCESLAU, Eliza Carminatti (Org.). Sustentabilidade: Conceito articulador de saberes e práticas. Vol 4. São José do Rio Preto: Reconecta Soluções Educacionais. 2024

CAVALCANTI, Mayara; MONTEIRO Renata. Mesmo Local, nova vítima. Tubarão: menos de dois meses do último incidente, jovem de 18 anos sobre ataque do animal, também na Praia de Piedade. **Jornal do Commercio**, Recife, ano 100, n. 155, 4 jun. 2018. Caderno Cidades.

CERVI, Emerson Urizzi; FAMA, Camila Montagner; CAMARGO, Isadora Ortiz de. **Temas de debate público e primeiras páginas dos jornais diários brasileiros.** Disponível em: https://www.academia.edu/1863241/2009_Revista_Comunica%C3%A7%C3%A3o_and_Pol%C3%ADtica_Temas_de_debate_p%C3%BAblico_e_primeiras_p%C3%A1ginas_dos_jornais_di%C3%A1rios_brasileiros. Acesso em: 13 jul. 2022.

CHARADEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise de discurso**. São Paulo: Contexto, 2020.

_____. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2009.

CHOQUEI. 03 de abril de 2023.X. @choquei. Disponível em: https://x.com/choquei/status/1643001497242705922

CORTECERTU, Jair dos Santos. Banhista de SP é atacado por tubarão em praia de Fernando de Noronha. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 31 dez. 2016. Cotidiano.

CORREIA, João Carlos. **A Teoria da Comunicação de Alfred Schütz**. Lisboa: Livros Horizonte, 2005.

Crespi, FRANCO. **Introdução a teoria do conhecimento**. Bauru-SP: EDUSC, 2000.

Criança de 8 anos é atacada por tubarão em Fernando de Noronha. Menina sofreu mordida na perna direita e foi transferida para hospital em Recife. **Folha de S. Paulo**. Rio de Janeiro, 29 jan. 2022. Cotidiano.

DIAS, Leo. 6 mar. 2023. Instagran. @leodias. Disponível em: https://www.instagram.com/reel/CpeGHrvqGYQ/?igshid=MDJmNzVkMjY%3D

Esportista é atacado por tubarão enquanto treinava em Boa Viagem. **Jornal do Commercio**, Recife, Ano LXXXIII, N264, 20 set. 1992.

FALCÃO, Verônica. Arquipélago é local de alimentação de tubarões. Pesquisa revela a ocorrência de tubarões machos é de baixo peso. **Jornal do Commercio**. Recife, 9 jan. 1996. Caderno de Ciência/Meio Ambiente.

FREYRE, Gilberto. **Guia Prático, Histórico e Sentimental da Cidade do Recife**. Rio de Janeiro: Global, 2007.

GRADIM, Anabela. **Comunicação e Ética. O sistema semiótico de Charles S. Peirce.** Covilhã, 2006.

_____. **Framing, o enquadramento das notícias.** Lisboa: Livros Horizonte, 2016.

GANGORRA, Alexandre. **Monstros marinhos, Cartografia Temática e as Grandes Navegações.** 2013. Disponível em: https://profalexandregangorra.blogspot.com/2013/10/monstros-marinhos-cartografia-tematica.html

GARRAZA, Maria Teresa Sabadá. Origen, aplicacion y limites de la teoria del enquadre (framing) em comunicación. Pamplona-Espanha. In: **Comunicación Y Sociedad**. v. XIV, n. 2, 2001, p. 143-175.

GUIBU, Fábio. Garoto achado morto em praia de Pernambuco foi atacado por tubarão, diz IML. **Folha de S. Paulo**. Recife, 10 set. 2009. Cotidiano.

_____. Tubarão arranca mãos de estudante. **Folha de S. Paulo**. Recife, 6 jan. 1995. Cotidiano.

_____. Tubarão arranca pé de surfista em Recife. **Folha de S. Paulo**. Recife, 26 jul. 1994. Cotidiano.

_____. Tubarão mata surfista em praia de Pernambuco. Lima teve a coxa esquerda dilacerada no ataque. **Folha de S. Paulo**. Recife, 3 dez. 1994. Cotidiano.

HABERMAS, Jürgen**. Consciência Moral e agir comunicativo**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

_____. **Direito e Democracia: entre facticidade e validade**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, volume II, 1997.

_____. **Mudança estrutural da Esfera Pública: Investigação quanto a uma categoria da sociedade burguesa**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, volume II, 2003.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro-RJ: Apicuri, 2013.

HAZIN, Fábio. Comciencia. Disponível em: https://www.comciencia.br/dossies-1-72/reportagens/litoral/lit19.shtml

JORGE, Thais Mendonça. **Notícias em fragmentos**. Florianópolis: Insular, 2015.

JOVCHELOVICHIT, Sandra. **Representações Sociais e Esfera Pública. A construção simbólica dos espaços públicos no Brasil**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2000.

LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia. **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. – 3. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

LATOUR, Bruno. **Onde aterrar. Como se orientar politicamente no antropoceno.** 1. Ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

LIPPMANN, Walter. **Opinião Púbica**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2008.

MAFFESOLI, Michel. O imaginário é uma realidade. Entrevista concedida a Juremir Machado da Silva, **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n. 15, agosto, 2001, p. 75.

Mais um ataque de tubarão no grande Recife, em Piedade. **Jornal do Commercio**. Recife, 6 mar. 2023. Primeira Página.

MARCONDES, Danilo**. Filosofia, linguagem e comunicação**. São Paulo-SP: Cortez, 2000.

MASSARANI, Luisa. **Monitoramento e capacitação em jornalismo científico: a experiência de uma rede ibero-americana.** Rio de Janeiro: Museu da Vida / Casa de Oswaldo Cruz / FIOCRUZ; Ciespal, 2012.

MEDAGLIA, Thiago. Praia do Medo. **National Geographic**. n. 169. abril, 2014.

MEDITSCH, Eduardo; NOGUEIRA, Rose Dayanne Santana; GUIMARÃES, Nicole. **Comunicação e pedagogia emancipatória**, Volume 2: Memória da disciplina Paulo Freire e a Comunicação no PPGCom da FAC UnB; Florianópolis-SC: Insular, 2022.

MELO, Jamildo. Ataques prejudicam turismo. Os empresários do setor temem a repercussão negativa. **Jornal do Commercio**. Recife, 11 dez. 1994. Cidades.

MENDONÇA, Ricardo Fabrino; SIMÕES, Paula Guimarães. Equadramento: Diferentes operacionalizações analíticas de um conceito. **Revista Brasileira de Ciências Sociais** - v. 27, n. 79, 2012.

MIRANDA, Clarissa Mazon. **Fontes Jornalísticas em *Veja***: enquadramento como estratégia de noticiabilidade em pautas do clima e meio ambiente. Orientadora: Rejane de Oliveira Pozobon. 2012. 139f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Departamento de Ciências da Comunicação. Universidade Federal de Santa Maria, 2012. Disponível em: https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/6335/MIRANDA%2c%20CLARISSA%20MAZON.pdf. Acesso em: 4 jul. 2022.

MORAES, Katarina. Criança é mordida por tubarão em Fernando de Noronha, em Pernambuco A menina foi inicialmente socorrida para o Hospital São Lucas, no arquipélago. Depois, transferida para o Recife por meio de resgate aéreo. **Jornal do Commercio**. Recife, 28 jan. 2022.

MOLOTCH, Harvey; LESTER, Marilyn. As notícias como procedimento intencional: acerca do uso estratégico dos acontecimentos de rotina, acidentes e escândalos. In: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo**: questões, teorias, "estórias". Lisboa: Vega, 1993, p. 34-53.

MORAES, Fabiana. **A pauta é uma arma de combate**. Porto Alegre: Arquipélago, 2022.

MORAES, Katarina. Banhista morre após ser atacado por tubarão na Igrejinha de Piedade, no Grande Recife, neste sábado (10). A vítima, um auxiliar de serviços gerais, chegou a ser levada até o Hospital da Restauração (HR) no Derby, Centro do Recife, mas não resistiu aos ferimentos. **Jornal do Commercio**. Recife. 10 jul. 2021. Disponível em https://jc.ne10.uol.com.br/pernambuco/2021/07/12619928-banhista-e-atacado-por-tubarao-na-igrejinha-de-piedade-no-grande-recife-neste-sabado-10.html. Acesso em: 19 jul. 2022.

MORAES, Katarina. Mortes no mar expõe falhas de bombeiros. Subtítulo: Afogamento: caso de dois jovens, em Boa Viagem, mostra falta de estrutura para salvamento e também a imprudência de banhistas. **Jornal do Commercio**. Recife, Pernambuco, ano 94, n. 270. 26 set. 2012. Cidades.

MOTA, Paulo. Tubarão ataca surfista na praia em PE. **Folha de S. Paulo**. Recife, 19 maio 1997. Cotidiano.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Enquadramentos lúdico-dramáticos no jornalismo**: mapas culturais para organizar conflitos políticos. Intexto, Porto Alegre: UFRGS, v. 2, n. 17, p. 1-25, 2007.

_____. **Análise Crítica da Narrativa.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

_____. **A análise pragmática da narrativa jornalística**. Intercom. Disponível em: https://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/105768052842738740828590501726523142462.pdf

NASCIMENTO, Rayana Mendonça do; RODRIGUES, Ana Cláudia da Silva. "Ataques de tubarões": Relações multiespécie e gênero nas praias de Pernambuco-Brasil. **Revista Ñanduty**, *[S. l.]*, v. 9, n. 13, p. 254–271, 2021. DOI: 10.30612/nty.v9i13.15550. Disponível em: https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/nanduty/article/view/15550. Acesso em: 4 jul. 2022.

NEFF, Cristopher; HEUTER, Robert. Science, Policy, and the Public Discourse of Shark 'Attack': A Proposal for Reclassifying Human-Shark Interactions. In: **Journal of Environmental Studies and Sciences**, 2013. Disponível em: https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=2233814

NETO, Felipe. 3 abr. 2023. X. @felipeneto Disponível em: https://twitter.com/felipeneto/status/1643002438977241092?s=48&t=gu3kO8aDFGI9qjZWBK8vWw.

Novo ataque de tubarão apavora banhista. **Jornal do Commercio**. Recife, ano LXXXIII, n. 288. 15 out. 2002. Primeira Página.

Novo ataque em Piedade. Estudante José Ernesto, de 18 anos. Ele teve perna e parte dos órgãos genitais amputados após ser mordido por tubarão. **Jornal do Commercio**. Recife, Pernambuco, ano 100, n. 155. 4 jun. 2018. Primeira Página**.**

OLIVEIRA, Fabiola de. **Jornalismo Científico**. São Paulo: Contexto, 2004.

ORLANDI, Eni Puccinelli, **As Formas do Silêncio:** no movimento dos sentidos. Campinas-SP: Editora Unicamp, 2007.

PEACE, Adrain. **Sharks aren't criminals, but our fear makes us talk as if they are.** The Conversation. 26 jan. 2015.

PERNAMBUCO. Secretaria de Defesa Social. Comitê Estadual de Monitoramento de Incidentes com Tubarões. **Estatísticas continente**. Recife, 2022. Disponível em: https://www.sds.pe.gov.br/images/ESTAT%C3%8DSTICAS/ESTAT%C3%8DSTICA_-_CONTINENTE/ESTAT%C3%8DSTICA_64%C2%BA_INCIDENTE_-_CONTINENTE.pdf . Acesso em 19 de julho de 2022

Placas orientam surfistas e banhistas em Boa Viagem. **Jornal do Commercio**. Recife, 20 set. 1994.

PERNAMBUCO, **Decreto Nº 18.313.** Disciplina o uso de embarcações miúdas nas Praias do Estado de Pernambuco. Ano LXXII, n. 6. p. 4, 7 jan. 1995. Disponível em: http://200.238.101.22/docreader/docreader.aspx?bib=DO_199501&pasta=Dia%2005&pagfis=181

PERNAMBUCO, **Decreto Nº 21.402**, Estabelece a interdição, para pratica de *surf e bodyboard* e atividades náuticas similares, de área da orla marítima do Estado que indica; disciplina sua fiscalização e dá outras providências. Ano LXXVI, n. 84, p. 3. 7 maio 1999. Disponível em: http://200.238.101.22/docreader/docreader.aspx?bib=DO_199905&pasta=Dia%2006&pagfis=475.

PITOMBO, João Pedro. Homem fica ferido após ataque de tubarão em praia de Pernambuco. Este é o segundo ataque de tubarão registrado em julho na Praia de Piedade, em Jaboatão dos Guararapes. **Folha de S. Paulo**. Recife, 25 jul. 2021. Cotidiano.

PORTO, Maria Stela Grossi, Mídia, segurança pública e representações sociais**. Tempo Social**, v. 21, 2009, p. 211-233. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ts/a/SZBLdn3t3YNTphwRg7QCdPF/?lang=pt.

PORTO, Mauro P. **Enquadramentos da Mídia e Política.** Trabalho apresentado ao XXVI Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais – ANPOCS, Caxambu-MG, 2002. Disponível em: http://www.anpocs.com/index.php/encontros/papers/26-encontro-anual-da-anpocs/gt-23/gt09-13/4400-mporto-enquadramentos/file Acesso em: 13 jul. 2022.

Pranchas de surf são apreendidas na praia de Piedade. **Jornal do Commercio**. Recife, 9 jul. 1995. Primeira Página.

Provável tubarão esfacela homem em Boa Viagem. **Jornal do Commercio**. Recife, Pernambuco, ano LXXVIII, n. 260. 17 set. 1997. Primeira Página.

QUIZZ ALBERT. **Qual é a praia mais perigosa do Brasil**. 31.12.2023. Instagram: @quizzalbert. Disponível em: https://www.instagram.com/reel/C1hRD1fI7vw/?igsh=b3B0M2l0cGRqbG94. Acesso em: 12 mar. 2024.

RAMALHO, C. **Histórias sociais feita à beira mar, as praias e os dias**: história social das praias do Recife e de Olinda. RURIS (Campinas, Online), [S.l.], v. 2, n. 2, 2022. Disponível em: https://doi.org/10.53000/rr.v2i2.679

RAMOS, Silva. **Mídia e Violência: tendências na cobertura de criminalidade e segurança no Brasil.** Rio de Janeiro: IUPERJ, 2007.

ROCHA, Heitor Costa Lima; MARROQUIM, Rafael Salviano Marques. O papel do jornalismo no processo democrático: A ética do discurso como essência da democracia deliberativa. **Estudos em Comunicação.** n. 9, 2011, p. 143-160.

ROCHA, Heitor Costa Lima**. Notícia e referências de objetividade e intersubjetividade e contradição na ideologia do profissionalismo jornalístico.** 2021. Disponível em: https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ancora/article/view/60820

ROCHA, Heitor Costa Lima da**. Verdade e rigor no Jornalismo: A intersubjetividade como referência na construção da notícia.** Estudos em Comunicação, Covilhã, v. 2, 2007, p. 171-183.

RODRIGUES, Jonas Eugênio da Silva. **A Problemática de Incidentes com Tubarões em Pernambuco**. 2019. 138f. Tese (Doutorado em Recursos Pesqueiros e Agricultura) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2019. Disponível em:

https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=8032421. Acesso em: 20 jun. 2022.

ROTHBERG, Danilo. **Enquadramento e metodologia de crítica de mídia**. 5 Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. 2007. Disponível em: http://sbpjor.org.br/admjor/arquivos/coordenada_5_._danilo_rothberg.pdf Acesso em: 13 jul. 2022.

SANTOS, Carlos Eduardo. Tubarão: duas décadas de pesadelo no mar de Pernambuco. Nesses 20 anos, 55 pessoas foram atacadas, mas há quem defenda que esse número pode chegar a 100. **Jornal do Commercio**, Recife, 23 jun. 2012. Disponível em: https://jc.ne10.uol.com.br/canal/cidades/geral/noticia/2012/06/23/tubarao-duas-decadas-de-pesadelo-no-mar-de-pernambuco-46549.php.

SANTOS, Marina Silva dos. **Tubarões: perigosos ou em perigo? Uma análise da percepção pública.** Universidade Federal do Ceará, 2017.

SAUL, Heather. World Cup 2014: fans in Brazil warned of Shark attacaks in Recife, home to one of the most dangerous waters in the world to swim. **The Independent**. 14 jun. 2014. Disponível em: https://www.independent.co.uk/sport/football/international/world-cup-2014-fans-in-brazil-warned-of-shark-attacks-in-recife-home-to-one-of-the-most-dangerous-waters-in-the-world-to-swim-9537238.html.

SCHMITZ, Aldo Antonio. **Fontes de notícias: ações e estratégicas das fontes no jornalismo.** Florianópolis: Combook, 2011.

SCHUDSON, Michael. **Descobrindo a notícia: Uma história social dos jornais nos Estados Unidos.** Petrópolis-RJ: Vozes, 2010.

SERRA, J. Paulo. **Informação e Sentido – O estatuto epistemológico da informação**. Covilhã: Serviços Gráficos da Universidade da Beira Interior, 2003.

SILVEIRA, Patrícia; MARÔPO, Lídia. Jornalismo e Construção Social da Realidade: Um contributo para o debate teórico. In: **Revista Comunicando,** v. 3, 2014, p. 7-19.

SOARES, Roberta. Igrejinha de Piedade: mais uma vez reduto de ataques de tubarão. Entenda a razão. O ponto já era considerado o mais crítico de todo o litoral pernambucano. Dos 63 ataques registrados em Pernambuco desde 1992, 13 foram no local. **Jornal do Commercio**. Recife, 25 jul. 2021. Cidades

SOUZA, Alice; NASCIMENTO, Anamaria; OLIVEIRA, Wagner. Ataques de tubarão: 25 anos de medo nas praias. Um quarto de século após início dos ataques de tubarão em Pernambuco, estado tem geração que não toma banho de mar, enquanto cientistas seguem tentando entender o fenômeno. **Diário de Pernambuco**. Recife, 21. Novembro. 2017

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo – Vol. 1:** porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2005.

_____. **Teorias do Jornalismo 2:** A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transacional. Florianópolis: Insular, 2005.

_____. **Jornalismo: questões, teorias e outras "estórias**". TRAQUINA, Nelson (org.). Florianópolis: Insular, 2016.

Toma que o tubarão é teu. Charge, **Jornal do Commercio**. Recife, 22 set. 1994.

Tubarão assassino em Boa Viagem. Sete dias antes do ataque de tubarão ao esportista Eduardo da Cruz, foi encontrado o corpo de um rapaz, na mesma área em Boa Viagem, com lesões idênticas, provocadas por animais marinhos. O diretor do IML revelou que ainda não é possível apresentar um diagnóstico da *causa mortis*. **Jornal do Commercio**. Recife, Pernambuco, ano LXXIII, n. 266, 19 set. 1992. Capa do Caderno de Cidades

Tubarão ataca e mata turista em Boa Viagem. **Jornal do Commercio**. Recife, ano LXXV, n. 184. 3 jul. 1993. Capa Caderno de Cidades.

Tubarão ataca banhista. O comerciante Luiz Soares de Arruda desapareceu no início da tarde de ontem, quando tomava banho de mar com dois enteados, a 20 metros da praia. **Jornal do Commercio**. Recife, Pernambuco, ano LXXXIII, n. 288 15 out. 2002. Capa do Caderno de Cidades.

Tubarão faz a 59 vítima em 21 anos. Boa Viagem: Turista de 18 anos, vinda de São Paulo, teve perna mutilada e corre risco de morrer. Ela foi levada a UPA da Imbiribeira, e depois transferida para o HR, onde passou por cirurgia e está na UTI. **Jornal do Commercio**. Recife, Pernambuco, ano 95, n. 204. 23 jul. 2013. Capa do Caderno de Cidades.

Tubarão mata mais um banhista. Subtítulo: Braço dilacerado foi encontrado em frente ao edifício Acaiaca, segunda feira. Identidade não foi confirmada, mas há suspeitas de que trata-se do estudante Carlos Brasileiro. **Jornal do Commercio**. Recife, Pernambuco, ano LXXI, n. 66. 7 mar. 2001. Caderno de Cidades.

TUCHMAN, Gaye. A objectividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objectividade dos jornalistas Jornalismo: Questões, Teorias e Estórias. In: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo**: questões, teorias e "estórias". 2. ed. Lisboa: Vega, 1999, p. 74-90.

Turista é vítima de ataque de tubarão em Fernando de Noronha A informação foi confirmada pelo Corpo de Bombeiros. A vítima não teria sofrido lesões. **Jornal do Commercio**. Recife, 30 dez. 2016.

Turista tem parte do braço amputado após 1º ataque de tubarão em Noronha. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 22 dez. 2015. Cotidiano.

VAN DIJK, Teun A., **discurso, notícia e ideologia:** Estudos na análise crítica do discurso. Universidade do Minho. Edições Húmus, 2017.

VOLÓCHINOV, Valentin (Círculo de Bakhtin). **Marxismo e Filosofia da Linguagem-Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. São Paulo. Editora 34, 2017.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. Lisboa. Presença. 1987.